Organizadoras:
Luciana Bosco e Silva
Andriza Maria Teodolino de Andrade

ArtCulAção

Arte, Cultura e Ação na UFV:

Múltiplas perspectivas na produção cultural universitária

Organizadoras:
Andriza Maria Teodolino de Andrade
Luciana Bosco e Silva

Viçosa / MG
2021

SUMÁRIO

SUMÁRIO

NÚCLEO DE ESTUDOS E PRÁTICAS ARTÍSTICO CORPORAIS: A PRÁXIS ARTÍSTICA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO CULTURAL.

Andréa Bergallo Snizek[1]
Camila Oliveira[2]

INTRODUÇÃO

As artes corporais vêm ocupando um lugar de destaque em estudos de diversas áreas do conhecimento – antropologia, sociologia, psicologia, filosofia, comunicação e artes (nesta é objeto de sua própria investigação) – e pressupõe a complexidade das ações corpo-comunicativas, visto que suas estratégias e potenciais se sustentam nas representações de seus atores sobre si e o outro, o mundo. Essas mudanças no campo, gradativamente, reivindicam mais do que somente análises e representações da obra, do "produto", destacando a importância dos processos de sua construção. A dança como área do conhecimento, inaugura sua legitimação, no Brasil em 1956[3], na Universidade Federal da Bahia. As duas últimas décadas foram marcadas pelo aumento significativo quanto à oferta de novos cursos do gênero no ensino superior. Na última década, as graduações (bacharelado e licenciatura) na área aumentaram de 12 para 36 no Brasil. Entre eles, o Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa, o primeiro do Estado de Minas Gerais, criado em 2001. Essa transformação das formas de profissionalização no campo das artes corporais/dança vem dinamizando e potencializando a qualidade e a

[1] Intérprete-criadora independente e pesquisadora de dança e artes performativas. Realizou pesquisa Pós-Doutoral e Doutorado em Motricidade Humana/Dança pela Universidade de Lisboa/Faculdade de Motricidade Humana. Especialista em Educação Psicomotora, pelo Instituto Brasileiro de Medicina e Reabilitação (RJ). Professora Adjunta do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa/MG. Líder do Grupo de Pesquisa – Artes da Cena Contemporânea (CNPq). Diretora Geral e Artística do Núcleo de Estudos e Práticas Artístico Corporais (NEPARC). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/7475182715030806

[2] Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa. Bacharel e Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (2011-2019). Atualmente é pesquisadora no Grupo Artes da Cena Contemporânea: corporeidade, educação e política (CNPq/MEC) e atua como Diretora de Produção e Intérprete-criadora do Núcleo de Estudos e Práticas Artístico Corporais (NEPARC). Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/0601474281070817

[3] Ver: http://www.danca.ufba.br/

produção de pesquisas, de projetos de extensão e de ensino exigindo dos profissionais do campo atenção redobrada para com os seus projetos políticos pedagógicos.

Os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de bacharelado e licenciatura, conforme exigências do Ministério da Educação, buscam promover e estimular ações interdisciplinares e entre diferentes áreas de formação. Esses corpos/sujeitos e seus projetos e processos criativos, a cada encontro, criam uma ambiência de questionamentos e reflexões críticas indispensáveis ao desenvolvimento humano na sociedade brasileira.

A DANÇA NA UNIVERSIDADE NO BRASIL

Quanto ao contexto acadêmico mineiro, especificamente, o do Curso de Dança, da Universidade Federal de Viçosa[4], seus projetos pedagógicos, como os de outras instituições passam por constantes atualizações, em especial, referentes aos investimentos do Governo/Ministério de Educação, que busca ampliar a democratização dos conhecimentos desenvolvidos/produzidos na universidade.

As ofertas de Editais[5] de fomento a ações de extensão, aumentaram significativamente, entre 2010 e 2014. E, por mais que essa mudança tenha beneficiado o desenvolvimento e a democratização de projetos artístico-acadêmicos naquele contexto, ainda assim, no país, na região, as ações artísticas seguem sendo as primeiras atividades a sofrerem os cortes, a margem da contenção de recursos.

Por outro lado, segundo Cravell (2014), este aumento considerável de editais/concursos transformou, em parte, os modos de artistas, pesquisadores e estudantes buscarem recursos/condições para a viabilização de suas produções artísticas dentro e fora da universidade[6]. Este foi o contexto de criação do NEPARC, que desde então funciona como agente de encontros, desenvolvendo e democratizando práticas de conhecimentos artísticos, arte educativos, técnicos, administrativos e de produção cultural.

NÚCLEO DE ESTUDOS E PRÁTICAS ARTÍSTICO-CORPORAIS (NEPARC)

O NEPARC tem como propósito a produção de conhecimento através da construção de espetáculos de Dança, Performance e estudos de novas linguagens e tecnologia. Suas pesquisas e concretizações vem gerando ações como oficinas, minicursos, workshops e palestras que visam o compartilhamento dos conhecimentos alcançados com comunidades e/ou cidades pouco contempladas. O NEPARC funciona no Departamento de Artes e Humanidades, sede do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa

---

[4] Ver: http://www.dan.ufv.br/

[5] Editais em vigor de fomento à Projetos de Extensão e Cultura aplicados na Universidade Federal de Viçosa: PROEXT, ProCultura, PIBEX, FUNARBEX, MAIS CULTURA, entre outros.

[6] Ver: Siqueira & Snizek (2013).

(Viçosa/MG), com a direção geral e artística de Andréa Bergallo Snizek. O Projeto NEPARC teve financiamento PROEXT – Governo Federal, 2013 e 2015. Iniciou suas ações, como a construção de seu repertório artístico em 2012, com a criação de seu primeiro espetáculo, chamado "Por enquanto é isso...", que contou com trabalhos de renomados coreógrafos, o carioca Alex Neoral (FÓCUS CIA DE DANÇA/RJ), o do mineiro Vanilto Alves de Freitas, o Lakka, de Uberlândia, da premiada coreógrafa baiana, Ana Vitória e de Andréa Bergallo. Finalizou essa turnê de espetáculos, oficinas e palestras, em 2013, depois de circular por diversas cidades de Minas Gerais. O NEPARC participou da criação e realização das edições I e II da MOSTRA ARTES DA CENA CONTEMPORÂNEA, respectivamente nos anos de 2013 e 2015. Em 2015, estreou o espetáculo "Achados e Perdidos", composto por criações de Andréa Bergallo e de Camila Oliveira. Esse espetáculo circulou por diversas cidades de Minas Gerais e no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro e, em paralelo, concretizou ações como projetos escola, levando o espetáculo, debates e oficinas para escolas públicas da região. Produziu seu primeiro videodança, apresentado em São Paulo e Lisboa (2016). Foi selecionado e se apresentou no 8º Festival Internacional de Vídeo, Performance e Tecnologias, em Lisboa, Portugal, com a instalação cênica Planta Baixa, onde ofereceu oficinas e palestras. Em 2017 realizou parceria com o Festival do Minuto/SP, através da organização e produção do evento na região. É também responsável, em parceria com o Departamento de Artes e Humanidades pelas produções do II e III Seminário Argumentos do Corpo (2011 e 2015).

O NEPARC serve ao contexto acadêmico, especificamente como fonte de dados para o desenvolvimento de pesquisas de ensino, pesquisa e extensão. Funciona com carga horária de aproximadamente 20h semanais, considerando as seguintes ações: aulas de dança e preparação corporal; produção artística e administrativa; efetivação de projetos de extensão e pesquisa como Procultura, PIBIC, Funarbic, entre outros; criações e apresentações de espetáculos; circulações intermunicipais e interestaduais com os espetáculos, oficinas e palestras; organização e concretização de eventos artísticos e acadêmicos; estudos aplicados de arte e multimídia através do Laboratório de Tecnologias e Performance (LTP).

O NEPARC concorreu e foi contemplado com o Edital/Concurso PROEXT, em 2013 e 2015. Para além do PROGRAMA PROEXT – Governo Federal, foram fundamentais as colaborações e os usos dos sistemas criados e administrados pela Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE) e pelos recursos obtidos através dos editais/concursos ofertados pela FAPEMIG que viabilizaram a realização do II e III Seminário Argumentos do Corpo.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DE 2017 a 2020

Residência Coreográfica Planta Baixa

EVE-2979/2020 – 10/08/2020 a 15/12/2020

A proposta tem por objetivo desenvolver, democratizar e divulgar de forma remota/on-line pesquisas/criações em dança e performance e assim fomentar discussões e ações sobre a função social das artes corporais na construção do conhecimento em diferentes instâncias do fazer artístico no ensino formal. A partir da proposta de instalação cênica Planta Baixa surge a possibilidade de construir coletivamente, ainda que em isolamento social, a estrutura imaginária de uma casa que integra as memórias e afetos de cada participante, possibilitando um re-organizar e manipular o espaço ocupado no dia a dia a partir de uma estrutura de movimentos artísticos baseados em ações do cotidiano.

Residência Coreográfica On-Line

EVE-2977/2020 – 10/08/2020 a 15/12/2020

A residência coreográfica objetiva desenvolver, democratizar e divulgar pesquisas/criações em dança e performance e assim fomentar discussões e ações sobre a função social das artes corporais na construção do conhecimento em diferentes instâncias do fazer artístico, como no ensino formal e informal. A partir da coreografia On-Line, que aborda questões relativas às formas de relações na contemporaneidade, os participantes terão a oportunidade de conhecer de forma remota o espetáculo que apresenta uma reflexão sobre as transformações promovidas pela tecnologia, em especial sobre os modos como as pessoas criam um espaço coletivo com base em individualidades praticando os processos utilizados para sua construção.

DEBATE Artes da Cena em Debate On-line 2: preparação corporal para a dança e performance, dimensões poéticas e políticas

EVE-2732/2020 – 03/06/2020 a 16/06/2020

Ampliar a democratização de conhecimentos sobre a dança como área de conhecimento através de três encontros com debates entre pesquisadores, intérpretes criadores e coreógrafos de forma remota/on-line sobre preparação corporal em dança e performance, dimensões poéticas e políticas.

DEBATE Artes da Cena em Debate On-line 1: preparação corporal para a dança e performance, dimensões poéticas e políticas

EVE-2658/2020 – 26/05/2020 a 02/06/2020

Ampliar a democratização de conhecimentos sobre a dança como área de conhecimento através de três encontros com debates entre pesquisadores, intérpretes criadores e coreógrafos de forma remota/on-line sobre preparação corporal em dança e performance, dimensões poéticas e políticas.

RESIDÊNCIA Composição em Dança e Performance On-line

EVE-2729/2020 – 20/04/2020 a 31/07/2020 – Público envolvido: 1.000 pessoas

A residência realizada em encontros virtuais contou com a participação da artista e coreógrafa Ana Vitória Freire e teve como proposta desenvolver e aprofundar conhecimentos sobre composição em dança e performance de forma on-line. Visando a democratização de processos de criação, como produção de conhecimento, a partir de ferramentas virtuais e plataformas digitais. Perspectiva em conformidade com a realidade do advento da COVID19. Durante a residência foram produzidos conteúdo para compartilhamento posterior em encontros, congressos e eventos, começando pelo trabalho sobre Cogumelos e Goiabas que fará parte da programação do Festival Dança em Trânsito, exibido pela plataforma do evento na categoria SOLOS ON I nos dias 16 e 21 de agosto de 2020.

RESIDÊNCIA Coreográfica: Diálogos sobre a dança como área de conhecimento

EVE-3358/2019 – 26/08/2019 a 31/08/2019 – Público envolvido: 50 pessoas

Estudos Interdisciplinares de Dança Contemporânea e Composição Coreográfica com Mickael Veloso, dando continuidade às atividades iniciadas na Residência coreográfica realizada em abril de 2019.

PROJETO ESCOLA – Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC) Dr. Altamiro Saraiva

19/08/2019 – Público envolvido: 40 pessoas

Apresentação do trabalho Cópia, do coreógrafo Vanilton Lakka/UFU/MG para os alunos da Educação para Jovens e Adultos do CESEC Dr. Altamiro Saraiva.

PROJETO ESCOLA – Escola Municipal Padre Francisco José da Silva

21/08/2019 – Público envolvido: 150 pessoas

Apresentação do trabalho Cópia, do coreógrafo Vanilton Lakka/UFU/MG para os alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Padre Francisco José da Silva junto às crianças atendidas pela Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa (APOV).

RESIDÊNCIA Coreográfica Internacional: Eduardo Torroja/Madrid

EVE-3313/2019 – 29/07/2019 a 02/08/2019 – Público envolvido: 30 pessoas

Pesquisa coreográfica sobre o repertório da Cia Última Vez (Bélgica): espetáculos “What The Body Does Not Remember”, “Les porteuses de mauvaises nouvelles” e “The weight of a hand”.

RESIDÊNCIA Coreográfica CÓPIA

Data: 25/07/2019 a 28/07/2019 – Público envolvido: 30 pessoas

O 31º Inverno Cultural UFSJ aconteceu de 20 a 28 de julho de 2019 em São João Del Rei, onde integrantes do NEPARC ministram a Residência Coreográfica Cópia, no Prédio Central do Campus Santo Antônio/UFSJ, do coreógrafo Lakka (UFU/MG).

CÓPIA – Mostra Diversidade em Dança Viçosa/MG

EVE-3028/2019 – 05/07/2019 – Público envolvido: 600 pessoas

A Mostra Diversidade em Dança reuniu cerca de 500 bailarinos entre profissionais e amadores no Espaço Fernando Sabino, na UFV em um evento gratuito. O NEPARC apresentou Cópia, do coreógrafo Vanilton Lakka/UFU/MG, com participação do coreógrafo e de bailarinos convidados do Grupo Impacto de Danças Urbanas.

FESTIVAL CULTURAL ARTEIROS DE CARATINGA

Data: 21/06/2019 a 22/06/2019 – Público envolvido: 300 pessoas

Ofereceu Oficinas de Dança Contemporânea (Prof. Ronaldo Mansur), de Dança de Salão (Prof. Vinícius Monteiro) e com a apresentação do Espetáculo Achados e Perdidos – Coreografia On-line, de Andréa Bergallo.

RESIDÊNCIA Coreográfica: Diálogos sobre a dança como área de conhecimento com MICKAEL VELOSO/RJ

EVE-2557/2019 – 24/04/2019 a 28/04/2019 – Público envolvido: 70 pessoas

Estudos Interdisciplinares de Dança Contemporânea e Composição Coreográfica com Mickael Veloso (montagem de espetáculo).

CURSO DE MANUTENÇÃO E APERFEIÇOAMENTO EM DANÇA

CUR-261/2019 – 12/03/2019 a 05/07/2019 – Público envolvido: 50 pessoas

Aulas de Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança (1º semestre) de Balé Clássico, de Dança Contemporânea e de Preparação Corporal para o NEPARC e abertas à comunidade acadêmica.

RESIDÊNCIA Coreográfica CÓPIA

CUR-092/2019 – 13/01/2019 a 18/01/2019 – Público envolvido: 15 pessoas

O projeto Cópia, uma conexão entre alunos da UFU, da UFV e entre integrantes do Projeto NEPARC/UFV.

CURSO INTENSIVO DE VERÃO: MÓDULO II

CUR-093/2019 – 07/01/2019 a 25/01/2019 – Público envolvido: 20 pessoas

Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança: oferecimento de aulas de Balé Clássico com a Profª Jussara Braga.

CURSO INTENSIVO DE VERÃO: MÓDULO I

CUR-094/2019 – 07/01/2019 a 25/01/2019 – Público envolvido: 20 pessoas

Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança: oferecimento de aulas de Dança Contemporânea com os professores: Jean Carlo e Rafael Escolástico.

RESIDÊNCIA Coreográfica CÓPIA

EVE-2347/2018 – 08/11/2018 a 13/11/2018 – Público envolvido: 15 pessoas

Projeto Cópia UFU – Conexão – UFV.

Seminário Modos de práticas e mediação nas artes da Performance/Dança: Produzir Dança no Contexto Contemporâneo Brasileiro

EVE-1704/2018 – 15/09/2018 – Público envolvido: 18 pessoas

Seminário aberto e gratuito, com palestra ministrada pela Diretora de Produção Marcella Alves, sobre a função do produtor cultural na estruturação de espetáculos/ performances no contexto contemporâneo, tendo como referência a experiência com a FOCUS CIA DE DANÇA (RJ).

Seminário Modos de práticas e mediação nas artes da Performance/Dança: Reconstruindo a Dança através dos Viewpoints

EVE-1661/2018 – 03/09/2018 – Público envolvido: 35 pessoas

O Seminário Modos de práticas e mediação nas artes da Performance/Dança: A reconstrução da Dança através dos Viewpoints, ministrado pela Professora Dra. Fátima Wachowicz (UFBA) tem programação aberta e gratuita, composta por aulas práticas e palestra de Fátima Wachowicz e apresentação artística de Thainá Carvalho.

II Seminário Corpo, Imaginário, Linguagem – artes da performance e multimídia

EVE-510/2018 – 26/04/2018 a 27/04/2018 – Público envolvido: 100 pessoas

A primeira edição do evento aconteceu em janeiro de 2017, na Universidade de Lisboa/FMH, Portugal. Convidados: Professores Dr. Daniel Tércio, da Universidade de Lisboa/Faculdade de Motricidade Humana e Dr. Leonel Brum, da Universidade Federal do Ceará. Palestras gratuitas e abertas ao público.

ESPETÁCULO Achados e Perdidos

Zás - Teatro da Assembleia Legislativa de Minas Gerais – 12/04/2018 – Público envolvido: 140 pessoas

Selecionado pelo Edital Zás, o NEPARC apresentou no Teatro da Assembleia de Belo Horizonte o espetáculo Achados e Perdidos.

CURSO INTENSIVO DE VERÃO MÓDULO III

CUR-178/2018 – 19/02/2018 a 02/03/2018 – Público envolvido: 15 pessoas

Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança: oferecimento de aulas de Balé Intermediário com Profª Jussara Braga e de Dança Contemporânea com Prof. Cleison Lana.

CURSO INTENSIVO DE VERÃO MÓDULO II

CUR-027/2018 – 22/01/2018 a 02/02/2018 – Público envolvido: 15 pessoas

Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança: oferecimento de aulas de Balé Intermediário com Profª Jussara Braga e de Dança Contemporânea com Prof. Cleison Lana.

CURSO INTENSIVO DE VERÃO MÓDULO I

CUR-022/2018 – 08/01/2018 à 19/01/2018 – Público envolvido: 15 pessoas

Manutenção e Aperfeiçoamento em Dança: oferecimento de aulas de Balé Intermediário (Profª Gabrielly Costa) e de Dança Contemporânea (Prof. Jean Carlo Nascimento).

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA Habitar a cidade com Mono-Blocos

EVE-1585/2017 – 10/09/2017 à 13/09/2017 – Público envolvido: 30 pessoas

Mono-Blocos, obra de Vanilton Lakka, tensiona a relação corpo cidade considerando-as dimensões arquitetônicas físicas e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O NEPARC, através de suas ações e em parceria com a Universidade Federal de Viçosa/MG, colabora e atende aos propósitos dos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação em Dança, portanto, aos pretendidos pelo Ministério da Educação, em especial, no que se refere à democratização dos conhecimentos alcançados às comunidades e à sociedade.

As atividades propostas pelo NEPARC só puderam alcançar seu potencial máximo de democratização dos conhecimentos devido aos recursos recebidos do ArtCulAção – MAIS CULTURA do Governo Federal.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard. (1977) S. *Arte como ação coletiva*. In Uma teoria da ação coletiva. pp. 205-225. Rio de Janeiro: Zahar.

BOURDIEU, Pierre (1974). O mercado dos bens simbólicos. In Sérgio Miceli (Org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, p. 99-181.

CAVRELL, Holly (2014). *Reflexões sobre um programa de dança contemporânea no ensino superior.* In A dança na universidade: para quem, por quem e como? Revista de C. Humanas, Vol. 14, n.1 - jan./jun. p. 81-95. Universidade Federal de Viçosa, MG.

SILVA, Eliana R. (2014). *O aluno protagonista e as novas atuações do artista da dança.* In A dança na universidade: para quem, por quem e como? Revista de C. Humanas, Vol. 14, n.1 - jan./jun. p. 74-80. Universidade Federal de Viçosa, MG.

SIQUEIRA, Denise C. O. & SNIZEK, Andréa B. (2013). *Políticas culturais: Arte, mídia e representações sociais.* In A dança na universidade: para quem, por quem e como? Revista de C. Humanas, Vol. 14, n.1 - jan./jun. p. 100-128. Universidade Federal de Viçosa, MG.

URFALINO, Philippe (2004). *L'invention de la politique culturale.* Paris: Hachette Litteratures.

ARTICULAÇÃO CULTURA ATIVA: FOMENTANDO O DIÁLOGO E POTENCIALIZANDO A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE E CULTURA.

Tommy F. C. W. L. de Sousa[1]

INTRODUÇÃO

O receio de que as manifestações populares se descaracterizem é pertinente na sociedade contemporânea, marcada por mudanças intensas consequentes dos processos em escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo (HALL, 2001). O indivíduo globalizado, de acordo com Piccinin (2006), sofre o processo de reorganização da experiência, na medida em que as relações sociais fundadas no contato direto até então, passam a ser substituídas pela mediação tecnológica.

Nesse contexto, uma releitura das manifestações culturais na contemporaneidade, respeitando sua história e ancestralidade, faz-se necessária diante do processo de massificação cultural inerente ao processo de globalização que vivenciamos atualmente e, como afirma Gil (2003), o embate entre forças globalizantes e forças identitárias é duro e desigual.

Pode-se compreender, portanto, a necessidade de desenvolvimento de ações que permitam que a cultura popular tradicional e a contemporaneidade coexistam, renutrindo seus universos e ações mutuamente e contribuindo para que cada uma se desenvolva e se perpetue de maneira menos distante e de forma harmônica.

Diante da constatação de que as manifestações da cultura popular tem sido cada vez menos valorizadas pela massificação cultural inerente ao mundo globalizado a Universidade Federal de Viçosa, tida como referência, nacional e internacional, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, possui a responsabilidade de contribuir com a melhoria

[1] Professor de Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, atua no curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de ensino de Ciências e Agroecologia.

de tais questões e o dever de promover ações de salvaguarda da memória desses saberes populares.

Além de referência em ensino, pesquisa e extensão, a UFV, em seus quase 100 anos de trajetória, tornou-se também referência regional de divulgação e produção artística e cultural e, portanto, assume outra grande responsabilidade que é estreitar o diálogo com a sociedade civil a partir de uma perspectiva democrática e ampliada do conceito de cultura, entendido "como eixo construtor de nossa identidade, permanentemente alimentada pelos encontros entre as múltiplas representações do ser brasileiro e da diversidade cultural do planeta" (GIL, 2003).

No contexto do movimento cultural na Zona da Mata mineira, com olhar a partir dos projetos de extensão da UFV desenvolvidos nos últimos 30 anos, temos assistido, apesar de ainda tímida, a emergência da cultura popular e de suas expressões artísticas na transformação das relações sociais, dos processos de ensino e aprendizagem e na legitimação dos saberes locais. Esses projetos de extensão têm trabalhado com um leque amplo e diverso de sujeitos sociais, no campo e nas periferias urbanas.

Diante desse cenário e com vistas a preencher, pelo menos em parte, essas lacunas, surge a Articulação Cultura Ativa (ARCA). A ARCA surge no âmbito da Universidade Federal de Viçosa no ano de 2014 com o objetivo de potencializar as ações dos diversos grupos de arte e cultura que desenvolvem trabalhos na microrregião de Viçosa e estreitar a relação entre as manifestações culturais populares e os saberes acadêmicos.

Ao constatar que os grupos e projetos da UFV possuem inúmeras interfaces no que diz respeito a seus objetivos e característica dos trabalhos, que dialogam em torno da cultura popular, das ações de transformação social e da perspectiva da inserção da arte e cultura na educação escolar e não escolar e que, apesar das convergências, muitas dessas ações são realizadas de forma isolada e pontual. A ARCA tem como missão fomentar essa articulação e assim com perspectivas a fortalecer as ações de arte e cultura na UFV e entorno.

Foi no fortalecimento dessa articulação que o projeto mais Cultura nas Universidades incidiu, e neste artigo buscaremos evidenciar as ações desenvolvidas por esse coletivo com vistas a potencializar as reflexões e as possibilidades de novos caminhos para o desenvolvimento da arte, cultura, educação e da sociedade de forma geral.

ARTE, CULTURA E OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS

Inúmeras políticas públicas destinadas a estabelecer programas e propostas de desenvolvimento humano, social, cultural, político e econômico foram implementadas a partir de 2003. Vem se trabalhando na construção de uma perspectiva para as políticas

de cultura e arte, a serem implementadas no Brasil, e que possibilitem o "diálogo com a sociedade, numa visão democrática e ampla do entendimento de cultura" (ROCHA e MIRANDA, 2013).

Deste modo, a cultura passa a ser discutida: [...] como dimensão simbólica da existência social brasileira. [...] como eixo construtor de nossa identidade, permanentemente alimentada pelos encontros entre as múltiplas representações do ser brasileiro e da diversidade cultural do planeta. Como espaço de realização da cidadania, de superação da exclusão social e da desigualdade, seja pelo que representa para o reforço da autoestima e do sentimento de pertencimento do povo, seja pela geração direta de renda (GIL, 2003).

Compartilhando da mesma lógica, a arte, por sua vez, é um elemento que está intrinsecamente ligado à cultura. Segundo Tarkovsky (1998), a arte enobrece o homem pelo simples fato de existir e acredita-se que ela e as comunidades são parceiras na tarefa de nutrir e valorizar a cultura local. Dessa parceria, criam-se vínculos intangíveis auxiliando a cultura em seu processo de manutenção nas redes contemporâneas e no processo de retomada dos valores coletivos, estéticos e culturais de um determinado grupo social, em um espaço específico.

Considerando a relevância dos aspectos culturais e artísticos, para a construção de uma identidade democrática entre os grupos e/ou comunidades culturais no Brasil, é que se propõe pensar, coletivamente, uma prática motivadora, crítica e transformadora destes que estamos chamando de territórios educativos.

O conceito de Território Educativo busca na lógica territorial uma forma de contribuir para a educação que, por sua vez, não desvincula o que é educativo do que é político e territorial. São nas relações, conflitos e disputas de poder que se configuram processos de educação. A ação educativa, nos territórios educativos, se dá para além do espaço escolar, sendo o espaço educativo um espaço social (CANÁRO, 2005).

Não se trata de negar o papel da escola, mas promover no espaço escolar um diálogo com a realidade (ou território) onde a escola está inserida. Nesse sentido, os movimentos sociais e os pontos de cultura e arte também se constituem como práticas sociopolíticas e culturais que possuem uma dimensão educativa.

No caso específico da Zona da Mata Mineira, pensada enquanto um território educativo, não se pode negligenciar o seu contexto histórico e formador de uma cultura híbrida e diversa. Diferente do que muitos especularam em seus discursos homogeneizantes, Bosi (2002) afirma que:

> Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos. Ao contrário: a admissão de seu caráter plural é um passo decisivo para compreendê-la como um efeito de sentido, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço (BOSI, 2002).

A cultura popular e a arte são, portanto, elementos marcantes dentro dos territórios educativos que constituem a Zona da Mata Mineira, onde também se percebe, pelo formato de desenvolvimento hegemônico, uma acentuada segregação social, estabelecendo-se um quadro de marginalização de negros, índios, mestiços, pessoas de baixa renda e outros, além da pouca valorização do seu modo se ser, suas crenças, danças, e aspectos culturais em geral.

Neste tocante, e ao enxergar a cultura e a arte sob a presente perspectiva, cremos na importância de se estabelecer a interculturalidade como processo que venha a contribuir para estabelecer um diálogo capaz de conduzir a práticas e ações transformadoras - entre comunidade acadêmica, movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais, indígenas, afro-brasileiros, etc.

Ressalta-se, que o emprego do termo interculturalidade é determinante: "a partir do momento em que haja preocupação pelos obstáculos à comunicação entre os portadores de culturas diferentes. O intercultural é um lugar de criatividade, permitindo passar da cultura como produto à cultura como processo" (CAMILLERI, 1992); e mais, "a nossa concepção rejeita, em absoluto, as perspectivas de homogeneização que impõem aos grupos minoritários uma cultura dominante, ignorando sua cultura de origem. Pressupõe o reconhecimento e respeito pela diversidade cultural, considerada fonte de troca e enriquecimento mútuo. É uma concepção de educação intercultural onde diferentes culturas são representadas, não pelos seus 'adornos externos', mas contextualizadas, situadas na sua história, de forma a desmontar preconceitos, a realçar o contributo sociocultural dos diferentes grupos, e provocar o diálogo entre a cultura da escola e as culturas da comunidade" (LEITE e PACHECO, 1992, *Apud* UFV).

Por pressuposto, a articulação Cultura Ativa objetiva viabilizar, por meio da interculturalidade entre os grupos de cultura e arte nos territórios educativos da Zona da Mata, tanto a compreensão deste complexo sociocultural coletivo e individual, quanto a promoção de subsídios que deem condições para a valorização, a ressignificação e a produção das diferentes formas de manifestação da cultura, ou seja, expressão da própria liberdade.

Na visão de Bourdieu (2008), notadamente, houve crescente valorização e consolidação de políticas públicas culturais incentivando a produção e a formação por meio de Leis de Incentivo, editais de fomento e premiação para a arte que visam a difusão, circulação e o diálogo cultural por todo o país. Há grande incentivo à troca de saberes entre a produção em arte dos grandes centros e do interior do Brasil enfatizando

a importância à diversidade cultural e artística. Ampliando e diversificando a forma e as possibilidades de cada um entender e se relacionar com o mundo, a natureza e as responsabilidades sociais (BOURDIEU, 2008).

Em 2 de dezembro de 2010 foi promulgada a Lei nº 12.343, instituindo-se o Plano Nacional de Cultura, cujo maior foco é a "proteção e promoção da diversidade cultural brasileira (...) expressa em práticas, serviços e bens artísticos e culturais determinantes para o exercício da cidadania, a expressão simbólica e o desenvolvimento socioeconômico do País" (Brasil, 2010).

Outras políticas merecem ser mencionadas, a exemplo do debate sobre inclusão, diversidade e equidade na educação, que "começa a ocupar um lugar mais destacado possibilitando indagações, problematizações, desafios e redirecionamentos das políticas e das práticas realizadas pelo Ministério da Educação, pela gestão dos sistemas de ensino e pelas escolas" (GOMES, 2005, p. 1).

De igual importância, foi a Lei nº 10.639, implantada pelo governo Lula, em 9 de janeiro de 2003. Lei que "torna obrigatório, nos estabelecimentos de ensinos fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileiras, contemplando o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, valorizando a participação do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil" (MEC – SEC, 2005, p. 7).

A esta lei foi dada significativa relevância pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, uma vez que, "do ponto de vista étnico-racial, 44,6% da população brasileira apresenta uma ascendência negra e africana, que se expressa na cultura, na corporeidade e/ou na construção das suas identidades" (GOMES, 2005, p. 1).

Outras legislações foram implementadas seguindo os mesmos princípios, do respeito à diversidade cultural que compõe o povo brasileiro, como a Lei nº 11.645/2008, que obriga o ensino da história e cultura indígena nas escolas. Outra lei importante, é a Lei nº 11.769/2009, que obriga a implementação da educação musical nas escolas.

Todavia, a articulação CulturAtiva contribui para a elaboração de processos interculturais capazes de fomentar: a comunicação entre os grupos de cultura; a elaboração/produção de processos didáticos e pedagógicos críticos que gerem autonomia; a formação e o desenvolvimento humano a partir da cooperação entre os representantes culturais; a releitura dos processos de formação das identidades, assim como das diferenças, de forma a superar históricas desigualdades sociais e raciais; valorização e respeito à diversidade cultural dos grupos, de forma que estes possam dar continuidade a suas formas de manifestações artísticas, culturais, estéticas, educacionais, etc.

A TRIPULAÇÃO DA ARCA: QUEM SOMOS

Entre as manifestações da cultura popular existentes no âmbito da Universidade Federal de Viçosa e seu entorno destacam-se os grupos de capoeira, os congados e as folias de reis, entre outros. Existem registros da mobilização estudantil na conformação de grupos de capoeira que datam da década de 1980.

Diante desse cenário, a ARCA surge a partir da mobilização dos grupos de capoeira existentes na UFV, e as ações vão se capilarizando e abrangendo outros grupos de arte e cultura da própria Universidade, do município viçosense e do seu entorno.

Os grupos de cultura que possuem ações em parceria com a ARCA são: Grupo Capoeira Alternativa, Grupo de Capoeira Senzala Viçosa, Grupo de Capoeira Angoleiros do Mar Tribo do Morro, Grupo de Capoeira Angola Ouro Verde, Grupo de Capoeira Guerreiros de Zumbi, Grupo de Capoeira Cordão de Ouro, Grupo de percussão O Bloco, Grupo de performances Micorrizas.

O Grupo Capoeira Alternativa teve seu início no ano de 1995, quando estudantes de diversos cursos de graduação da UFV se reuniram com o intuito de treinar Capoeira. Os membros do Grupo que já a praticavam em suas cidades de origem ensinavam aos outros estudantes, fazendo do espaço de treino um ambiente diversificado e interdisciplinar, onde se fundiam várias filosofias e metodologias de Capoeira. À medida que os integrantes concluíam seus estudos na Universidade, outros assumiam a coordenação do grupo e, tendo a oralidade como método, foi possível dar continuidade às atividades, respeitando os princípios e fundamentos estabelecidos outrora. O grupo visa tornar a prática da Capoeira acessível à comunidade viçosense e universitária, assim como compreender sua história, ancestralidade. Portanto, busca-se demonstrar a importância da Capoeira como instrumento de inserção social e de resgate de uma identidade cultural brasileira. Através da autogestão, os estudantes se organizam e conduzem os treinos e apresentações de capoeira. O grupo realiza apresentações culturais em eventos acadêmicos e em diferentes espaços públicos da cidade de Viçosa, como, por exemplo, nas feiras e nas praças. São organizados, duas vezes por ano, cursos práticos com mestres tradicionais dessa arte; eventualmente são feitas viagens a centros de prática da capoeira e realizado anualmente um evento denominado batizado e troca de cordéis, onde os capoeiristas trocam sua graduação (cordel).

O grupo de capoeira Senzala surgiu em 2009 na cidade de Viçosa, e vem realizando atividades de capoeira em interface com a Educação Infantil, atuando em academias, escolas e creches utilizando o lúdico como instrumento metodológico e promovendo a inclusão social e cultural de crianças. O Grupo atua na perspectiva de formação de professores em capoeira infantil e vinculado às instituições vem difundindo essa

modalidade como forma de ensino enquanto ferramenta para educação infantil.

O grupo de capoeira Angoleiros do Mar Tribo do Morro realiza atividades de capoeira duas vezes por semana na UFV, em sede própria, atendendo a estudantes universitários e duas vezes por semana a uma turma de jovens da periferia no bairro Carlos Dias, popularmente conhecido como Rebenta Rabicho, na cidade de Viçosa. O grupo realiza eventualmente cursos de capoeira com mestres tradicionais da capoeira angola e apresentações em espaços públicos.

O grupo de Capoeira Angola Ouro Verde é um grupo de capoeira recém-criado no município e que está se consolidando. Surgiu no ano de 2013, no bairro rural denominado Violeira e vem oferecendo atividades de capoeira para crianças, jovens e adultos residentes nesse bairro (Violeira). Atende hoje cerca de 30 pessoas e realiza parcerias com a escola municipal Tico-Tico e com a ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da mata (CTA), ambas localizadas no referido bairro.

O Grupo de Capoeira Cordão de Ouro, consolidado no município a mais de 20 anos, tem ampla atuação em projetos sociais e escolas, atendendo a jovens e adultos, realizando apresentações e eventos de capoeira de forma contínua no município e na região.

O Grupo Guerreiros de Zumbi, um dos mais tradicionais do município, realiza a mais de trinta anos eventos de capoeira e, ao longo de sua história, atuou em diversos projetos articulados com a UFV e com poder público local. O Mestre Garnizé, o mais antigo do município, é o responsável pela condução dos trabalhos do grupo e aprendeu a capoeira com um estudante da UFV em meados dos anos 80.

O grupo de Percussão o Bloco, surgiu em 2006 na UFV e desde então tem propiciado a diversas pessoas (acadêmicos ou não) uma formação musical, por meio do estudo e da prática do ritmo e dos cantos tocados por instrumentos tradicionais do Maracatu de Baque Virado. O grupo oferece, na UFV, duas oficinas teórico/práticas por semana para iniciantes e realiza um encontro, também semanal, para ensaio do grupo percussivo. Hoje, com sua trajetória consolidada, tem participado de muitos eventos culturais na região e a cada ano as demandas vêm aumentando. Uma ação expressiva é o apoio às festas de congado da Zona da Mata, como o apoio à Banda de Congo do distrito de Airões, da cidade de Paula Candido/MG, que, sobre a chefia de Mestre Antônio "Boi", representa uma típica manifestação cultural local. Desde 2008, O Bloco vem, a convite desse mestre, participando da festa de Nossa Senhora do Rosário. A partir desse encontro, o grupo vem aumentando sua rede de contatos e todos os anos participa da festa que possibilitou atuação também nas festas em Senador Firmino, Canaã, Barros e Coimbra, onde também o congado tem se firmado como manifestação cultural local. Acredita-se que essas interações com o Bloco têm ajudado na motivação, nesses municípios, do resgate e da continuidade dessas tradições. O grupo já realizou ações pontuais em escolas e eventos

culturais na UFV, entretanto, tem tido dificuldade de firmar essas parcerias, devido a processos organizativos internos e à rotatividade de integrantes.

O Micorrizas é um grupo de estudos corporais integrais e integrados à agroecologia, que investiga o movimento corporal em diálogo com os princípios agroecológicos. Os estudos sobre agroecologia apontam para o fato de que valorizar os saberes dos povos tradicionais é importante na medida em que estes trazem no cotidiano a prática agroecológica "por contingência" e assim nos revelam exemplos de relação harmônica entre sociedade e natureza. Em diálogo com as manifestações populares, o grupo Micorrizas pratica a agroecologia reapropriando e valorizando os saberes tradicionais a partir da escuta e da reelaboração destes saberes na performance. Busca trazer para cena uma dança da multiculturalidade, que vai refletir a diversidade presente na prática da agroecologia e expandir o campo de inspiração desta arte para os espaços rurais e periurbanos, mananciais de cultura popular.

COMO A ARCA NAVEGA: ORGANIZAÇÃO

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é aspecto fundamental na metodologia de trabalho da ARCA, perpassado por elementos da pesquisa participante, associados a um conjunto de modelos de investigação social. Esse conjunto de técnicas de pesquisa qualitativa teve origem em alguns países da América Latina entre as décadas de 1960 e 1980, sendo rapidamente difundido por todo o continente, agrupado sob diversas nomenclaturas como "pesquisa-ação", "pesquisa participativa", "investigação ação participativa", entre outras. Como explicam Brandão e Borges (2007):

> Em sua maioria, elas serão postas em prática dentro de movimentos sociais populares emergentes ou se reconhecerão estando a serviço de tais movimentos. [...] Elas se originam e reelaboram diferentes fundamentos teóricos e diversos estilos de construção de modelos de conhecimento social através da pesquisa científica. Não existe na realidade um modelo único ou uma metodologia científica própria a todas as abordagens da pesquisa participante. [...] Entre as suas diferentes alternativas, de modo geral, as pesquisas participantes alinham-se em projetos de envolvimento e mútuo compromisso de ações sociais de vocação popular (BRANDÃO e BORGES, 2007, p. 53).

No Brasil, no início da década de 1960, consolidaram-se diferentes movimentos, adquirindo, em conjunto, proporções nacionais, em torno da conscientização, politização e mobilização da população, envolvendo diversas organizações e setores sociais, por meio da cultura e educação popular, buscando a transformação da estrutura de classes e da desigualdade de poder características da sociedade brasileira.

Tratou-se de um período que trouxe fortemente a marca da cultura popular para o âmbito da educação, sendo o seu conceito associado à consciência política e de classe,

levando o homem a assumir posição de sujeito no processo histórico e de transformação social. A cultura popular, na década de 1960, fora assumida ora como movimento, ora como instrumento de luta política em prol das classes populares, agregando diferentes setores e entidades político-sociais e culturais no Brasil.

A filosofia de Educação de Paulo Freire foi gestada nesse contexto, compreendendo a educação como um processo social, político, ético, histórico, cultural e humanizador. Nesse sentido, assume-se a extensão universitária com articulação de grupos de cultura e arte locais em processos de pesquisa com relações de ensino e aprendizagem que favorecem a prática comunitária, a identificação de problemas e a constituição de processos coletivos para a superação de problemáticas sociais.

Quanto mais, em uma tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando, como sujeitos, o ato de conhecimento de si em suas relações com a realidade, tanto mais vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Desse modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com os grupos populares [...] pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento (FREIRE, P. 1990, p. 36).

Ressaltamos nesse processo uma ecologia de saberes que integra e põem em diálogo diferentes conhecimentos, incluindo o saber científico entre outros saberes práticos, que se questionam e se alimentam mutualmente, constituindo as bases de comunidades epistêmicas mais amplas e consubstanciando a universidade em espaço público de interconhecimento.

Este é um desafio colocado por Santos (2003) para as instituições universitárias na contemporaneidade, em busca de uma reforma democrática e emancipatória, para que não se sucumbam sob a hegemonia do sistema do capital. Segundo o autor:

> A Pesquisa-ação consiste na definição e execução participativa de projetos de pesquisa, envolvendo as comunidades e organizações sociais populares a braços com problemas cuja solução pode beneficiar dos resultados da pesquisa. Os interesses sociais são articulados com os interesses científicos dos pesquisadores e a produção de conhecimento científico ocorre assim estreitamente ligada à satisfação de necessidades dos grupos sociais que não têm poder para pôr o conhecimento técnico e especializado ao seu serviço pela via mercantil (SANTOS, 2003, p. 74 e 75).

Deste modo, as atividades de ensino, pesquisa e extensão se desenvolvem concomitantemente, relacionadas, integradas e, ao mesmo tempo, indissociáveis, por meio de diferentes abordagens da pesquisa participativa, buscando potencializar o diálogo e as ações dos grupos e das comunidades na promoção diversidade cultural, do acesso à educação por meio da arte e da reivindicação de direitos e garantias de políticas públicas.

A ARCA tem atuado em três grandes eixos de ação, que são centrais para efetivação das metas voltadas para arte, cultura e educação, especialmente em nível regional, sendo eles: **articulação política**; **educação**; **fomento à articulação dos grupos de cultura**. Em cada um dos eixos atuando de forma multidisciplinar em uma perspectiva de ação dialógica que reconhece o ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável.

De forma geral, são realizadas reuniões entre os representantes dos grupos. Essas reuniões se articulam a partir da necessidade de promover ações presentes na agenda cultural, e acabam por gerar, para além das atividades pragmáticas, momentos de reflexão sobre a prática dos grupos, resinificando e retroalimentando o próprio fazer desses grupos. O simples encontro entre os agentes culturais para organizar ações coletivas promovem, a partir da interação entre eles, a partilha dos saberes.

Em um contexto de um mundo cada vez mais individualizado e competitivo, esses encontros têm sido cada vez menos frequentes, e a desarticulação acaba por enfraquecer de forma geral a classe, dificultado, assim, a conquista de políticas públicas e a abrangência social dessas ações. Nesse contexto, incide as ações da arca.

Imagem 1: Oficinas de formação sociocultural. Acadêmicos e Mestres da Cultura Popular. UFV, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

No eixo **articulação política**, através de ações que proporcionam a organização social e a articulação com políticas públicas, a ARCA busca, a partir do apoio aos grupos de cultura e arte, a organização de redes e fóruns que representam espaços de articulação e debates sobre as diretrizes de cultura, arte e educação em diálogo com as necessidades e potencialidades dos grupos de arte e cultura popular da região. Uma vez que os processos

de fortalecimento e valorização dos grupos culturais e artísticos visam a contribuir para a consolidação de identidade e autonomia desses grupos.

Dessa forma, a ARCA tem se aproximado de ações junto à administração da UFV e junto ao poder público municipal, visando fomentar políticas públicas locais, legislações municipais e ampliar a incidência junto ao Governo do Estado para a efetivação da Lei nº 11.769/2009, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas e das Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, entre outras.

A estratégia de intervenção e de aproximação junto a gestores públicos é central na proposta do programa pelo entendimento que essa ação pode potencializar e ampliar os grupos, projetos e manifestações de cultura e arte, objetivando o incentivo a movimentos culturais que visem à sustentabilidade, à divulgação de manifestações artísticas e à preservação da memória da diversidade cultural brasileira.

Nesse sentido, a ARCA está focada não só no fortalecimento e na valorização dos movimentos artísticos culturais, mas também no desenvolvimento metodológico de processos de ensino que dialoguem com a identidade e as diversas linguagens e saberes, atuando na implementação, acompanhamento e proposição de políticas públicas. Para tal, integra e acompanha as discussões do Conselho Municipal de Cultura de Viçosa, contribuindo para a implementação do Plano municipal de Cultura, criação do Conselho de Cultura da UFV, participando ativamente das resoluções desses grupos.

Imagem 2: Oficinas de formação sociocultural. Acadêmicos e Mestres da Cultura Popular. UFV, 2019.

Fonte: Créditos da imagem são de Julia Wanick.

O eixo **educação** envolve a pesquisa-ação de metodologias de ensino/aprendizagem ativa, que articula os saberes e as manifestações culturais populares a partir da história local e de vida dos indivíduos educandos, buscando potencializar processos contextualizados a realidade local, mais significativos e, portanto, mais efetivos.

Nesse sentido, um dos grandes avanços dos últimos anos foi a integração do Plano Nacional de Cultura ao de Educação, destacando a importância em incluir saberes diversos nos currículos escolares, considerando a importância da cultura como expressão simbólica, direito à cidadania e desenvolvimento econômico. Em acordo com esse pensamento estão as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

No contexto escolar, não é difícil constatar certa negligência com relação à cultura popular. Com enfoques limitados e muitas vezes equivocados, podemos considerá-la desvalorizada, pois sua abordagem encontra-se restrita em festas, brincadeiras e atividades descontextualizadas e sem maiores estudos ou detalhamentos. Todavia, sabemos que deveriam ser importantes e considerados para permitir a ampliação de conhecimentos sobre a origem, a necessidade e a função, fatores que possibilitam a valorização e mesmo o resgate de uma identidade, muitas vezes perdida.

Por isso, oportunizar estudos e vivências sobre a cultura, em sua diversidade, aos estudantes nas várias realidades educativas, pode significar o desenvolvimento de potencialidades individuais que possam ser determinantes e significativas à sociedade.

Apesar desses avanços, em termos legislativos, ainda há muito que se fazer para execução e consolidação dessas iniciativas. Existe carência de profissionais qualificados que lidem com o ensino articulado às manifestações culturais nas escolas, espaços de formação de agentes culturais e ações de fomento a organização e autonomia dos grupos culturais.

Com perspectivas de fomentar processos formativos para os profissionais de arte e cultura do município, são organizados cursos e eventos com profissionais experientes e capacitados. Normalmente são convidados mestres da cultura popular com experiência de atuação em projetos e ações de cunho educativo. As vivências ofertadas por esses mestres têm a perspectiva de capacitar novos profissionais e qualificar os já atuantes para resinificar sua prática.

No eixo **fomento à articulação dos grupos de cultura**, a atuação da ARCA tem como objetivo principal consolidar uma rede de articulação dos grupos e ainda colaborar no processo organizacional interno desses grupos. Dessa forma, deve auxiliar na construção participativa de um planejamento anual de atividades e fomentá-las por meio de cursos de formação e oficinas com mestres tradicionais das manifestações, assim como proporcionar visitas e interações com outros grupos e experiências, potencializando a

troca de saberes e contribuindo na divulgação de atividades.

A principal ação proposta é a criação de uma agenda coletiva em que potencialize os encontros, proporcionando os diálogos entre os grupos de arte e cultura. Esse eixo se formou tendo em vista a constatação de um grande repertório de ações isoladas e pontuais sendo realizadas, porém de forma desarticulada.

Foto 3: VI Mostra de Cultura na praça Silviano Brandão. Viçosa/2018.
Fonte: Créditos da imagem são de Vinicius Malacarne.

Consolidar uma agenda cultural da região em que se destaquem eventos culturais a serem organizados coletivamente pelos grupos, com objetivo de articulá-los, realizar a troca de saberes, formar público para as atividades artísticas e culturais e realizar, durante esses encontros, processos de formação de professores para o ensino sociocultural. A ideia é potencializar as festas populares que já existem, aproximando os grupos e proporcionando a construção coletiva desses espaços, acreditando no protagonismo popular.

Entre os eventos que já existem e que os grupos que integram a ARCA participam, destacam-se com esse potencial, a Troca de Saberes e a Mostra de Cultura Afro-brasileira que acontecem na UFV, as Festas Nossa Senhora do Rosário na coroação do rei e rainha do congo na comunidade quilombola Córrego do Meio, a Fogueira de São Pedro no Município de Espera Feliz, a Festa da Colheita no Município de Araponga, a Festa da Terra no Município de Acaiaca e a Feira de Economia Solidária e Criativa no Município de Viçosa entre outras ainda de menor expressão e que podem ser fortalecidas.

CAMINHOS POR ONDE A ARCA NAVEGOU: AÇÕES

As ações desenvolvidas no decorrer do projeto Mais Cultura nas Universidades junto aos grupos de arte e cultura que compõe a ARCA iniciaram-se no início do projeto e aquisição de materiais permanentes tendo em vista fortalecer a atuação desses grupos na universidade e seu entorno diante da carência de um mínimo de infraestrutura para atuação desses grupos. Foram adquiridos equipamentos e materiais didáticos, assim como instrumentos musicais e figurinos, e mobilizados recursos para a realização de eventos de formação com a presença de mestres da cultura popular, nesse caso priorizando ações coletivas que envolvessem o maior número de representantes dos grupos.

Outra ação de suma importância realizada foi a viagem de lideranças desses grupos a eventos de capacitação em outros centros de cultura popular. Conhecer outras experiências e partilhar os aprendizados apreendidos foi um caminho importante para refletir sobre a própria prática desses agentes culturais.

Em um segundo momento, após as parcerias mais fortalecidas e os diálogos acontecendo de forma mais fluida, foram realizados diversos cursos de formação dos profissionais que compõe esses grupos. Esses cursos foram realizados a partir da contratação de mestres da cultura popular habilitados a promover essa capacitação, com enfoque em questões metodológicas e de fundamentos da educação popular.

Dessa forma, as contribuições no processo de articulação entre os grupos foram se consolidando e, de forma natural, uma agenda coletiva de atividades foi sendo construída. Os grupos ainda que de forma incipiente foram percebendo a necessidade de se relacionar e passaram a ter uma consciência de classe estabelecendo relações mais cooperativas em vez de uma relação de competição. Percebeu-se, assim, que os grupos e o movimento cultural se fortaleceu de forma geral.

No âmbito da educação, todos os grupos que compõe a ARCA atuam no desenvolvimento de projetos sociais em comunidades e em escolas de ensino básico de forma contínua a mais de 10 anos. Alguns com experiências por mais de 30 anos. Com atividades com periodicidade de 2 a 3 vezes por semana. Muitos desses profissionais desenvolvem essas ações com pouco ou nenhum apoio de projetos e/ou poder público e ainda com pouco ou nenhum contato com processos formativos em questões vinculadas à educação. Nesse sentido, a atuação do projeto mais Cultura incidiu contribuindo tanto com a construção de saberes e formação desses profissionais quanto no apoio às ações realizadas.

Uma experiência importante desenvolvida com participação da ARCA são as oficinas de formação sociocultural em escolas do ensino básico da comunidade viçosense e de outras comunidades. As atividades abordam, principalmente, questões culturais, com enfoque na formação da identidade nacional e na contribuição do negro africano. Além disso, também são realizadas capacitações para professores que trabalham a mesma temática em sala de

aula, uma vez que esta, atualmente, é obrigatória nos currículos escolares.

Ainda viando a fortalecer a relação dialógica entre os saberes populares e acadêmicos esse coletivo, articulou-se para contribuir em disciplinas dos cursos de graduação da UFV, especialmente junto aos cursos de licenciatura, com perspectivas a contribuir na formação de profissionais da educação com debates sobre a arte e cultura popular. Essa ação aconteceu junto aso cursos de Licenciatura em Educação Física, Dança, Educação do Campo e Educação Infantil. Para realização dessas intervenções, foi necessário a realização de grupos de estudos, que aconteceram quinzenalmente entre os estudantes e professores orientadores.

No eixo da articulação política, realizou-se a articulação dos agentes culturais e grupos de cultura junto ao poder público, como um canal de mobilização da sociedade civil e proposição e elaboração de políticas públicas. Um importante resultado alcançado foi a criação do Plano de Cultura da UFV, que visa a criação de um Conselho de Cultura da Universidade, a criação de editais municipais para fomento às ações dos grupos culturais, o reconhecimento pelo poder legislativo dos mestres Griots, a partir de projetos de lei, e a aprovação do projeto de lei que institui a capoeira como patrimônio cultural municipal viçosense, a realização da primeira semana de cultura popular de Viçosa, a inserção de pautas sobre cultura popular e educação nas candidaturas ao executivo municipal, tendo em vista a aproximação das eleições.

Hoje estão em curso a realização de reuniões dos grupos culturais, tendo em vista a criação de um órgão representativo de classe, que possa ser o interlocutor entre os grupos culturais e o poder público, visando o encerramento do Programa Mais Cultura nas Universidades e a necessidade de continuidade das ações em curso.

Foto 4: Troca de Saberes na Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/2018.

Fonte: Créditos da imagem são de Julia Wanick.

Todos os grupos que compõe a ARCA têm participado das ações organizadas no âmbito geral do movimento cultural da UFV e de seus projetos de extensão, merecendo destaque os eventos que articulam coletivamente os grupos e promovem os diálogos e a construção de saberes. Entre eles se destacam os terreiros culturais, a troca de saberes, a mostra de cultura afro-brasileira. Ainda integram as festas populares da região, ampliando assim as ações para além das fronteiras da universidade, com destaque para a Jornada de Capoeira e festas de congado e folias de reis da região.

PERSPECTIVAS FUTURAS

As ações junto à ARCA, realizadas no âmbito do projeto Mais Cultura, foram importantes no fortalecimento e na visibilidade dos grupos e das manifestações culturais da UFV e seu entorno. O fomento às ações e aos eventos realizadas pelos grupos potencializou a formação do público e deu visibilidade a essa ações, potencializando o acesso ao diálogo com as manifestações culturais, especialmente no que tange aos vínculos a processos de educação sociocultural.

Um dos principais avanços constatados até o momento é o diálogo entre os agentes culturais. Com isso, a inserção de ações coletivas potencializadas no cenário cultural e a criação de uma maior capacidade de reinvindicação junto aos poderes públicos a partir de pautas mais coletivas, mesmo que ainda incipiente, faz-se necessário para avançar nesse sentido.

A conquista de políticas no âmbito cultural expressa avanços significativos nesse período, entre elas a aprovação do plano municipal de cultura, do reconhecimento dos mestres Griots do município, do reconhecimento da capoeira enquanto patrimônio cultural municipal, da implementação do plano de cultura da UFV, do chamamento público de editais de fomento às ações dos grupos de cultura. De toda forma, apesar dos avanços conquistados e do maior diálogo existente hoje entre o poder público e a administração da UFV, faz-se necessário ainda outras conquistas.

Entre as pautas estão a necessidade de espaços físicos para desenvolvimentos das ações desses grupos. Hoje nenhum dos grupos que compõe a ARCA possui uma sede para desenvolver suas ações. Precisa-se de maior incentivo à inserção das ações desses grupos culturais junto às instituições formais de ensino, uma vez que ainda é incipiente e pontual essa inserção. O reconhecimento e a implementação de ações de salvaguarda da memória desses grupos, principalmente em relação à capoeira, uma vez que hoje é reconhecida como patrimônio cultural e imaterial do município.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. (org). *Cultura Brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 2002. CAMILLERI, 1992.

BOURDIEU, P. *A distinção*: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Editora ZOUUK, 2008. Brasil, 2010.
BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. *A pesquisa participante*: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular, v.6, p.51-62. Uberlândia, jan./dez. 2007.

BRASIL. *Plano Nacional de Cultura (PNC)*. Lei 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Secretaria de Políticas Culturais, 2010. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/plano-nacional-de-cultura-pnc. Acesso em outubro de 2020.

_____. *Presidência da República*. SEPPIR/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Estatuto da Igualdade Racial. Governo Brasil, Brasília, 2010.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. (Conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB).

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>.

_____. Ministério da Educação. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/>.

_____. *Educação anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

CAMILLERI, C. Cultures et stratégies: ou les mille manières de s'adapter. Paris: Sciences Humaines nº 16, 21-23, Abril, 1992.BOSI, A. (org). *Cultura Brasileira*: temas e situações. São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo e MACEDO, Donaldo. *Alfabetização*: leitura da palavra leitura do mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GIL, G. Palestra do ministro da Cultura, Gilberto Gil, na Catedra Siglo XXI – BID, WASHINGTON, EUA, 25 de setembro de 2003. Disponível em: http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2004/09/25/palestra do ministro-da-cultura-gilberto-gil-na-catedra-siglo-xxi-bid/. Acesso em outubro de 2020.

GOMES, C. A. *A Escola de Qualidade para Todos*: Abrindo as Camadas da Cebola Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 13, n. 48, p. 281-306, jul./set. 2005 (MEC – SEC, 2005, p. 7).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed., DP&A. Rio de Janeiro, 2001.
LEITE, C. e PACHECO, N. *Os dispositivos Pedagógicos na Educação Inter/Multicultural*. Comunicação ao 2º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Braga, 1992.

PICCININ, F. *Mídias e pós-modernidade*: reorganizando as interações sociais tradicionais. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt16/gt16b5.pdf>. Acesso em: 5 de outubro de 2020.

ROCHA, E. S. e MIRANDA, E. de A. *A trajetória das políticas públicas de cultura no Brasil*. Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, Rio de Janeiro, PP. 1- 22, 2013. Disponível em: http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2013/ Trabalhos/Amc213.pdf. Acesso em novembro de 2013.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

TARKOVSHY, *Esculpir o tempo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (CANÁRO, 2005.)

INOVAÇÃO DO ENTENDIMENTO DE CULTURA E DAS ARTES NA UNIVERSIDADE: UM DIÁLOGO PLURAL NO ESPAÇO DA DIVERSIDADE.

Evanize Siviero

INTRODUÇÃO

O oferecimento, a fomentação e a construção do conhecimento, a partir de ações artístico-científicas são uma das principais ações do Programa Mais Cultura UFV-ArtCultAção, principalmente para o desenvolvimento e inovação de propostas e projetos pedagógicos, coreográficos, de arte-educação, fundamentados principalmente no fazer educacional e criativo. Ações estas que devido a singularidade de cada prática e projeto fazem com que graduandos e pós graduandos das áreas Humanas e de Artes da Universidade Federal de Viçosa (UFV) em parceria com outras instituições de ensino superior, assim como com a comunidade de Viçosa e da Zona da Mata Mineira tenham participação efetiva, seja como produtores de arte, como coreógrafos, oficineiros, autores e coautores de trabalhos artísticos-científicos na busca da trans e interdisciplinariedade do conhecimento.

Com a finalidade de apresentar alguns cenários acadêmicos que foram ofertados por esse programa em parceria com o Departamento de Artes e Humanidades, mais especificamente com o curso de dança, este artigo se fez presente, no intuito de destacar a importância do diálogo e das interconexões entre as áreas que buscam, no campo da diversidade, alguns mecanismos que possam contribuir para a formação, a inovação e o entendimento de Cultura e Artes para pessoas com e sem deficiência no universo acadêmico.

UM DIÁLOGO PLURAL NO ESPAÇO DA DIVERSIDADE

Estamos cada vez mais conscientes de que devemos promover experiências multidisciplinares que permitam que o futuro professor(a) e o profissional possam

dialogar os conhecimentos científicos e extensivos com os conhecimentos das diversas disciplinas ofertadas em seus respectivos cursos. Contudo, não paramos para pensar que eventos artísticos, também, atuam nessa mesma perspectiva e que proporcionam e incentivam espaços culturais de ações, discussão e reflexão.

Garcia (2012) argumenta que quando temos a oportunidade de observar acadêmicos de cursos diferentes participando de ações interdisciplinares podemos garantir que esse tipo de atuação vai para além de suas práticas específicas; e se queremos educar para o compromisso social com a sociedade, temos que pensar em uma formação integral desses alunos.

Todavia, para que haja essa formação mais completa, essa mesma autora aponta a necessidade de se ter nas Universidades uma maior aproximação dos compromissos técnico e científico com o compromisso social e cultural de cada aluno. Ainda acrescenta que, para isso acontecer, precisamos fazer bom uso das atividades acadêmicas.

É por esse viés que a Arte nas Universidades adquire consistência e consciência no que se produz e no que se vê nas suas expressões. Ou seja, fazendo o apreciador e quem a experiencia buscar diferentes caminhos levando-os a reflexões e à compreensão do universo artístico, social e cultural de um grupo, de uma sociedade ou de um país.

No universo da dança, Navas (2015) nos apresenta que o Brasil é reconhecido pela singularidade e qualidade de suas danças, de seus intérpretes e bailarinos, que se encontram nas melhores companhias internacionais e/ou empregados, no Brasil, em grupos, escolas, faculdades e projetos artísticos socioculturais, inclusive, ligados a pessoas com deficiência.

Ao pensarmos em projetos artísticos com pessoas com deficiência, ainda há poucas políticas governamentais que favorecem a produção artística e o acesso da pessoa com deficiência no campo das artes, seja na formação, na produção ou no acesso aos bens culturais. (MATOS, 2012.)

> Apesar de as pessoas com deficiência estarem hoje mais "visíveis", ainda ocorre muita discriminação por parte da população majoritária que, de modo consciente ou inconsciente, estabelece padrões de expectativa de normalidade para seus atores sociais. Esses padrões [...] apontam para categorias fechadas e totalizantes, sustentando conceitos de normalidade e representações estáticas de gênero, cultura, classe, sexualidade e habilidade física. Assim, aqueles que estão longe dos padrões esperados, ou seja, as minorias, como é o caso das pessoas com deficiência, são excluídos, estigmatizados e delimitados em suas ações no meio social. (MATOS, 2012, p. 64.)

Assim, para fomentar ainda mais ações inclusivas e essas respaldadas pelo universo acadêmico, desenvolvemos, nos anos de 2018 e 2019, na Universidade Federal de Viçosa/MG, eventos que corroboraram para a aproximação de pessoas com e sem deficiência e

para refletirem sobre a Arte que perpassa nesse campo da diversidade e sua interface com a sociedade.

Em 2018, foi realizado o XI Simpósio de Dança em Cadeira de Rodas com o tema “O Corpo: do singular ao plural no espaço da diversidade”. Esse evento teve a parceria do Núcleo do Grupo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância (NGIME) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de problematizar a forma de se estar nos espaços sociais por meio da dança, de administrá-los e transformá-los; de construir passagens e pontos de ancoragem e de tematizar a materialidade do gesto corporal dentro e fora das universidades do país.

O simpósio veio promover o debate através do confronto de diferentes perspectivas sobre o corpo e sua singularidade atravessado pela dança, em espaços plurais em que a dança é compreendida, analisada, vivida, para encontrarmos formas de linguagem para quem dança e para quem a aprecia, seja a pessoa com ou sem uma deficiência.

Para tanto, foram criadas mesas redondas que reuniram profissionais que desenvolvem pesquisas com a temática da dança para pessoas com deficiência, profissionais que trabalham com a questão educacional e que apontam para a quebra de paradigmas da dança em geral. A temática contextualizada se pautou na dança e seus diálogos e interfaces com a diversidade e estudos sobre a percepção e mobilidade corporal atravessadas pela cultura.

Foto 1: Abertura do XI Simpósio de Dança em Cadeira de Rodas.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Houve, também, um espaço destinado às apresentações de trabalhos científicos e de extensão de alunos de graduação, pós-graduação e professores com o objetivo primordial de divulgação destes. Os temas foram relacionados à poética do corpo e seu diálogo com

a dança e com a Educação Somática para o processo de autoconhecimento, socialização e inclusão dos deficientes nas artes, assim como a explanação sobre a história da dança em cadeiras de rodas no Brasil.

Sobre a apresentação artística e a intervenção, os trabalhos artísticos foram de caráter expositivo, dentro das diversas linguagens artísticas. Entre elas se apresentaram a Companhia de Dança Loucurarte de Aracaju/SE, ex-aluno do curso de dança Vinícius Monteiro Lopes com a bailarina Fernanda Soares, com a coreografia *Seguindo em Frente* (Foto 2) e Oscar Capucho e Vitor Alves de Belo Horizonte/MG, com espetáculo *E a Cor que a Gente Imagina.* Todas as apresentações trouxeram em cena a contextualização na prática do não olhar para a deficiência, mas, sim, para corpos que dançam a partir de sua singularidade e estética e que se comunicam e se expressam em um diálogo plural.

Foto 2: Apresentação da coreografia Seguindo em Frente, no saguão da Biblioteca Central da UFV.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Outro momento muito importante foram as oficinas relacionadas a Eutonia (Foto 3) e Sensibilização Corporal (Foto 4). O objetivo desses momentos foram o de aguçar os sentidos e trabalhar o corpo no espaço por meio dos elementos da Dança, do Teatro e da Educação Somática.

Foto 3: Oficina da Miriam Dascal sobre Eutonia.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Foto 4: Oficina com Oscar Capucho.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2018).

Como resultados dessa proposta, verificamos, pelos próprios depoimentos dos participantes advindos de estados como São Paulo, Pará, Sergipe, Minas Gerais, que as mesas redondas e os trabalhos científicos trouxeram momentos de reflexão, motivando-os a iniciar ou dar continuidade às pesquisas de seus trabalhos teórico-práticos na área e em suas instituições de origem. No caso desse evento, especificamente os espetáculos e as intervenções artísticas realizadas em vários espaço das UFV (Fernando Sabino, Biblioteca Central e Departamento de Artes e Humanidades) e as oficinas, trouxeram momentos a cada participante de, através do corpo, entender, interiorizar, dialogar suas experiências e se nutrir de novas formas, de abordagens criativas, didático-metodológicas sobre se pensar e criar com o corpo na dança, independentemente desse corpo estar em uma cadeira de rodas ou de se ter qualquer outra deficiência.

De acordo com Garcia (2012), eventos que dialogam a pesquisa com a extensão podem promover mudanças nas próprias instituições onde se desevolvem e, por conseguinte, nas comunidades em seu entorno. Esse evento, especificamente, proporcionou mudanças para além da comunidade local, pois cada participante pode levar consigo e para suas universidades toda gama de conhecimento ofertada, discutida e experienciada no simpósio.

O evento proporcionou o encontro de muitos profissionais que fomentam e desenvolvem seus trabalhos com a referida temática. Dessa forma, vários diálogos e parcerias foram travados para a continuação das conversas e atividades teórico-práticas. Uma dessas pontes foi com um artista de Belo Horizonte, Oscar Capucho, que retornou à cidade de Viçosa/MG para a realização de mais duas oficinas intituladas “Sensibilização

Corporal", no ano de 2019. Também foi realizada uma outra de Cenografia, concepção e prática na construção de cenários, esta última ministrada por um artista da cidade de Viçosa/MG.

Essas oficinas contribuíram para a formação dos discentes, principalmente os do curso de Dança, oferecendo espaços para o desenvolvimento pessoal e profissional desses futuros professores.

Cada oficina teve uma proposta específica. A de "Sensibilização Corporal" visou proporcionar aos participantes uma experimentação corporal sem o uso da visão para processos e produtos artísticos. Teve como objetivo a partir dos sentidos: audição, olfato, paladar e tato, experimentar no corpo, novas possibilidades de se movimentar e reorganizar seu corpo em movimento no espaço. Os participantes puderam experienciar e trabalhar com a audiodescrição de si (Foto 5).

Foto 5: Oficina "Sensibilização corporal" – audiodescrição do movimento para a leitura corporal.

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Também houve experimentos de reconhecimentos do espaço: uso de provocações para aguçar sensações, emoções e a memória imaginativa do participante neste espaço (Foto 6). A partir da prática, foi construída uma pequena célula coreográfica que deveria ser memorizada para o desenvolvimento da leitura corporal – utilização do tato de olhos fechados para apreciar a dança do outro.

Fotos 6: Oficina de "Sensibilização Corporal": os alunos trabalhando com novas possibilidades de se movimentar e reorganizar seu corpo em movimento no espaço por meio de outros sentidos.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

Já a oficina de Cenografia, por meio do manuseio da matéria-prima e do processo de visualização (pelas cores, texturas, forma e dimensão) teve o intuito de realizar a construção do cenário e explorar a criatividade a partir do estímulo visual, tátil e da capacidade artística e criativa de cada um para a construção cenográfica.

Segundo Garcia (2012), a intervenção por meio de atividades de extensão é um campo vasto para o processo de aprendizagem da reflexão educativa, podendo contribuir para a formação acadêmica. O mercado de trabalho exige para o professor e para o profissional de dança o desenvolvimento não somente de processos, mas também de produtos cênicos como um espetáculo ou uma performance, e as oficinas contribuíram para o aprimoramento de estratégias didático-pedagógicas, de aperfeiçoamento e aprofundamento dos fatores sensoriais em relação à construção e à ampliação de processos cênicos, criativos e de cenários. As duas oficinas preencheram lacunas e estabeleceram redes com algumas disciplinas do curso de dança que se utilizam primordialmente da cenografia e dos processos sensoriais como parte integrativa, construtiva e associativa para o entendimento e conhecimento da dança em sala de aula.

A oficina de Cenografia, por exemplo, além de trazer um conhecimento técnico da confecção de rochas, pedras e pequenas grutas, possibilitou a construção e o manuseio pelos próprios participantes e depois a reutilização nas disciplinas de Dança e Educação Especial (Foto 7), como cenário das aulas que foram ofertadas para os alunos da APAE de Viçosa/MG. A reutilização do cenário foi muito importante para trabalhar as relações do concreto/abstrato que são desenvolvidas nessas disciplinas, bem como o processo de fruição entre o corpo-movimento-ambiente.

Foto 7: Reutilização do cenário em aula com os alunos da APAE na DAN 233 – Dança e Educação Especial I.
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019).

A oficina de "Sensibilização Corporal" também auxiliou nessa interação nas disciplinas supramencionadas aguçando as micropercepções sensoriais do corpo do aluno e também de um elemento didático-pedagógico importantíssimo que é a observação da relação corpo-movimento-ambiente, para que e por meio de suas especificidades, da singularidade e potencial tanto do educador quanto do educando o desenvolvimento e o conhecimento dentro de sala de aula se torne significativamente plural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, acreditamos que todas essas ações tiveram uma importância singular para o aperfeiçoamento da prática docente e discente, seja mediante atividades que aliem a teoria e a prática ou mediante a discussão de temas considerados relevantes ao exercício da profissão em diversas áreas, tais como nas artes, humanas, sociais, biológicas ou na saúde com interface com a educação especial. Assim, consideramos que o processo de oferecimento desses eventos atrelados ao Programa Mais Cultura UFV-ArtCultAção fortaleceu e inovou o entendimento de Cultura e das Artes na Universidade em uma era em que a compreensão e a criação destas perpassa pelo respeito às diferenças, para se ter um diálogo plural no espaço da diversidade.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Berenice Rocha Zabbot. *A Contribuição da Extensão Universitária para a Formação Docente*. Doutorado em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

MATOS, Lucia. *Dança e a diferença*. Cartografia de múltiplos corpos. Salvador: EDUFBA, 2012.

MIGLIORINI, Jeanine Mafra (Org.) *Reflexões sobre a Arte e seu ensino.* Ponto Grossa/PR: Athena, 2018.

MOSTRA DE ARTE PRETA: VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE ARTÍSTICA NEGRA.

Laura Pronsato[1]

> A identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro; passa pela contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão de mundo, de sua religião (MUNANGA, apud SOUZA, 2005)

INTRODUÇÃO

A Mostra de Arte Preta tem como objetivo abrigar o fazer artístico que parta e seja protagonizado pelo corpo negro. Em consequência, entende-se que se revelam por este viés, questões políticas, sociais e históricas que constroem a identidade destes.

Com a experiência em dois projetos de extensão[2] realizados pelo e no Departamento de Artes e Humanidades, Curso de Dança, Universidade Federal de Viçosa foi possível levantar várias questões relacionadas à necessidade de valorização dos saberes artísticos da população negra. Entendemos que, no Brasil, estabeleceu-se uma visão cultural eurocêntrica que ditou, entre outras questões, padrões estéticos hegemônicos e eurocêntricos. A Arte Negra ou a Arte protagonizada por corpos negros ficou relegada, como arte inferior e/ou vulgar, ao estranhamento e ao fetiche sofrendo uma série de preconceitos.

Assim como destaca Vieira (2019), pautando-se em Ribeiro (2018), evidencia-se um projeto de colonização que historicamente silencia e desautoriza identidades que são culturas violadas, marginalizadas, folclorizadas.

O que se notou com a experiência nesses projetos é que a população Negra não se percebe no protagonismo artístico, não se sente valorizado e é atuante em uma sociedade

---

[1] Falta minibios xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

[2] PROJETO DE EXTENSÃO PIBEX-UFV "Dança como expressão cultural: valorização da identidade negra de crianças e jovens" cujo bolsista e idealizar do projeto foi João Paulo Petronílio. E PROJETO de EXTENSÂO PROCULTURA UFV "Poéticas Corporais em Danças Brasileiras" cuja bolsista foi a estudante Elaine Cristina Roque. Os dois coordenados pela Profa. Laura Pronsato.

cujos padrões de beleza por si só já são reconhecidamente um dos modos de discriminação. O projeto Pérolas Negras[3], levanta essa questão explicando que o chamado "padrão de beleza" é reconhecidamente excludente e elitista com o qual os indivíduos ou grupos que se diferenciam do padrão eurocêntrico e de embranquecimento da população, imposta pela cultura dominante, tornam-se malvistos, excluídos, alvo de diversos preconceitos.

Tal exclusão atinge com mais intensidade grupos étnico-raciais, especialmente indígenas, afrodescendentes e asiáticos. Sabe-se que essa expressão de exclusão tem profundas raízes históricas, vinculadas à visão do colonizador europeu, e da suposta superioridade cultural sobre minorias submetidas à opressão e uma visão de cultura eurocêntrica, engessada, rígida, modeladora do que se preestabeleceu como Cultura padrão (e beleza padrão). O legado desta longa fase de exclusão social reflete-se nos dias de hoje, tanto na educação como no mercado de trabalho, e alcança o setor cultural e artístico.

É preciso destacar que somente a partir do ano de 2001, dentro dos espaços de lutas por políticas públicas de igualdade, começamos a ver significativos avanços nas discussões dentro da área da educação e do mercado de trabalho, tendo como referência a realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Correlatas de Intolerância, que se tornou marco, no qual o Estado brasileiro mantém-se signatário da Declaração dos Direitos Humanos e do Plano de Ação resultante desta conferência. Com foco na questão racial, foi apresentado um Documento Oficial do governo no qual se reconhece a responsabilidade histórica do Estado brasileiro 'pelo escravismo e pela marginalização econômica, social e política dos descendentes africanos'. (BRASIL, 2001.)

A partir dessas reivindicações e propostas, os diversos Movimentos passam a empreender novas campanhas e novas discussões com relação à igualdade social. Neste âmbito, a Lei nº 10. 639/2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas no currículo oficial da Educação Básica e inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra".

Na sequência, as Universidades também passaram por um processo de reformulação pelo qual devem se adaptar às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Resolução CNE/CP nº 01, 17/06/2004;) e a Educação em Direitos Humanos (Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012.

[3] Projeto Perólas Negras teve o seu surgimento em 2013 na Casa Cultural do Morro, em Viçosa, Minas Gerais e é um projeto socioeducativo com base na Lei nº 10.639/03, que tem como objetivo trabalhar as metodologias da Pedagogia da Abayomi junto com meninas e mulheres das diversas periferias brasileiras, métodos e metodologias de combate às opressões impostas pelas padronizações das belezas.
(informações acessadas em https://www.facebook.com/pg/NegrasPerolas/about/?ref=page_internal)

A Resolução CNE/CP nº° 01, de 17 de junho de 2004, determina que os currículos contemplem a Educação das Relações Étnico-raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes divulgando e promovendo espaços de conhecimentos, assim como de atitudes, posturas e valores que eduquem com relação à pluralidade étnico-racial, promovendo a garantia pelos direitos e a valorização de identidade, história e cultura afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas e europeias.

Contudo, têm sido um grande desafio abordar essas questões já que, a exemplo da valorização da identidade negra, entende-se, a partir dos estudos de Gomes (2005), que a identidade negra é uma construção "social, histórica, cultural e plural" que apresenta desafios já que:

> Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). Será que, na escola, estamos atentos a essa questão? (GOMES, 2005, p. 43)

Além disso, o desafio é ainda maior sabendo-se da não presença de professores negros na Universidade e na Escola de Educação Básica. Ribeiro (2018) explicita essa situação ao apontar que: "Mesmo sendo a maioria no Brasil, a população negra é muito pequena na academia. (...) Porque o racismo institucional impede a mobilidade social e o acesso da população negra a esses espaços" (RIBEIRO, 2018, p. 73 apud Vieira, 2019).

Os projetos de extensão citados anteriormente tiveram início em 2015, fruto de aprofundamento de outros que seguiam a mesma linha e das propostas abordadas pelas disciplinas do Curso de Dança da UFV, que abordam a Cultura Popular e as Danças do Brasil. Os projetos têm como objetivos centrais "contribuir para a potencialização da autoestima negra, valorização da identidade e da memória cultural desta população" e promover reflexões acerca da aceitação do próprio eu; "dar maior visibilidade, potencializar e proporcionar reflexões teórico-práticas da identidade, memória e saberes tradicionais da cultura brasileira ao articular processos criativos em Dança Brasileira Contemporânea a partir de matrizes afro-ameríndias-brasileiras" além de "apoiar a circulação e produção artística de grupos que desenvolvam suas pesquisas a partir dessas temáticas".

Entende-se a necessidade de promover ações voltadas para a valorização dos saberes culturais e artístico negros, muitas vezes marginalizados, a partir da Arte como área de conhecimento e não apenas como instrumento de entretenimento desenvolvendo atividades que auxiliem no processo de tomada de consciência do seu ser, de valorização de suas singularidades e de sua criatividade, levando em consideração o aspecto cultural de cada um (SANTOS, 2006).

Foi a partir dessas vivências supracitadas e da promoção de eventos como o Seminário de Cultura Afro-Brasileira e a Semana da Consciência Negra, que o bolsista do projeto de extensão Pibex "Dança como expressão cultural: valorização da identidade negra de crianças e jovens" e estudante da Graduação em Dança da UFV, João Paulo Petronílio, teve a ideia de conceber um evento que pudesse abranger outras linguagens artísticas, além da dança, para (com e da) população negra de Viçosa e região.

Seguindo o exemplo de outros eventos que já vem sendo realizados no país afora e que abordam o artista negro como protagonista das propostas, tais como "Feira Preta", "A cena tá preta – Festival de Arte Negra", "Mostra do audiovisual negro", Semana de Arte Negra", criou-se o evento "Mostra de Arte Preta" na UFV com o qual se enfatiza a importância da valorização e a identidade cultural do corpo negro como questão essencial para a transformação educativa duradoura dos padrões deturpados e dissociados da realidade social do grupo.

A MOSTRA DE ARTE PRETA

Até o presente momento, 2020, já foram realizadas quatro Mostras. Este ano, preparamos a V Mostra de Arte Preta que, devido ao isolamento social em consequência da Covid 19, será o primeiro a ser realizado virtualmente.

O evento teve início em novembro de 2016 com a I Mostra de Arte Preta. Esta ocorreu no espaço do Departamento de Artes e Humanidades ocupando corredores e estúdios de dança nos quais se realizaram várias apresentações artísticas das mais diversas linguagens da Arte. Em 2017, para a II Mostra de Arte Preta decidiu-se acrescentar um subtema "intolerância religiosa" já que o momento era de denúncia no país sobre essa situação. Em 2018, realizou-se a III Mostra de Arte Preta que não teve um subtema específico, mas ampliou parcerias junto ao NEAB (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – Viçosa) e ao Departamento de Geografia. E, finalmente, em 2019, realizou-se a IV Mostra de Arte Preta mantendo-se as parcerias do NEAB e do Departamento de Geografia.

Assim, descrevemos a Mostra de Arte Preta nos espaços de divulgação:

> "A Mostra de Arte Preta, desde a sua primeira edição, tem como objetivo valorizar o protagonismo de artistas negros das mais variadas linguagens artísticas (dança, teatro, música, artes visuais, literatura, audiovisual entre outras) com a apresentação de seus trabalhos. Busca-se a descentralização dos fazeres artísticos advindos de padrões eurocêntricos e uma contribuição para demonstrar a relevância da cultura negra e a valorização do legado cultural que contribuiu e contribui para a identidade do Brasil."

A Primeira Mostra de Arte Preta, como todo início, foi mais tímida. Composta por artistas – estudantes e/ou pessoas da comunidade viçosence e dos arredores – convidados

pessoalmente. Esse convite só foi possível graças à atuação dos projetos de extensão Pibex e Procultura cuja atuação se deu tanto no espaço acadêmico na criação de espetáculos de danças brasileiras que são apresentados em vários espaços, quanto na formação em oficinas denominadas “Encontros para Dançar e Dialogar” cuja temática envolvia as relações étnico-raciais e eram abertas à comunidade em geral. Além disso, pudemos realizar pequenas **Mostras Itinerantes de Arte Preta** em algumas escolas e espaços não formais. Com essas atuações, a equipe organizadora do evento pode conhecer vários artistas negros, moradores da cidade de Viçosa e arredores, que estavam invisibilizados e/ou não se reconheciam com artistas.

Desse modo, a primeira Mostra de Arte Preta[4] ocorreu no dia 09/11/2016 nas dependências do Departamento de Artes e Humanidades da UFV e integrou as programações da Semana da Consciência Negra realizada pelo NEAB. Realizaram-se apresentações itinerantes pelos espaços do Departamento dando início ao evento na área externa do prédio onde se localiza um teatro de Arena. Os próprios artistas se organizaram para que eles mesmos, durante suas apresentações, pudessem levar os espectadores aos espaços da apresentação que se daria na sequência. Desse modo, realizou-se um passeio cultural utilizando não apenas os estúdios de dança, mas também a área externa, os corredores e as escadarias.

Foto: Renan Marinho.

A II Mostra de Arte Preta[5], realizada no dia 08 de novembro de 2017, também nas dependências do Departamento de Artes e Humanidades da UFV contou com o apoio do Programa Mais Cultura – Articulação – UFV o que ampliou a participação dos artistas e o alcance da Mostra. Com esse apoio, a Mostra conta com artistas da própria cidade

---

[4] Para ver fotos e vídeos do evento, acesse a página Facebook do NEAB Viçosa: https://www.facebook.com/pg/NeabVicosaMG/photos/?tab=album&album_id=1857043987862479
[5] Idem nota 3.

de Viçosa, mas também de cidades próximas como Ponte Nova e Juiz de Fora. Assim, foi possível auxiliar esses artistas com transporte e alimentação. Além disso, pudemos contar com fotógrafos e a arte gráfica de Beatriz Lima, que organizou a publicidade do evento.

Foto: Renan Marinho.

Em novembro de 2018, chegamos à III Mostra de Arte Preta. A demanda de artistas querendo se apresentar aumentou, e nossas parcerias foram ampliadas e consolidadas. Continuamos com a parceira do NEAB, especialmente com o SEJUNE (Sexualidades e Juventudes Negras do NEAB) e o evento foi inserido nas programações do movimento LGBT Primavera nos Dentes; da Semana de Consciência Negra do Viçosa – UFV (organizado pelos Departamentos de Geografia, História e Letras); do IV Casa de Bamba (Capoeira Angola Tribo do Morro).

Isso também demandou uma ampliação na programação que foi efetuada em dois dias (21 e 22 de novembro de 2018). Anteriormente o evento acontecia em uma noite com programação que durava no máximo três horas. Neste, ocupamos as duas noites e os horários de almoço, e as apresentações também ocorrerem em outros espaços além do Departamento de Artes e Humanidades como o DCE barzinho/UFV e o Teatro do DED (Departamento de Economia Doméstica).

Outra mudança que tivemos que realizar foi a inserção de um processo de inscrições dos artistas que desejavam se apresentar. Desse modo, abrimos um *googledoc* para inscrições no qual também constavam as possibilidades de horários para a realização de suas apresentações.

Nesse evento contamos com o fotógrafo Rodrigo Avelar, cujas fotografias artísticas fazem parte do pós-evento e estão disponíveis no Flickr de Rodrigo Avelar – álbum III Mostra de Arte Preta – 2018[6].

Para esta III mostra, apresentamos uma programação mais detalhada em *flyer* – o que possibilitou uma melhor divulgação das obras artísticas e de seus autores. Além de cartazes, *banner* de divulgação, tivemos uma divulgação nas redes sociais como Facebook (*Mostra de Arte Preta*) *e* Instagran (*@artepreta.m*).

A programação[7] nessa III Mostra de Arte Preta contou com a participação de alguns artistas independentes e grupos artísticos que vem nos acompanhando desde a primeira edição e outros que vieram pela primeira vez e promoveu uma maior diversidade de linguagens artísticas e do público.

Foto: Renan Marinho.

[6] https://www.flickr.com/photos/avelarrodrigo/albums/72157675987878428

[7] Para ver a programação completa, fotos e vídeos desta e das edições anteriores, acesse a página de eventos da Mostra de Arte Preta: https://www.facebook.com/events/691080061290953/?active_tab=discussion

Figura 1 – Foto Rodrigo Avelar.

Finalmente, chegamos à IV Mostra de Arte Preta[8], realizada no dia 27/11/2019, que seguiu o mesmo padrão da III. Nesta, contamos com a produção de Camila Oliveira Produções e Arte Gráfica de Nathália Camila. Retomamos a realização efetivada em um dia, contando com apresentações de divulgação nos horários de almoço no espaço do barzinho DCE/UFV. As parcerias com os outros eventos foram mantidas buscando organizar artistas da Mostra de Arte Preta para se apresentarem também nesses outros eventos, como: Seminário de Cultura Afro-Brasileira; Casa de Bamba, Semana da Consciência Negra NEAB/UFV.

Como já notado na Mostra anterior, é importante frisar que alguns artistas se tornaram frequentes trazendo alguma nova obra de arte em cada uma das edições.

Para finalizar essa explicação sobre as edições das Mostra de Arte Preta/DAH-UFV, é preciso ressaltar a imprescindível e importante participação dos estudantes do Departamento de Artes e Humanidades na organização e na comissão coordenadora de todas as edições. Para cada uma das Mostras, configura-se uma nova equipe que impulsiona e engrandece a realização desses eventos.

Nestes tempos de isolamento social em decorrência da Pandemia COVID-19 realizamos a V Mostra de Arte Preta em formato virtual, na esperança de que o evento possa se manter e se consolidar cada vez mais. Passamos pelo processo de inscrições pelo qual os artistas foram orientados a nos enviarem vídeos de suas obras nas diferentes linguagens da Arte e tivemos realizamos algumas *lives* sobre a temática. Deste modo V Mostra de Arte Preta foi apresentada via Instagram (*@artepreta.m)* e pelo canal do Youtube (Mostra de Arte Preta) durante cinco fins de semana, do dia 24/10 ao dia 21/11/2020.

---

[8] Para ver a programação completa, fotos e vídeos desta e das edições anteriores da Mostra de Arte Preta acesse: https://www.facebook.com/artepreta.m/photos/?ref=page_internal e Instagram @artepreta.m

Entende-se que o evento tem se mostrado importante para a comunidade da Universidade Federal de Viçosa, da cidade de Viçosa e das cidades próximas como espaço de contribuição com o qual se reconhecem as narrativas e identidades de artistas negros muitas vezes silenciados ou pouco valorizados mesmo sabendo-se que a cultura e a população negra são predominantes na sociedade brasileira, porém negados, não reconhecidos, silenciados e invisibilizados.

Característica da Mostra de Arte Preta então é a arte que emana resistência, criatividade, persistência, coragem e luta, demonstrando que a população negra também é produtora de cultura, de arte, de linguagens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 10.639, 9 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em 03/09/2014.

BRASIL, Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Brasília 2001. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/discrim/relatorio.htm Acesso em 05/09/2014.

CAVALLLEIRO, Eliane. Introdução. In: Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

DOMINGUES, Petrônio José. A *redempção de nossa raça*: as comemorações da abolição da escravatura no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 19-48 – 2011. Disponível em www.scielo.org. Acessado em 10/08/2013.

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil*: uma breve discussão. In: BRASIL. Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal no 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. *Corpo e ancestralidade*: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SOUZA, Ana Lúcia Silva (et al...). *De olho na cultura*: pontos de vista afro-brasileiros. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829030905/pdf_237.pdf. Acesso em julho de 20119.

VIEIRA, Nara Córdova. *Processo de criação em dança Andeja nos Ventos*: Caminhos abertos pelas corta-ventos, mulheres negras, congos da banda de Airões-MG. Mestrado em Dança, UFBA, 2019.

GRAMADO-ESCOLA NA TROCA DE SABERES: ALDEIA DE BAMBU E RESSURGÊNCIA PURI.

Willer Araújo Barbosa[1]
Christina Grupioni[2]

UM PONTO DE PARTIDA: PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PELO TRABALHO

Este ponto busca explicitar a dimensão epistemológica deste estudo. Celestin Freinet é um mestre do trabalho e do bom senso e se inscreve entre os educadores identificados com a corrente da Escola Nova que, nas primeiras décadas do século XX, se insurgiu contra o ensino convencional, centrado no professor e na cultura enciclopédica, propondo em seu lugar uma educação ativa em torno do educando. Para ele, só é possível aprender a partir da experiência e isso só é possível se houver trabalho, prático e intelectual. A educação, dentro dessa lógica, deve proporcionar aos educandos e educandas a realização de um trabalho efetivo, pois só o trabalho é capaz de desenvolver o pensamento lógico e inteligente que se faz a partir de preocupações materiais, sendo que estas são um canal para a abstração.

Freinet acreditava que, no e pelo trabalho, o ser humano se exprime e se realiza. A ideia é de que o aprendizado deve se dar a partir de ações que sejam necessárias para a produção de bens que sejam úteis aos educandos, úteis para a vida. Esses bens tanto podem ser materiais, por exemplo, fossa séptica para tratamento das águas de uma escola; como bens culturais, como poesias, prosas, desenhos, jornais e livros escritos e divulgados pelos próprios educandos. A função do educador, nessa proposta, é organizar e motivar o trabalho, sem imposições ou ameaças. A ideia dos conceitos geradores como ponto de partida para um ensino libertador de Freinet tem evidente ligação com os trabalhos desenvolvidos pelo educador brasileiro Paulo Freire.

A pedagogia do trabalho tem a intenção de formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, capaz de modificar o meio e emancipar quem o exerce. Ao se criar uma atmosfera laboriosa, se estimula os educandos e educandas a procurar respostas para as

---

[1] Falta minibios xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
[2] Falta minibios xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

necessidades, ajudando e sendo ajudados e buscando no educador alguém que organize o trabalho e colabore no êxito de todos os participantes, além de criar interações e envolvimentos afetivos, que garantam uma forma mais profunda de aprendizagem. Dentro dessa lógica, o trabalho e a cooperação para o êxito de todos vêm em primeiro plano, ou seja, a prática pedagógica é centrada na produção do educando e da educanda e na cooperação entre pares. O trabalho, na pedagogia Freinet, não se refere, naturalmente, ao trabalho forçosamente manual, mas ao processo de trabalho que contempla toda pesquisa, documentação e experimentação.

Ao lado da pedagogia do trabalho e da pedagogia do êxito, Freinet propôs, finalmente, uma pedagogia do bom senso, pela qual a aprendizagem resulta de uma relação dialética entre ação e pensamento. O educador se pauta pelo história pessoal do aluno, interage com os conhecimentos novos e essa relação constrói seu futuro na sociedade. Dessa forma, a pedagogia Freinet consegue que, a um só tempo, educandos e educandas tenham uma produção individual significativa, respeitando o ritmo de trabalho de cada uma delas e cooperem com colegas na produção dos outros e da coletividade.

Pode-se dizer que a pedagogia de Freinet se fundamenta em quatro eixos: 1) a cooperação (para construir o conhecimento comunitariamente); 2) a comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo); 3) a documentação diária dos trabalhos; e 4) a afetividade (como vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento). A partir desses eixos, a prática do trabalho é capaz de desenvolver, segundo Rosa Sampaio (1989): i) o senso de responsabilidade; ii) o senso cooperativo; iii) a sociabilidade; iv) o julgamento pessoal; v) a reflexão individual e coletiva; vi) a criatividade; vii) a expressão; viii) a comunicação; ix) o saber fazer (*know how*); x) os conhecimentos úteis; e xi) a capacidade de reduzir os pontos de desigualdades socioculturais.

Enquanto a educação convencional trabalha para mimar o "usuário" suprindo necessidades e estimulando desejos, a resistência trabalha para fortalecer a autonomia das pessoas em definir e suprir suas próprias necessidades. Esta proposta pedagógica se funda, portanto, na junção da cooperação no trabalho coletivo com a valorização da produção individual. Assim, ao mesmo tempo em que permite que cada educando e educanda gere seu próprio ritmo, faz com que perceba que pertence a um conjunto maior e que sua produção tem valor para todo o grupo, podendo ser melhorada e ampliada pela interferência dos colegas.

CONTEXTO DE INTENSIDADES E DIVERSIDADES

A Troca de Saberes acontece desde 2009, evento anual com duração de quatro dias no campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV), e tem o objetivo de buscar

o diálogo sociedade-universidade. É um território de educação intercultural que prima pelas interações entre sabedoria popular e campos do saber científico e ocorre concomitantemente à Semana do Fazendeiro, que historicamente (desde a década de 1920) é um território do agronegócio, como hoje se denomina.

O intuito de criar ambiências propícias a múltiplas trocas entre saberes diversos traz a necessidade do uso de metodologias apropriadas para tal abordagem. Uma das estratégias e dispositivos utilizados para isso são as Instalações Artístico-Pedagógicas, que são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber científico (Alves et al., 2011; Lopes et al., 2013). São cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, isto é, uma multiplicidade de "suportes" e linguagens utilizados na espacialização para criar um ambiente problematizador que suscite reflexões, *insigths* e críticas. Afirma-se que a experimentação das instalações artístico-pedagógicas foi inspirada nos programas de formação dos trabalhadores da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e suas Escolas Sindicais.

A aldeia de bambu surgiu a partir de 2013 atendendo a uma demanda por autonomia da Troca de Saberes, cuja construção ocorre com o auxílio do protagonismo estudantil, ou seja, existe um interesse de que a pré-Troca seja um espaço de aprendizados que não se adquirem em sala de aula e que seja um espaço físico contra-hegemônico, daí a expressão gramado-escola, uma vez que se ocupa um enorme gramado no centro do campus universitário. Em contraponto à utilização de estruturas feitas com mão de obra externa à equipe da Troca, na lógica de terceirização, sem autonomia, convencional, com lonas plásticas, estruturas metálicas. O foco da Troca é tratar, entre outras, da cultura popular, cultura ancestral, oralidade, pesquisa-educação e autonomia, com certeza, o uso do bambu para construções possibilita tratar esses assuntos.

A vivência para construção da aldeia de bambu na Troca de Saberes tem como pretensão construir equipamentos de bambu para sediar o evento, de modo que o espaço-tempo de oficinas perpassam a teoria, a prática e a ação, se assumindo experiência. Essa vivência, intitulada pré-Troca, é um território de trabalho para a concretização física de equipamentos artístico-pedagógicos que serão responsáveis por uma ambiência permanente na Troca de Saberes. São permanentes porque estão presentes o tempo todo em utilizações multitemáticas, para apreciação, vivências e diálogo entre os saberes popular e científico. Possibilita aprendizagens através da vivência prática, o que caracteriza a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão como princípio único universitário.

A pré-Troca ocorre no Gramado-escola durante algumas semanas que antecedem o evento e suas principais ações são: planejamento de conexões e equipamentos; colheita de bambu; construção de equipamentos de bambus para realização da Troca de Saberes; construção de maquetes e equipamentos e desmontagem destes. De forma transdisciplinar,

promove a identidade dos participantes da Troca que, ao participarem da pré-Troca, se tornam autores ativos e autônomos na construção do próprio conhecimento e sujeitos protagonistas na organização e realização da Troca de Saberes para geração de antigas, porém novas, perspectivas do saber. Antigas para mestres populares bambuzeiros, mas novas para a academia, acostumada à supervalorização do saber científico em detrimento do popular.

O compromisso coletivo, sob este aspecto, assumido na pré-Troca é o de utilizar saberes de pesquisas acadêmicas, associado ao saber popular do uso e manejo de bambus, para produzir transformações, gerando a indissociabilidade. E, incidem no campo da educação com a realização de pesquisas relevantes e acessíveis que contribuam para que, tanto educadores como gestores das políticas públicas, possam avançar no desenvolvimento educacional e em mudanças sociais.

Os autores sociais são estudantes de graduação e pós-graduação, professores da UFV e profissionais técnicos formados que integram a Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA), uma cooperativa de trabalho. Além desses autores envolvidos diretamente no processo, ao se tratar da perspectiva da ecologia de saberes destacamos nos últimos três anos a participação do mestre bambuzeiro José Maria Pedro, do Município de Chalé, no Leste de Minas Gerais. Mestre que resistiu e preserva esse saber ancestral popular, que tem um papel emancipatório para sujeitos intencionalmente jogados à margem da produção de saberes, como é o caso de mestres *Griotas*, nome advindo da pedagogia quilombola, e aqui utilizado em sua forma comum de dois gêneros como em várias das Áfricas.

Pode-se dizer que a essência do processo de planejamento e empoderamento das técnicas construtivas de bambus na pré-Troca ocorre de forma horizontal, colaborativa e participativa e congrega conceitos técnicos e da tradição oral de um ofício. Utiliza círculos de conversa para organização e tomadas de decisão durante o processo das atividades e círculo de cultura para diálogos mais conceituais em aprofundamento. Os círculos de conversa determinam metas e os indivíduos pesquisam, aprimoram e constroem maquetes para se preparar para a construção dos equipamentos no gramado-escola. Sua metodologia traz o aprendizado através da prática, onde uma pessoa com maior experiência auxilia as menos experientes. A educação pelo trabalho e a transdisciplinaridade aparecem de forma quase espontânea durante todo o processo de trabalho.

Cada pessoa, de acordo com o conhecimento que tem, contribui propondo soluções ou simplesmente acrescentando informações das mais diversas áreas. Algumas pessoas permanecem durante os anos, mas é interessante observar a rotatividade de pessoas que às vezes chegam, ensinam algo, ficam ali um turno ou mais, contribuindo no trabalho e na concepção e depois se vão. Ou outros que chegam, aprendem a partir de alguma orientação oral, expressam empolgação verbal e se vão levando esse saber sabe-se lá

para qual dimensão da sua própria realidade. De manhã cedo, todos e todas se assentam em círculo para programar o dia, de acordo com as demandas e o número de pessoas que estão ali disponíveis.

Nesses 4 anos, ocorreram mutirões para colheita no bambuzal do Departamento de Arquitetura, da Silvicultura, da Dendrologia, do Tratamento de Águas e da Pedreira da UFV, entre outros locais da região. Dessa forma, o trabalho que já se fazia com bambus pelos grupos universitários, de forma intermitente, se tornou mais visível e, em nosso ponto de vista, foi a primeira "cidade" de bambus construída na UFV/Viçosa. Avançaram-se ali diálogos e conversas sobre a estruturação de habitações com bambu. As atividades para construção dos equipamentos que sediaram o evento englobaram técnicas para corte, manejo, secagem, tratamento, manufatura e montagem das construções. Ocorrem, anteriormente, oficinas de colheita. O bambu gigante colhido já foi tratado, por exemplo, com ácido bórico, imerso durante um mês em temperatura ambiente. Em outra ocasião, simplesmente com imersão em água. A cada ano, há inovações de técnicas construtivas e conceitos de trabalho que ainda não haviam sido abordados anteriormente.

A cada ano é trabalhado um tema na Troca de Saberes, que inspira o *design* da localização dos equipamentos no gramado e das intervenções artísticas. O *design* da aldeia de bambu baseada em uma concepção estética ancestral amerindiafricana indica uma potencial integração transdisciplinar.

RESSURGÊNCIA PURI NO SUDESTE BRASILEIRO?

O atual Movimento de Ressurgência Indígena Puri, também a partir de 2013, encontra na Troca de Saberes um *locus* de auto-reconhecimento e ocupa um espaço significativo da Aldeia de Bambu: a oca dos Povos Originários, como veremos adiante. É bom ressaltar que esse povo tem suas origens históricas enraizadas na região Sudeste brasileira e na Zona da Mata mineira, onde se situa a Universidade.

Assim, em uma espécie de fabulação desse processo de recuperação identitária, expomos: – o povo Puri pede licença. "Estamos bem-vivos! Nhá Tamatli" Daqui da região Sudeste brasileira se busca o bem-viver latino-americano e assim se visitam, se dão a conhecer, se colocam a caminho da reconfiguração étnica a partir de uma cruel diáspora colonial. Um e uma surgem como únicos representantes-sobreviventes de um povo e grita: onde estão os meus parentes?! Outra e outro se enxergam naquele grito lembrando com dor da avó pega a laço. Outro e outra mais rememoram histórias e narrativas de seus ancestrais. Uma família se dá timidamente a conhecer no sofrimento da discriminação secular, mas que ainda resiste aos processos de especulação imobiliária entre o trabalho agrícola, a produção artesanal, cantorias e rezas de um povo silenciado. Uma rede de

comunidades agroecológicas, que *quase-já* conseguiu se impor diante da estrutura agrária excludente das sesmarias, dos latifúndios e agronegócios também se afirmam nesta emergência social identitária Puri.

Enfim, sujeitos, grupos e formações sociais brotam como que *levantados do chão* e colorem o mapa branco, cristão e masculino com outras possíveis cores da diversidade. A partir de seus locais, a princípio desconectados entre si, se traçam longas caminhadas em busca do outro de um si-mesmo, agora coletivo e tendente a tribal. Tensamente, a cidade e o campo perdem fronteiras rígidas e novas jornadas nômades Puri passam a ser trilhadas.

Então, a Troca de Saberes/UFV passa a sediar encontros anuais e este povo originário recomeça a re-desenhar um projeto comum. Começam a re-surgir Aldeias Uchô-Puri na procura do trato da terra, das matas e das águas... desse povo ancestral. “Quero ser enterrado em meu próprio território de pertença!” Um povo de linhagem feminina violentada, concreta e simbolicamente, uma vez que a maioria de seus guerreiros homens foi chacinada pela civilização. Dores e memórias sociais surgem e tornam-se mote de simbolizações para o ressurgimento indígena do povo Puri.

BREVE HISTÓRIA DAS TROCAS DESDE 2013 COM DESTAQUE À OCA PURI

Desde o seu surgimento, alguns grupos de agroecologia já trabalhavam e realizavam mutirões de bio-construção utilizando barro e bambu em atividades mais específicas e pontuais. O período da pré-Troca e Troca passou a ser o momento em que essas ações se concentravam, em que os grupos voltavam suas atenções e esforços para as demandas da Troca. Este período é, portanto, um dos momentos de forte expressão do movimento agroecológico em Viçosa. Com o fortalecimento e maior articulação entre os grupos, pouco a pouco vem consolidando-se um cenário mais conciso e propício ao surgimento de iniciativas, projetos e programas voltados para práticas e tecnologias alternativas, sendo o Grupo de Estudo em Bambu um dos grupos que já trabalhava há poucos anos para estudar e experimentar técnicas construtivas de bambus.

Nesse sentido, os grupos agroecológicos atuaram e atuam como locais de formação política e técnica dos indivíduos que compõem os coletivos, pois são nestes que muitas vezes as pessoas têm seu primeiro contato com as tecnologias alternativas. Com o processo pedagógico por meio do trabalho e com a visão crítica que a agroecologia demanda incorporada no dia a dia, permite o contato, a reflexão, a ambientação e, por fim, a valorização das bandeiras e das práticas agroecológicas. Práticas essas que incluem as técnicas de bioconstrução e, mais especificamente, as que utilizam o bambu, de tal forma a garantir que as técnicas e os saberes tenham condições de se perpetuar, passando de pessoa para pessoa e se firmar no contexto da Troca de Saberes.

Na preparação da 5ª versão da Troca de Saberes, em 2013, Marcos Mandala, bioconstrutor convidado, da Escola VelaTropa, de Garopaba, propõe a construção de equipamentos circulares inspirados em moradias de diversos povos ancestrais. O foco daquela Escola é a consciência planetária e uma das ações de trabalho é a bioconstrução com bambus, barro e outros elementos. Para preparação dos trabalhos com bambus ocorreram conversas e palestra sobre moradias circulares ancestrais, moradias circulares modernas, onde foi feita a comparação entre a nossa sociedade que mora em locais cheios de arestas e os povos ancestrais, que moravam em equipamentos circulares e como isso interfere no cotidiano das pessoas. Além disso foi abordada a autoconstrução e levantada a questão do saneamento ecológico em eventos, em contraponto ao uso do banheiro químico. No ano de 2013, no contexto de pré-Troca, o primeiro encontro para repasse de técnicas foi a construção de um domo geodésico, frequência 1, com junções de pvc, na casa 18 da Vila Gianetti, da UFV.

Por meio da perspectiva do aprender fazendo foram construídos ainda, no gramado-escola, dois yurts, moradia tradicional do povo nômade mongol e dois tipis, moradia de povos nômades norte-americanos. Alguns brinquedos também foram construídos com bambu: o bambu integral e o balanço. A técnica de construção com bambus, a partir do trabalho e de orientações objetivas orais, é facilmente assimilada e permite o processo de construção em mutirão, além de despertar a necessidade da autoconstrução como formação. Cada equipamento recebeu uma finalidade e uma ambiência para atender às necessidades do evento: tenda da cura, espaço dos cursinhos populares, oca dos povos originários, licenciatura em educação do campo com habilitação em ciências da natureza e agroecologia, estágio interdisciplinar de vivências (EIV), articulação das escolas família agrícolas, entre outros, uma vez que alguns equipamentos são compartilhados por mais de uma instalação e temática.

Além disso, ocorreram oficinas de técnicas que empregaram outro material biológico associado ao bambu, que é o barro. Foi realizada a construção do fogãozinho foguetinho (que foi construído com adobe), algumas paredes dos equipamentos cobertos de taipa e a espiral dupla, que serviu de caminho para entrada na geodésica dos povos originários. Outra tecnologia social trazida para a instalação permanente da aldeia foi o filtro biológico, focalizado pelo grupo SAUIPE - Saúde Integral em Permacultura, e o minhocário, que recebeu o lixo orgânico do evento.

Neste contexto, a Oca dos Povos Originários buscou vincular a emergência Puri com a problemática afro-brasileira. Fez-se, como dito, uma bioconstrução em bambu cana-da-índia na forma de um domo-geodésico, tendo como trilha de condução à sua entrada – sentido leste – uma dupla espiral de 7 metros de diâmetro. Cada perna dessa espiral estava, no chão, uma coberta de serragem e outra de sementes de urucum. Elementos, imagens

e espelhos se penduraram na caminhada e um vaso de água ao centro chamavam a uma reflexão pessoal até que adentrava ao equipamento. Ali se encontravam outras imagens, pequenos textos, grafismos e uma pequena fogueira ao centro que pediam o exercício da memória. Lá dentro estavam facilitadores de um diálogo interpretativo daquela instalação artístico-pedagógica. As surpresas foram muitas, choros e emotividade perpassavam a chegada de cada um dos participantes da Troca ao ouvirem cantos entoados em uma língua desconhecida. O recém-publicado Dicionário da Língua Puri (LEMOS, 2013) alimentava pesquisas sobre palavras já ouvidas e favoreciam novas composições e uma proto-gramática dessa língua dada por extinta há séculos.

Nesse período, cria-se no Facebook o Grupo Puri e estudos de brasilianistas dos séculos anteriores vêm à tona recuperando grafismos, roupagens, adereços, cortes de cabelo, enfim, a imagem dos antigos. Algumas teses acadêmicas são socializadas e estudadas e assim vem se formando o cadinho das anteriores e atuais identidades Puri (BARBOSA, 2005; LEMOS, 2016). Ali se autonomeia publicamente o Movimento de Resistência e Ressurgência Puri e se inicia uma nova Prosa Puri, que vem desembocando em diversas articulações, publicações e canções.

No ano seguinte, 2014, além da repetição dos quatro equipamentos do ano anterior (geodésica, yurt, tipi e bambu integral), construiu-se uma barraca de lona preta significando o espaço do curso de graduação Licenciatura e Educação do Campo – LICENA, vinculada ao MST, e a chegada do mestre bambuzeiro puri Zé Maria Pedro trouxe a técnica das tramas e cestarias de bambu. Nessa pré-Troca, iniciou-se a conversa sobre tratamento de bambus e os *Phyllostachys Aurea,* conhecidos como bambuí ou cana da índia, foram tratados pelo método do fogo, com o uso do maçarico e lustrados com pano. Além disso, durante os meses que antecederam a Troca de Saberes foi projetado pela GT-bambu da OCA uma ideia de banheiro seco modular. Na prática foi construído com forma circular, porém, apesar de esteticamente agradável, não demonstrou a funcionalidade prevista nos pré-requisitos do projeto e foi abandonado no ano posterior.

Ainda em 2014, a nova Oca dos Povos Originários é inspirada na forma das ocas dos povos do norte e centro-oeste brasileiros, isto é, uma elipse de bambu recoberto de palmas de Indaiatuba, aproximando à estrutura de uma Nguara Puri. O fogo central se mantém aceso e danças indígenas fazem parte do awé-toré em seu interior. Rodas de conversa se fazem no redesenho da busca desse povo. Naquele ano chegaram um indígena Borum e alguns Pataxó. Banners informavam sobre estudos de espécies florestais (donde surge a relevância, entre outras, da macaúba e do coité como estruturantes dessa tradição), da realização de oficinas pedagógicas em escolas da Educação Básica sobre a cultura indígena regional e outros.

A problemática afrodescendente não conseguiu se incorporar nessa Oca, crê-se, em função do maior interesse na busca da matriz africana por parte do movimento negro. Por outro lado, se avançou na composição e possíveis estratégias para o movimento Puri a partir de rodas de conversa com múltiplos atores e autores envolvidos. Surge nessa inflexão culturalista o Grupo de Danças Brasileiras Micorrizas, que desenvolve belíssima apresentação, também utilizando das tramas de bambus na forma de objetos-saias. Assim se configurou o Labirinto Balaio, que cruzou em diversas direções a aldeia, expondo o vigor do ressurgimento da agroecologia.

No ano de 2015, surgiu o paraboloide hiperbólico, equipamento planejado e organizado alguns meses antes da Troca. A ideia do banheiro seco permaneceu e se iniciou a construção da estrutura conceitual do equipamento. Entretanto, devido à restrição do tempo, não foi possível terminá-lo para uso durante o evento. A cidade de bambus foi construída seguindo a orientação das 4 direções (leste, sul, oeste, norte), de forma a honrar o povo guarani. Foi programado o fogo sagrado, que para esse povo representa o coração e o coração também alimenta o fogo sagrado. Dessa forma, foram construídos um yurt, um tipi, três geodésicas, a oca dos povos originários e um paraboloide hiperbólico.

O paraboloide foi a tenda do curso LICENA. Além disso, dois bambus integrais foram usados como andaimes e uma escada gigante de bambu foi construída para assessorar as obras. Foi realizado um círculo de cultura sobre o tema, onde houve um diálogo sobre as percepções dos participantes na instalação artístico-pedagógica. Houve, integrado, um curso de construção com bambus, ministrado por bolsista de extensão. Cerca de doze estudantes de graduação se aproximaram e estiveram presentes nos trabalhos. Cinco pessoas estavam presentes mais integralmente e contribuíram nos planejamentos diários e de concepção do todo. Para esse ano o Grupo Micorrizas nos presenteou com a performance coletiva do Cementério, cujo cenário também foi construído todo com bambus, em um espetacular levantar-se do chão em lutas pela transformação planetária.

Enfim, a Oca dos Povos Originários foi localizada próxima ao centro da aldeia de bambu, como passou a ser chamada e ali se acendeu a fogueira que ficou praticamente acesa durante os quatro dias do evento. A Oca dos Povos Originários não foi construída com o bambu em cana, mas sim em taliscas conectadas na base no solo e vergadas com amarração ao centro e no alto numa configuração ovoide, recoberta com a palma da indaiatuba e visivelmente mais artesanal. Novos sujeitos Puri se aproximam, agora demandando não apenas a temática das identidades étnicas, mas também as políticas públicas de reconhecimento oficial, bem como a problemática de acesso a um ou a alguns territórios Puri autônomos. O artesanato a partir de grafismos ancestrais ganha boa visibilidade, bem como a narrativa de histórias, o canto, a dança e as pinturas corporais a partir do urucum e do jenipapo.

Por fim, chegamos ao ano de 2016. Para efeito desta sistematização, oportunidade para esta importante, ainda que incompleta reflexão sobre nosso próprio fazer. As peças foram guardadas e reutilizadas, mantiveram-se os equipamentos yurt, geodésica, tipi, bambu integral e avançamos na concepção do banheiro seco modular, além da nova oca. O Grupo Micorrizas de Danças se elevou aos céus portando grandes birutas ao vento, ao que se somou o grupo, também de danças da UFRRJ, expondo a insustentável leveza do ser em tempos obscuros de golpe neoliberal.

Para essa Troca 2016, a Oca dos Povos Originários manteve a centralidade na aldeia, mas tomou a forma de um tipi dos indígenas norte-americanos e foi erguida com enormes bambus-gigantes, de forma que o fogo sagrado ganhou ainda mais relevância. A articulação Puri prosseguiu em franco crescimento por toda a região serrana do Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Parece que os Puri de Araponga se distanciaram e ficaram a observar os caminhos desse movimento talvez mais urbano...

Em 2017, a aldeia se estabelece com três domos geodésicos, frequência 1, um domo, frequência 2, e surpreende ao colocar um domo frequência 3, com cerca de 9 metros de altura no gramado escola; além do yurt. do tipi e do banheiro seco. Foram construídas ainda mesa de bambu e o minhocário. O parabolóide hiperbólico foi também construído novamente, e dessa vez, aportou a oca dos povos originários, mantendo-se a já estabelecida tradição do fogo sagrado durante os quatro dias de evento. Um fato interessante foi o estabelecimento de um outro fogo sagrado, mantido no tipi e focalizado pelo parceiro Ed Natureza, que conduziu atividades artísticas, apresentando seus personagens, artesanato e seus métodos de trabalho com crianças.

SABERES E HABILIDADES POTENCIALMENTE ADQUIRIDOS

Foi possível observar alguns *feedbacks*: o aprendizado no trabalho vai desde a descoberta de métodos práticos de medição (ocorre quando se precisa locar um círculo no chão e dividi-lo em *n* partes, onde serão pontuados as esperas); prática de uso de ferramentas como serrinha, furadeira, esmerilhadeira, serra-circular, faca; habilidades manuais, como a trança do bambu e a retirada de ripinhas de bambu com faca, até a noção mais técnica de resistência dos elementos de construção; aspectos culturais como as moradias circulares e formas de morar tradicionais; recuperação da observação dos pontos cardeais para localizar as entradas e as saídas. A constituição e repetição ano após ano desses ambientes que rememoram povos e saberes de antepassados nos remete não só às técnicas construtivas, mas avança em relação à forma de vida e a cultura dos povos.

Enfim, em nossa zona de liberdade e criatividade os bambus se convertem em uma totalidade relacional, de aplicador artesanal de rapé à construção complexa de cidade.

Planta danada de múltiplas funções: significada e ressignificada pelos povos da Colômbia à China. Serve de alimento de urso e de gente, artesanato, artefatos e construção. É considerado um excelente material para se construir casas por sua flexibilidade e rigidez, tudo ao mesmo tempo. Quem ensina muitas vezes não tem a pretensão de ensinar, pois, além de trabalhar os bambus permitem brincar... É nesse bailado das mãos tecendo com bambus que se constrói a aldeia de bambu que abriga, além do seu, outros saberes, uns inéditos, outros ancestrais e mais outros...

Enquanto isso, um povo dado por extinto vem recuperando suas vozes, criando seus poemas e canções na língua quase extinta agora em estudos e recuperação: prini aphon/ dieh Puky moun tschóre/ lò popeh mpó pathan/ lò ambô tèouti ambô/ timiri tumah prini/ lò uhtl'ana tèouti arining/ camaring omlè (da língua Puri, em processo de *reinvenção*, traduzido à língua portuguesa: arco e flecha/ você puri vai na mata/ corta a casca da árvore do ariri/ cortar madeira fiar madeira/ atar a corda no arco/ cortar taquara afiar a seta/ atirar ao ar) (PURI, 2016, p. 14).

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Claudio Ferreira; BARBOSA, Willer Araujo; CARDOSO, Irene Maria; MÂNCIO, Antonio Bento; JUCKSCH, Ivo; COELHO, Edgar Pereira; SANTOS, Marcelo Loures dos; *Troca de Saberes:* Flores das Sombras da Agroecologia. 1 edição. Viçosa. Editora Universidade de Viçosa, 2011.

BARBOSA, Willer A. *Educação Popular e Cultura Puri:* 200 anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente. 2005. 234 p. Tese, CED/UFSC. Florianópolis, 2005.

JUNIOR, R.C. *Arquitetura com bambu.* 2000. 109 páginas. Dissertação, convenio UNIDERP-UFRGS/PROPAR, Porto Alegre, 2000.

LEMOS, Marcelo Santana. *Dicionário da Língua Puri*. RJ. Ed. do Autor. 2013.

LEMOS, Marcelo Santana. *Índio Virou Pó De Café?* O: Resistência Indígena Frente À Expansão Cafeeira No Vale Do Paraíba. 1 ed. RJ: Palco Editorial, 2016.

LOPES, Leandro de S.; CONTE, Guilherme M. 2; CRUZ, Nina A. C.3; CARDOSO, Irene M.a4.; AMORIM JR., Paulo C. G5. *Troca de saberes*: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, dec. 2013. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/14826>. Acesso em: 18 de janeiro de 2018.

SANTOS, Marcelo Loures dos; BARBOSA, Willer Araujo; KÖLLN, Manueli. *Programa de extensão TEIA/UFV*: formação universitária para uma ecologia de saberes. **Educ. rev**. v. 29 n. 4, Belo Horizonte, dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000400004> Acesso em: 04 de abril de 2017.

PURI, Dauá. Alkeh Poteh. *Poeira de Luz.* RJ. Ed. Pachamama, 2016.

SAMPAIO, Rosa Maria W. *Freinet:* evolução histórica e atualidades. São Paulo, Scipione, 1989.

CURSO DE EXTENSÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: DISCUSSÕES EM TORNO DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E DO ENSINO DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA.

Ana Luisa Borba Gediel[1]
Driele de Freitas Parma[2]
Thaís Rafaela de Carvalho[3]

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua natural, própria da comunidade Surda[4] brasileira, que foi reconhecida legalmente no Brasil por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). Desde então, medidas foram fundadas para garantirem seu uso e divulgação. Dessa maneira, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), regulamenta a referida lei e institui a inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de licenciatura, além de assegurar aos Surdos medidas de acesso à educação e à saúde, entre outras providências.

Tendo em vista a premência do conhecimento da Libras na formação acadêmica a partir da Legislação vigente, é de suma importância o desenvolvimento das habilidades educacionais e linguísticas dos futuros professores para a atuação em sala de aula. Dessa maneira, torna-se necessária a formação educacional e linguística dos futuros professores, levando em consideração diferentes circunstâncias, como a atuação em sala de aula com a presença de alunos Surdos; a complexidade de uma educação bilíngue para uma minoria linguística; a constituição de um olhar atento para os estilos de aprendizagem, voltados ao letramento e às estratégias de ensino no decorrer das práticas pedagógicas.

---

[1] Professora do Departamento de Letras, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atua na área de Língua Brasileira de Sinais – Libras e é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, na linha de pesquisa Linguística Aplicada: Formação de Professores e Ensino e Aprendizagem de Línguas.

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atuou como professora de Libras no Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB) e foi bolsista Procultura do projeto CELIB.

[3] Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atua como professora de Libras no Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB) e é bolsista de extensão do projeto CELIB.

[4] Neste artigo, enfatizamos a utilização da palavra surdo com a representação da letra s maiúscula, o que denota àquelas pessoas que politicamente se referem a Libras como primeira língua e se consideram pertencentes à cultura Surda (PADDEN; HUMPHRIES, 2006).

Neste contexto, surge o Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais (CELIB).

O CELIB tem sua existência desde o ano de 2011, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), campus Viçosa. O trabalho iniciou a partir da criação de um projeto de extensão com o objetivo de desenvolver o ensino e a aprendizagem da Libras como segunda língua (L2), trabalhando diretamente na formação inicial de professores que venham a atuar na educação inclusiva, assim como na capacitação linguística de pessoas da comunidade, visando à inclusão de pessoas Surdas. O CELIB foi criado a partir da estrutura do Programa de Extensão em Ensino de Línguas (PRELIN), dessa mesma instituição e segue a perspectiva de um curso de línguas, ou seja, está baseado no ensino da Libras como L2 e organizado em níveis de ensino e aprendizagem.

O curso atende à comunidade de forma geral abrangendo profissionais da educação (formados e em formação), além das áreas da saúde e comércio, sendo nosso público-alvo estudantes e profissionais da comunidade acadêmica Ufeviana, da cidade de Viçosa e em torno na região da Zona da Mata Mineira. Os cursos regulares são ministrados por licenciandos(as) da instituição, os(as) quais são pertencentes a diferentes cursos, entre eles: Letras, Pedagogia e História. Os(as) professores(as)-estagiários(as), assim como são chamados(as), participam regularmente de grupos de estudos e de orientações regulares para capacitação.

Esse conjunto de fatores possibilitou o envolvimento de um grupo de profissionais no CELIB que, tendo em vista a ideia de educação inclusiva e o reconhecimento da Libras, integra a gestão escolar. As demandas sociais e educacionais são relativas à criação de um nicho de profissionais e de uma formação adequada para a atuação, o que inclui, por exemplo, o professor bilíngue Libras/Português e o profissional intérprete Libras/Português.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E A LIBRAS

Todas as formas de intervenções didáticas voltadas para o ensino de línguas, seja como primeira ou segunda, estão vinculadas a significados, os quais consistem em estabelecer uma relação entre a língua e a sociedade. Schiffman (1996) descreve tal ação como uma forma de fazer política, entendendo que a política linguística (PL) está fundamentada na cultura linguística que corresponde a um conjunto de comportamentos, crenças, mitos e preconceitos em relação às línguas. Nas palavras do autor,

> [...] as crenças (pode-se até usar o termo mitos) que uma comunidade de fala tem sobre a língua (e isso inclui o letramento) em geral e sua língua em particular (da qual normalmente derivam suas atitudes para outras línguas) fazem parte das condições sociais que afetam a manutenção e transmissão da sua linguagem (SCHIFFMAN, 1996, p. 5).

A partir da concepção de Schiffman (1996), a constituição e manutenção de determinada língua está diretamente relacionada com a interação, o uso no cotidiano dos grupos sociais, os quais dão sentido as palavras, termos e conceitos. Assim como constata Shohamy (2006), a noção de política linguística é ampla, não se resumindo apenas ao Estado-nação, à legislação. A compreensão do conceito de política linguística, do mesmo modo como nos afiliamos neste trabalho, diz respeito às tomadas de decisões em diferentes níveis, sendo eles institucionais ou entre grupos de pessoas, onde a língua em uso é evocada, refletida, discutida, apreendida. Desse modo, "[...] as decisões de PL [política linguística] não estão limitadas às línguas a serem usadas, mas também incluem as decisões sobre gramática, vocabulário, gênero e os estilos apropriados a dados contextos" (SHOHAMY, 2006, p. 48).

De acordo com Arnoux (1999), a política linguística é bastante dinâmica e abarca dimensões da língua oficial do Estado, como mencionado também por Schiffman (1996), além de noções bastante caras à Linguística Aplicada, tais como bilinguismo, plurilinguismo, minorias linguísticas, direitos linguísticos, inclusão de línguas minoritários no sistema educacional. Essa diversidade de temas e debates contemporâneos demonstram a complexidade de entendimento dessa disciplina.

Nessa perspectiva, adentramos ao conceito de política linguística defendido por Rajagopalan (2006), de que todos os cidadãos constroem e (re)constroem a língua no cotidiano, a partir de um processo reflexivo que não ocorre, necessariamente, na academia, mas nos espaços de circulação da língua nas suas diferentes formas de expressão, ou seja, nas artes, na cultura, nos processos de ensino e aprendizagem, nas brincadeiras, nas piadas. Ao levar em consideração esses aspectos, nos aproximamos do entendimento da política linguística preponderando não somente a legislação descrita para a educação de Surdos ou regulamentação da Libras.

Percebemos a inserção da política linguística ao refletir sobre os processos gramaticais dessa língua em espaços de aprendizagem, ainda, durante as atividades culturais e artísticas desenvolvidas no CELIB e aqui mencionadas neste artigo. Assim, se a política linguística está presente na língua em uso, esta é evidenciada no processo de ensino das línguas. Rajagopalan (2011, p. 126-127) descreve que o ensino de línguas "engloba uma vasta gama de atividades que vão desde as políticas locais ou pontuais que envolvem o uso da língua às políticas mais complexas e organizadas pelas autoridades governamentais".

Outro aspecto que importa mencionar é o direito linguístico de acesso a Libras pelas pessoas Surdas. Ao proporcionar espaços de ensino e aprendizagem, há a expansão de falantes da língua, desse modo, torna-se viável o exercício comunicacional dos próprios Surdos, a partir da obtenção de locais e de pessoas que sinalizem. A exemplo disso estão

os clubes, associações e locais específicos em que grupos de pessoas Surdas, às quais constituem a autodenominada comunidade Surda, se reúnem como forma de socialização e sociabilidade (GEDIEL, 2010). O CELIB, a partir de suas ações de expansão do uso da língua e promoção de atividades artísticas e culturais envolvendo pessoas Surdas, alunos de instituições e demais Surdos da região, teve a oportunidade de interagir e exercer o direito linguístico. Fazendo referência ao conceito de conforto linguístico, apresentado por Mateus (2010), os momentos culturais fomentados são similares à situação de uma pessoa que se comunica e interage com o mundo de forma significativa. Por meio de uma língua que lhe é natural e que oferece condições de entender e interpretar o mundo de forma complexa, além de produzir sentido nos enunciados nessa mesma língua.

De acordo com Maher (2013), a diversidade de línguas no Brasil ultrapassa duzentos idiomas e tem a presença da Libras e da Língua de Sinais Kaapor Brasileira, sinalizada no sul do Maranhão. A produção de conhecimentos acerca das Línguas de Sinais e a divulgação de artefatos culturais propiciam a aproximação dessas línguas a esferas ainda não atingidas na sociedade e, consequentemente, distancia-se de processos de invisibilidade e exclusão.

A METODOLOGIA DE TRABALHO DO CELIB

O CELIB atua como um laboratório de ensino e aprendizagem e de trocas de experiências para a formação em Libras, visando possibilitar o processo de inclusão social e escolar das pessoas Surdas, às quais se comunicam por meio dessa língua. Desse modo, o curso constitui-se como meio de socializar os conhecimentos que estão sendo gerados na área de Libras, a partir do Departamento de Letras, e atender à demanda social e educacional. Isso produz ações pedagógicas que envolvem a Universidade e as cidades do entorno da Zona da Mata Mineira.

O trabalho envolve uma trajetória que interrelaciona a extensão, o ensino e a pesquisa. As ações de extensão que são geradas a partir da criação dos cursos oferecidos à comunidade, sendo esses cursos regulares semestrais, com duração de sessenta (60) horas, correspondentes aos níveis básico (1 e 2), intermediário (3 e 4) e avançado (5 e 6). Ainda, conforme as demandas da sociedade local, são elaborados e oferecidos minicursos que envolvem temáticas direcionadas a determinados públicos e à formação específica, por exemplo, para a formação de professores, para o ensino de estratégias de ensino, construção de materiais didáticos, ensino da escrita da Libras, entre outros temas.

Além das aulas regulares e minicursos, ocorre o desenvolvimento de ações culturais que visam contemplar os aspectos da cultura, língua e identidade Surda. Para a realização das atividades de forma efetiva, a opção teórico-metodológica utilizada é orientada pela

teoria de Paulo Freire (1992), que enfatiza o respeito pelas demandas e significados da comunidade local. Assim, a metodologia é participativa, uma vez que ela permite o diálogo e o contato direto com a realidade social do grupo.

Em relação ao ensino, a formação ocorre por meio dos acadêmicos(as), oriundos(as) de diferentes cursos de Licenciaturas. Esse trabalho é realizado em dois formatos: a orientação via Curso de Treinamento de Professores (CTP) e a orientação dos professores(as)-estagiários(as).

O CTP tem o objetivo de capacitar estudantes de diferentes Licenciaturas para atuarem como professores do CELIB. Para isso, os alunos passam por uma formação durante um ou mais semestres letivos para iniciar o processo de ensino e aprendizagem como professor de Libras como primeira (para Surdos) e segunda língua (para ouvintes). Acontece um encontro semanal, onde um conjunto de atividades passa a ser realizado, envolvendo aprendizagem e elaboração de planos de aula, realização de discussões em grupo de estudos, acompanhamento das aulas do CELIB, além da aplicação de aulas testes para os acadêmicos(as) que já atuam como professores(as) do CELIB.

As orientações dos professores(as)-estagiários acontecem semanalmente, a partir de discussões em Libras sobre os conteúdos já ministrados e os planos de aulas com a apresentação do material didático que será utilizado nas próximas aulas. Esses encontros permitem aconselhar e auxiliar aos professores(as), possibilitando-lhes o desenvolvimento na condução das aulas e na formação continuada desses, e na formação de grupos de estudos a fim de incentivar a troca de ideias e o compartilhamento de saberes.

São priorizadas técnicas participativas durante as diferentes etapas de formação do CELIB, desde a formação e capacitação dos futuros professores(as) estagiários(as) até o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido nos diferentes níveis de ensino da língua, em um processo dialógico, integrando os vários sujeitos envolvidos na ação extensionista. Além disso, a formação dos acadêmicos de licenciatura em formação no CELIB visa à preparação para uma atuação consciente na rede regular de ensino, a partir da construção de material e aplicação prática de situações extracurriculares que possibilitam vislumbrar uma educação inclusiva.

No que se refere à pesquisa, diversas são as de iniciação científica e que resultaram em Trabalhos de Conclusão de Curso, na busca de entender uma série de questões, como: averiguar os mitos e crenças acerca da Libras e da educação de Surdos que envolvem os cursistas do CELIB; mapear e verificar a eficácia do uso de materiais pedagógicos visuais e concretos nas aulas do CELIB; entender os principais meios de formação de professores a partir do ensino dessa língua como segunda língua (L2); entre outros.

No que tange ao público externo à UFV, o envolvimento das pessoas das diferentes áreas do conhecimento que participam das aulas como cursistas têm possibilitado a

interação e a inclusão das pessoas Surdas. Isso ocorre não somente na área da educação, mas também em diversos campos sociais onde essas pessoas atuam, ou seja, no setor imobiliário, alimentício, comercial, autônomo, entre outros. Desse modo, verificamos a interdisciplinaridade presente e a condução da atividade extensionista para a inclusão social, acesso aos direitos sociais e a qualificação para geração de trabalho.

Entendemos que as iniciativas geradas por meio do CELIB reforçam o intuito de demarcar o papel dado à extensão universitária como elemento de ligação entre o ensino superior e a sociedade em que se insere, o que é discutido por Gurgel (1986). Por meio da extensão se concretiza a possibilidade de interferência e mudanças sociais na vida dos acadêmicos e dos indivíduos da sociedade. Assim, torna-se visível a construção de ações colaborativas que envolvem trocas de conhecimentos entre a Universidade e a cidade, além do desenvolvimento científico.

RESULTADOS ALCANÇADOS E DISCUSSÃO

Entre as várias atividades desenvolvidas pelo CELIB, apresentaremos e discutiremos diferentes modalidades de apoio à visibilidade e ao acesso à cultura Surda e Língua de Sinais. No primeiro tópico, discorreremos sobre dois eventos que envolveram o público externo ao curso de extensão, a partir de uma mostra de vídeos e da realização de um evento. Ambos foram elaborados tendo em vista a disseminação da cultura Surda, com a participação de pessoas Surdas. O segundo, são descritas duas atividades elaboradas por professoras- estagiárias do CELIB, às quais foram utilizadas em sala de aula, envolvendo o ensino da Libras como segunda língua. As estratégias de ensino aqui pontuadas são consideradas como ações que corroboram com o conhecimento da cultura desse grupo e, consecutivamente, com as políticas linguísticas. Essas atividades já foram realizadas nas aulas regulares do CELIB e auxiliam na promoção do processo de ensino e aprendizagem, fomentando a compreensão acerca da língua e da cultura Surda.

Intervenções para a promoção da Cultura Surda

Muitas foram as intervenções promovidas na UFV pelo projeto CELIB, desde o ano de 2011, com a finalidade de divulgar e dar visibilidade ao reconhecimento cultural das pessoas Surdas e ao linguístico da Libras. Essas intervenções foram fundamentais para a formação do pensamento crítico e para o desenvolvimento da empatia em relação aos usuários dessa língua, pois, conforme afirma Kraemer (2012) “a cultura da qual fazemos parte determina a forma como vemos, explicamos e compreendemos o mundo” (KRAEMER, 2012, p. 142).

Além da visibilidade, entendemos que as intervenções artísticas permitiram que os Surdos dialogassem com um público mais abrangente do que aquele que eles convivem diariamente, visto que é necessário usufruir de um ambiente mais amplo e, nesse caso, as ações ocorreram na esfera pública, em uma Universidade. Neste trabalho iremos pontuar duas intervenções realizadas, a primeira delas referente a uma mostra de vídeos produzidos por Surdos da região da Zona da Mata Mineira em um dos lugares mais circulados da Universidade em que o CELIB faz parte. E o segundo, referente a um evento realizado em comemoração ao Dia do Surdo, festejado no dia 26 de setembro.

A mostra de vídeos foi realizada no mês de abril de 2018 e ocorreu no Hall da Biblioteca Central da instituição. Foram exibidos vídeos em dois telões, mostrando aleatoriamente os vídeos de cada autor. Para isso, contamos com a colaboração de três Surdos, totalizando nove vídeos. A exibição foi realizada no período de almoço, quando a circulação de pessoas no local era mais intensa.

Entre os vídeos produzidos, sete pertenciam a um Surdo. Em alguns dos vídeos, ele próprio criou cenas do cotidiano, com momentos de interação com familiares e ensino e aprendizagem de alguns sinais e, em outros, foram filmadas algumas explicações e regras de como jogar videogame. O produtor dos vídeos esteve presente durante a intervenção, o que possibilitou interagir com o público presente, contando sobre seu canal no Youtube e sobre o conteúdo que ele produzia. Os outros dois vídeos foram elaborados por outros dois Surdos, sendo que um contou uma piada usando as expressões faciais e corporais e o outro trouxe uma mostra de pintura de telhas e a explicação, passo a passo, da realização do processo de como fazer tal arte. A partir dos vídeos apresentados, observamos o que Bezerra (2007) aponta em relação às expressões artísticas. De acordo com o autor, as expressões artísticas permitem que os Surdos sejam os produtores de seus bens culturais, além de dar maior perceptibilidade a temas considerados relevantes ao exprimir seus pensamentos e convicções de mundo.

A equipe de professores(as) do CELIB e os tradutores e intérpretes de Libras/Português (TILSP) da instituição, convidados a participarem do evento, estiveram presentes durante todo o período da mostra, apoiando os processos de interpretação e assessorando os produtores com a exposição do material em telões. A intervenção teve uma média de 200 pessoas participantes, em um período médio de três horas.

Conforme afirmam Santos e Wielewicki (2017), as manifestações culturais são de grande relevância para a demonstração da cultura Surda e sua receptividade para aqueles que não a conhecem, uma vez que "a possibilidade de gravação de histórias, poesias, anedotas e demais materiais produzidos pelos Surdos é de grande importância para o processo de fortalecimento cultural das identidades Surdas" (SANTOS; WIELEWICKI, 2017, p. 8).

Um outro elemento que apoia a comunicação e a divulgação dos artefatos culturais Surdas são as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Para que essa Mostra de vídeos ocorresse, a utilização de TICs foi fundamental desde o processo de construção dos vídeos até a apresentação destes durante o evento. Segundo Ramos (2008), as TICs tornam-se aliadas em processos educacionais e correspondentes a todas as tecnologias que interferem e mediam os momentos informacionais e comunicativos entre pessoas.

Os espaços virtuais se ampliam e se popularizam a cada dia com a criação de blogs, e-mails, canais no Youtube, páginas de informativos de associações de Surdos e instituições educacionais, páginas de relacionamento criadas por e para Surdos, além da expressiva participação nas mídias sociais interativas. A produção de vídeos demonstra o uso das TICs no cotidiano, como no caso dos vídeos que apresentavam ações diárias. Em relação ao vídeo com a explicação da elaboração das telhas, além da demonstração artística, o produtor teve a possibilidade de interagir com um público externo e apresentar trabalho, descrevendo o processo, passo a passo, com suas sutilezas e detalhes imbuídos na pintura em telha.

A Mostra despertou a atenção das pessoas que estavam estudando no Hall, assim como daquelas que estavam passando pelo local. Muitas não sabiam do evento e tiveram a oportunidade de parar e interagir com os produtores dos vídeos. Com a presença de alguns dos TILSP, houve a possibilidade de interpretação das conversas geridas entre a Libras e a Língua Portuguesa. A conversação em Libras despertou a curiosidade do público que estava circulando no local em relação ao processo de ensino e aprendizagem da Libras, assim como a possibilidade direta de interação com os produtores dos vídeos.

Entendemos que o evento oportunizou aos estudantes e ao público em geral um momento de contato com pessoas Surdas e o reconhecimento maior da Libras. A partir disso, verificamos a importância da Libras e seu vínculo por meio das interações artísticas, corroborando com a pontuação de Karnopp (2010), que “a língua de sinais se mostra fundamental na identificação da comunidade Surda” (KARNOPP, 2010, p. 9).

As discussões a respeito das identidades e da cultura Surda estão demarcadas por uma percepção socioantropológica da surdez (SKLIAR, 2001), ou seja, a comunidade Surda se origina pelo compartilhamento da língua de sinais, identidade cultural e política, além dos artefatos culturais, baseados na literatura visual, na pintura, arte, piadas. Desse modo, a partir do entendimento e respeito às questões culturais e linguísticas desse grupo de pessoas que os dois projetos foram elaborados e desenvolvidos.

Segundo Perlin (1998), a “criação de imagens e a divulgação das mesmas possibilitam que pessoas Surdas assumam o papel de produtoras de bens culturais” (PERLIN, 1998, p. 57) Dessa maneira, essa atividade possibilitou transmitir temas importantes para os artistas Surdos de Viçosa e região. Além disso, é importante mencionar que foram proporcionados

espaços de sociabilidade e de inclusão das pessoas Surdas em diferentes áreas da UFV, aproximando as pessoas ouvintes das pessoas Surdas e promovendo o contato com a Libras.

A outra atividade desenvolvida e igualmente de suma importância foi o "Setembro Azul". O mês de setembro é demarcado como um período de lutas por visibilidade e por direitos das pessoas Surdas. Como já mencionado, o dia 26 de setembro é comemorado como o dia do Surdo e é festejado por aqueles que consideram a Libras como sua primeira língua e se identificam culturalmente diferentes das pessoas ouvintes. De acordo com Neves (2010), há exemplos de pessoas Surdas, como Karin Strobel, que demonstrariam a aplicabilidade da noção de comunidade Surda, descrito como: "grupo cultural fortemente marcado pela identidade e pelo 'orgulho de ser Surdo'" (NEVES, 2010, p. 151).

Essa ideia do orgulho Surdo, marca um posicionamento frente à utilização da Libras e a manifestação por meio de artes que dão visibilidade à cultura Surda. De acordo com Strobel (2008):

> Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das "almas" das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (2008, p. 22).

Portanto, através dessas manifestações que valorizam a cultura e a Libras, muitos mitos e crenças sobre a língua são desconstruídas, como, por exemplo, a ideia de que a língua de sinais é universal, de que é uma língua limitada e entre outras crenças são discutidas pela Comunidade Surda e apresentadas à comunidade ouvinte, a fim de trazer mais legitimidade a esse grupo, considerado como uma minoria linguística.

A atividade de comemoração ao dia do Surdo ocorreu no Restaurante Universitário da UFV, também no horário do almoço, o que possibilitou o contato com um número expressivo de estudantes. Foram instalados dois telões móveis e *data show* no local, os quais tiveram a apresentação de uma sequência de vídeos, com a descrição da importância do dia do Surdo, a justificativa de comemoração da data, assim como a apresentação de aspectos culturais que são importantes para o grupo. Após o vídeo de apresentação geral, foram postados vídeos de domínio público, com a apresentação de poesia Surda, Literatura Surda, assim como poesias performatizadas por estudante Surda da instituição. Ao final da sequência, havia a apresentação de alguns sinais em Libras, os quais poderiam ser apreendidos pelo público que estava assistindo, finalizando com alguns endereços de sites que poderiam auxiliar na obtenção de sinais.

Durante a atividade, percebemos que as pessoas assistiam enquanto tomavam café e, posteriormente, almoçavam. A equipe de professores do CELIB esteve presente no local, o que viabilizou que algumas pessoas pudessem sanar dúvidas e questões sobre Libras,

durante a intervenção. A partir do desenvolvimento de ações que envolvam o ensino, pesquisa e extensão sobre Sinais, a autoafirmação cultural das pessoas Surdas torna-se motivada e (re)afirmadas. Conforme afirma Thoma (2012), a cultura surda é uma cultura visual e juntamente com a língua de sinais “faz com que os surdos se sintam à vontade nos espaços comunitários em que se reúnem e que permite a troca de experiências entre eles” (THOMA, 2012, p. 173).

É importante destacar que, devido à modalidade visual da Libras, os recursos visuais foram de suma importância para o entendimento de todos os presentes. Conforme afirma Santos (2014), a Libras é uma língua visual-gestual, isto é, “uma língua que é expressa pelo uso das mãos em concordância com expressões faciais e é recebida pelo canal visual” (SANTOS, 2014, p. 2).

Concluímos, portanto, que as manifestações artísticas são extremamente importantes para o grupo de pessoas Surdas, visto que as demarcações apoiam o reconhecimento da própria língua e da constituição das identidades Surdas. Entre as expressões da cultura Surda, a principal delas é a língua, no entanto, os Surdos afirmam e demonstram por meio de um acervo amplo que a cultura Surda também está delimitada por meio das expressões artísticas envolvendo a literatura, as piadas, a pintura, o teatro e a poesia, as expressões corporais envolvendo a Libras, entre outros aspectos (STROBEL, 2008).

Entendemos também que as representações de mundo dos sujeitos Surdos configura-se através da linguagem, de suas percepções via modalidade espaço visual, por meio de (re)conhecimento de sentidos e de códigos simbólicos próprios de se perceber e de perceber ao mundo. Esses elementos garantem a construção de uma visão de mundo particular, explicitando uma cultura Surda. Conforme Silva (2001, p. 133), a “cultura [pode ser percebida] como campo de luta em torno da significação social”. Assim, todos os elementos que trazem visibilidade à cultura e à língua Surda são importantes demarcadores do grupo, o que inclui a construção e o entendimento da própria língua.

Estratégias de Ensino voltadas para o reconhecimento da língua e cultura

O ensino e a aprendizagem de uma segunda língua permitem caminhar em direção a vários objetivos. Em primeiro lugar, permite conduzir os alunos ao conhecimento e ao reconhecimento de visões de mundo diferentes, cuja experiência revela-se por meio da aprendizagem de línguas diferentes; segundo, pode-se desnaturalizar mitos que a língua materna, de certa forma, impõe; e em terceiro, possibilita o desenvolvimento de habilidades de reflexão metalinguística; o despertar da sensibilidade linguística; a tomada de consciência da natureza e das características, tanto da língua materna quanto da língua estrangeira.

As atividades do CELIB são desenvolvidas levando em consideração as perspectivas supramencionadas. Entre as diversas atividades elaboradas pelos professores-estagiários e desenvolvidas em sala de aula, escolhemos duas que foram utilizadas no nível 1 e que apresentaram processos reflexivos a respeito da língua e da cultura das pessoas Surdas. A primeira delas diz respeito à necessidade de mudança na forma de perceber a língua e o grupo de pessoas, tratando sobre os mitos e as crenças em torno da Libras e dos Surdos. Já a segunda atividade trata de demonstrar que a partir da equiparação de oportunidades, da consolidação de uma língua, as pessoas surdas constituem suas identidades e demarcam sua cultura.

De acordo com Moura (2000), para que ocorra uma mudança de paradigma e a inclusão dos sujeitos Surdos, a capacitação de professores, intérpretes, instrutores de Libras, familiares, escolas e Institutos de Ensino Superior é crucial. A compreensão da constituição social e linguística desse grupo oferece também a reconfiguração do olhar em relação às potencialidades do indivíduo Surdo, distanciando-se de um conjunto de mitos e crenças que circundam em relação aos sujeitos e a língua.

Como afirmam Santos et al. (2017), durante o processo de formação muitas são as crenças e pressuposições a respeito da Libras. Pode-se citar, por exemplo, a crença de a língua de sinais ser universal, de que não possui gramática ou grafia e entre outras que compõem um leque de falsas suposições socialmente impostas sobre a compreensão da Libras como língua. Essas e outras crenças precisam ser desmistificadas para garantir o reconhecimento da Libras e um ensino de qualidade aos sujeitos Surdos.

A sustentação dos mitos pode gerar comportamentos e preconceitos em relação às pessoas Surdas. Entre os mitos mais recorrentes, Quadros e Karnoop (2004), desmistificam a arbitrariedade da Língua de Sinais e demonstram a complexidade presente nessa língua, assim como as línguas orais, contendo um sistema gramatical completo e independente. Esses e outros mitos são explorados durante as atividades de formação do CELIB, garantindo o aprendizado das peculiaridades linguísticas e culturais, com o objetivo de justamente entender a Libras em conjunto com seu contexto social e linguístico. Portanto, as estratégias de ensino abordadas pelo CELIB proporcionam o oferecimento de uma perspectiva realista sobre a Libras.

Desse modo, como estratégia para desmistificar alguns desses conceitos e aumentar o nível de conhecimento sobre as pessoas Surdas, uma das dinâmicas utilizada é a "Mitos e Verdades". Para essa dinâmica são necessários cartões verdes e vermelhos. As perguntas são expostas no PowerPoint, e os alunos deverão levantar as placas verdes se acharem que a frase está correta e as vermelhas se entenderem que a frase apresentada nos *slides* está errada. Por exemplo, é apresentada a seguinte frase aos alunos por meio de um *slide*: "A Libras é universal". É sugerido que eles levantem a placa de acordo com o seu

entendimento, se está correta ou errada. Logo em seguida, é apresentado o próximo *slide* com a explicação a respeito da frase: Quadros descreve que a Libras não é universal, visto que "cada país apresenta sua respectiva língua, ou seja, existe a língua de sinais americana, língua de sinais francesa, língua de sinais italiana e demais" (QUADROS, 2004, p. 33). Nesse momento, o professor, em conjunto com os alunos, discute sobre tal afirmação, trazendo a relação dos aspectos linguísticos aos culturais. É importante observar na apresentação de cada frase que todos os participantes possam trazer suas opiniões sobre a resposta e o entendimento dos desdobramentos em relação ao mito.

Esse processo é percebido com um ato reflexivo a respeito da língua e do exercício desta em sociedade. Tal descrição engloba a discussão do conceito de política linguística evidenciado por Rajagopalan (2013). O autor amplia o sentido, extrapolando o campo da ciência e do próprio fazer do linguista, validando que a política linguística pode ser exercida por todo o cidadão, ao passo que este reflete sobre a língua e expressa opiniões.

Embora os cursos do CELIB não sejam compostos somente por pessoas em formação na área da Letras, ao levar em consideração os apontamentos de Rajagopalan (2013), notamos que este curso se constitui como um espaço de construção de conhecimentos a respeito da Libras e das pessoas Surdas, podendo trazer momentos de reconhecimento da política linguística dessa língua e sua comunidade.

Ainda, nota-se que essa atividade se constitui como essencial para a desconstrução do pensamento que os alunos tinham antes de iniciarem o curso. Portanto, atividades como esta são de grande valia para a comunidade Surda e para o reconhecimento da língua de sinais, uma vez que "a presença da Libras no espaço acadêmico eleva seu *status* e desmistifica alguns preconceitos" (SANTOS; CAMPOS, 2013, p. 240). Este também é um ponto que corrobora com a discussão das línguas minoritárias e as políticas linguísticas, referenciada por Maher (2013), no que tange à troca de saberes e à ampliação de conhecimentos de determinada língua para proporcionar visibilidade e acesso aos grupos minoritários.

Outra atividade desenvolvida com a finalidade de abordar temáticas culturais da Libras foi a exibição de alguns filmes que permitiram intensificar o reconhecimento do indivíduo Surdo e sua identidade própria. Podemos citar alguns filmes/séries/documentários que foram utilizados em sala de aula: Tamara (2016); A Família Bélier (2014); The Hammer (2010); Nada que eu ouça (2008); O som e a fúria (2001); A música e o silêncio (1999); Mr. Holland – Adorável Professor (1995); Filhos do silêncio (1986).

Os filmes que apresentam a temática da surdez têm como objetivo mostrar o Surdo a partir de seu empoderamento enquanto sujeito, quando utiliza e reconhece a própria língua, levando ao fortalecimento da comunidade Surda. Trata-se de um artefato estratégico sobre a valorização da língua e da cultura Surda. Segundo Raugust e Pereira

(2017, p.142), através do cinema, o indivíduo “tem a possibilidade de um novo encontro com ele mesmo, de uma forma diferentemente outra. Essa transformação é possível através das viagens que o filme nos oferece”. Através desse recurso, discutimos em sala sobre o papel que os Surdos vêm desempenhando na sociedade e quais as dificuldades enfrentadas por eles para o processo de inclusão nas diferentes esferas sociais.

Os filmes evidenciam a cultura Surda e as dificuldades dessas pessoas no processo de comunicação por meio da própria língua em uma sociedade em que a maioria das pessoas desconhece a língua e os aspectos culturais Surdos. Além disso, através desses filmes, a surdez é mostrada como uma diferença cultural no lugar da deficiência, ou seja, como um sujeito que possui uma identidade própria, descrevendo a padronização e a normatização que geralmente é imposta pela sociedade contemporânea à vida humana.

Como resultados, ao apresentar os filmes, observamos que a conscientização dos participantes se intensifica e eles passam a compreender a importância da inclusão deles na sociedade. Posteriomente, as discussões direcionam para a busca de alternativas, que apoiem a acessibilidade desses indivíduoas e uma maior divulgação da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações voltadas para a arte e para a cultura Surda podem ser consideradas como estratégias de acessibilidade e inclusão das pessoas Surdas, que são estudantes e funcionários vinculados à instituição promotora do CELIB e, também, daqueles Surdos de Viçosa e região, que não têm vínculo institucional com a Universidade.

Além de atividades de extensão, o CELIB vem desempenhando um relevante papel científico e social. Tais considerações estão voltadas para a formação e qualificação de professores e profissionais que atuam ou irão atuar junto às pessoas surdas na perspectiva inclusiva. De forma geral, o trabalho de formação abrange discussões voltadas para a acessibilidade e para inclusão dos indivíduos Surdos; o entendimento da Libras como primeira e segunda língua (L1 e L2); estratégias de ensino para a formação inicial e continuada de professores; assim como o desenvolvimento dos aspectos linguísticos e do vocabulário em Libras.

Em relação à abrangência das políticas linguísticas, o fomento de cursos, projetos e eventos voltados para a discussão sobre a língua e a cultura surda, o desenvolvimento de metodologias e estratégias de ensino em Libras/Português, como L1 e L2, assim como a desmistificação de mitos e crenças a respeito da Libras e dos indivíduos Surdos, perpassam noções que fortalecem a formação de professores e, consequentemente, as discussões que abarcam o conceito de política linguística.

Ainda, englobando essa perspectiva, a busca por espaços de elaboração de

estratégias para a formação inicial de professores, assim como a possibilidade de "dar voz" aos indivíduos Surdos são questões que abrangem os desdobramentos das políticas linguísticas. Desse modo, verificamos a importância da visibilidade dos materiais construídos e elaborados por pessoas que constituem um grupo minoritário e que historicamente passam por um processo de segregação social e educacional. Assim, a oportunidade de expor a arte e a língua desse grupo de pessoas aciona o empoderamento do próprio grupo, reforçando a construção identitária e cultural.

Por fim, consideramos que as atividades apresentadas possibilitaram o desenvolvimento de competências pedagógicas e linguísticas aos professores-estagiários envolvidos no processo, o que impactará nas futuras experiências voltadas para a atuação no ensino público e privado. E, em relação ao público participante das mostras e os alunos do CELIB, o fortalecimento das atividades de extensão, vinculados à formação e à capacitação de futuros profissionais, gera a prerrogativa de pessoas que tenham empatia frente à acessibilidade e à inclusão ao conhecer outras noções que abrangem a língua e a cultura Surda.

REFERÊNCIAS

ARNOUX, E. N. Discurso de apertura: Política linguística: los contextos de la disciplina. In: ARNOUX, E. N.; BEIN, R. (Org.). *Políticas Linguísticas para América Latina*: actas del congreso internacional; Buenos Aires, 26 al 29 de noviembre de 1997. Buenos Aires: Ed. UBA, 1999. p. 13-24.

BEZERRA, H. *A inclusão e expressão dos Surdos por meio da arte.* 2007. Disponível em: <http://www.todosnos.unicamp.br:8080/lab/links-uteis/acessibilidade-e-inclusao/textos/a-inclusao-e-expressao-dos-surdos-por-meio-da-arte/> Acesso em: 13 de outubro de 2017.

GEDIEL, Ana Luisa. *Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos?* A Corporificação dos Sinais e os Significados dos Corpos para os Surdos de Porto Alegre – Tese de Doutorado –, Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?* Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade Surda. São Paulo: Parábola Editora, 2009.

MAHER, Terezinha M. Ecos de Resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (Org.) *Política e políticas linguísticas*. Campinas: Pontes, 2013. p. 117-134.

NEVES, Gabriele Vieira. As imagens do outro sobre a cultura Surda. *Conjectura,* v. 15, n. 1, jan./abr. 2010.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. *Inside Deaf Culture.* Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. & KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira* – Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAJAGOPALAN, K. A norma linguística do ponto de vista da política linguística. In:
LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Org.). *Políticas da norma e conflitos linguísticos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2011, pp. 121-128.

______. *Por uma linguística aplicada indisciplinar.* São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.

______. Política Linguística: do que é que se trata, afinal? In: NICOLAIDES, C. *et al.* (Org.) *Política e políticas linguísticas.* Campinas: Pontes, 2013. p. 19-42.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e identidade Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.,* Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em: 26 mai. 2017.

SILVA, Tomás Thadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STROBEL, Karin. *As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação,* v. 19, n. 36, p. 155, 2010.

SANTOS, Ângela Nediane dos. Libras na UFPEL: Experiência da produção de material didático para o ensino da Libras como L2 a partir da abordagem comunicativa. *Isabel Maria Sabino de Farias; Maria Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcante,* p. 04150-04161.

DOS SANTOS, Carla Cristina Gaia; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Os cinco sentidos, tradução de Nelson Pimenta: reflexões sobre poesia surda no Youtube. *FronteiraZ. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária,* n. 19, p. 146-162, 2017.

KRAEMER, Graciele Marjana. Identidade e Cultura Surda. In: LOPES, M. C. (Org.). *Cultura Surda e Libras.* Editora Unisinos, 2012. p. 138-152.

THOMA, Adriana da Silva. Representações sobre os Surdos, comunidades, cultura e movimento Surdo. In: LOPES, M. C. (Org.). *Cultura Surda e Libras.* Editora Unisinos, 2012. p. 154-180.

SANTOS, Emmanuelle Félix; PIMENTEL, Susana Couto; DE JESUS, Wilson Pereira. O ensino de libras na formação inicial do professor para a docência aos surdos nas classes regulares: quais perspectivas? *Cadernos de Pós-graduação,* v. 16, n. 2, p. 37-62, 2017.

SANTOS, Lara Ferreira dos; CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. O ensino de Libras para futuros professores da educação básica. In: LACERDA, C. B. F. de;

SANTOS, L. F. dos (Org.). Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUSFCar, 2013. p. 219-236

PARA ALÉM DA VENDA: A IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA EM VIÇOSA/MG.

Bianca A. Lima Costa
Raquel Nunes Silva
Silvia Eloiza Priore
Jéssica Suzana Magalhães Cardoso
Desley Raul Alves Oliveira
Fabrício Geraldo de Assis
Pedro Paul Fae Braz

INTRODUÇÃO

As feiras que têm como objetivos a promoção da economia solidária, agricultura familiar e a agroecologia crescem no Brasil, especialmente a partir dos anos 2000, em função de movimentos sociais e de políticas públicas de fomento a essas temáticas. Mais do que um espaço de comercialização para empreendimentos econômicos solidários e agricultores(as) familiares, essas iniciativas representam também locais de promoção da cultura, valorização da alimentação saudável e da produção sustentável. O Quintal Solidário – Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar é um projeto de extensão realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), que tem como objetivo promover a aproximação entre consumidores(as) e produtores(as).

Para isso, a Feira busca articular diferentes atores, atrizes, bem como a diversidade da produção local e sustentável com intuito de construir canais curtos de comercialização, espaços educativos e também de promoção e interação culturais. Nesse sentido, o Quintal Solidário se inseriu no âmbito do programa "ArtCulAção: Arte, Cultura e Ação na UFV – Programa Mais Cultura nas Universidades" corroborando seu objetivo de "promover a interculturalidade na UFV, na sua condição multi-*campi*, e entre Instituições de Ensino Superior, potencializando uma interface entre a cultura de tradição popular, clássica e emergente no contexto das relações campo e cidade a partir de um olhar cultural contemporâneo".

Este texto tem o intuito de descrever essa iniciativa, buscando compreender a importância da Feira como espaço para diferentes interações e promoção da cultura. Como metodologia, realizamos revisão bibliográfica, análise de documentos e reflexões a partir da experiência da equipe de apoio da feira.

FEIRA E CULTURA: PARA ALÉM DO MERCADO

As feiras são caracterizadas por relações de trocas presentes em quase todas as partes do mundo. A aparição desses mercados está vinculada, em geral, com a necessidade de intercâmbio de excedentes produtivos das atividades feudais (Dantas, 2008). As "feiras livres" têm sua origem no século IX, na Europa, e caracterizam-se como mercados locais com objetivo de abastecer a população com gêneros de primeira necessidade (Pirenne, 1936 *apud* Sato, 2007).

Na América Latina, Dantas (2008) ressalta que a organização de feiras e mercados apresentam duas características distintas. A primeira compreende os países que já possuíam praças e mercados antes da chegada dos colonizadores e o segundo envolve aqueles em que esse tipo de atividade era de alguma maneira desconhecida pelas populações nativas.

O Brasil vincula-se ao segundo grupo, já que as trocas entre tribos indígenas eram realizadas de forma distinta à de um mercado e, em geral, relacionava-se com artefatos decorativos. Ao longo da história, a influência dos colonizadores portugueses foi responsável para a constituição de espaços comerciais, como feiras, tanto para exportação de objetos e adornos quanto para o abastecimento interno de alimentos nos aglomerados populacionais situados em zonas de monocultivos de cana-de-açúcar, por exemplo (Dantas, 2008). Além disso, no período colonial, parte desses espaços para comercialização serviam para a venda de pessoas escravizadas, especialmente do continente africano.

As feiras se expandiram ao longo da história do país a partir de características regionais distintas e tiveram importância no abastecimento de alimentos principalmente na constituição de espaços urbanos (Dantas, 2008; Sato, 2007). Esse formato de mercado é caracterizado pelo comércio varejista, e, em geral, envolve a oferta de produtos alimentícios, especialmente *in natura*, frescos e artesanais. Presentes em quase todas as cidades brasileiras, as feiras são espaços tradicionais, diversos e repletos de cultura.

Para Sato (2007), para além da oferta e venda de produtos, a feira livre também significa festa, em que as dimensões estéticas e lúdicas são fatores importantes na composição desse comércio. Trata-se de um espaço de trabalho, de sociabilidade, de ócio e de lazer caracterizado por uma identidade própria que vai desde a forma como

se expõem as mercadorias até o relacionamento com os(as) consumidores(as) e com as cidades ou bairros.

Dessa forma, a feira livre é um espaço de contínua organização, adaptabilidade e criatividade, em que as relações diretas, as conversas e os encontros diários não demandam mediações tecnológicas sofisticadas. Esses espaços ainda estão presentes nos contextos das cidades brasileiras, mas sofreram impactos principalmente a partir de meados do século XX com a criação e ampliação das redes de hiper e supermercados (Sato, 2007), caracterizadas como grandes superfícies de distribuição (Buzón, 2017).

É importante destacar que tais mudanças se vinculam com processos mais complexos relacionados ao sistema agroalimentar em escala global. De forma sintética, o conjunto de atividades de produção, distribuição, comercialização e consumo de alimentos passa por alterações significativas especialmente a partir do que se denominou "Revolução Verde". Além da intensificação produtiva apoiada na utilização de adubos sintéticos e agrotóxicos, o modelo de distribuição ampliou a distância física e relacional entre produtores(as) e consumidores(as) (Sevilla et al., 2012).

Nesse sentido, a mercantilização da alimentação contribuiu para expansão do consumo de alimentos homogeneizados e ultraprocessados produzidos e distribuídos por grandes multinacionais alimentares (Buzón, 2017). Esse modelo gera impactos ambientais e sociais que afetam tanto a saúde humana, como a sustentabilidade do planeta (Sevilla et al., 2012).

Como forma de contraposição a esse sistema, as Redes Alimentares Alternativas (RAA) têm se organizado em torno da agroecologia, que significa um manejo mais sustentável do agroecossistema. Essas iniciativas envolvem um conjunto heterogêneo de práticas de diferentes setores da cadeia agroalimentar (Di Masso, 2018). Busca-se promover a reconexão entre produção e consumo, valorizar aspectos locais e relações de proximidade (Di Masso, 2018 e Lopez, 2018). Nesse debate, insere-se também a importância da agricultura familiar, compreendendo essa como base para a produção agroecológica.

Já a economia solidária se apresenta como modelo organizativo para trabalhadores(as) urbanos e rurais, englobando iniciativas que buscam por meio da autogestão acessar trabalho e renda. Esse movimento ganha visibilidade, especialmente a partir da década de 1980 em diferentes segmentos econômicos (Singer, 2003). Destaca-se no Brasil a presença de agricultores(as) familiares, artesãos(as) e catadores(as) de materiais recicláveis. A comercialização dos produtos também é um desafio, o que vem impulsionando a organização de feiras temáticas em diferentes partes do Brasil como proposta de políticas públicas.

Nesse contexto, os canais curtos de comercialização representam formas de acesso aos alimentos seguros, saudáveis e que, de alguma maneira, respeitam a natureza e sejam

socialmente mais justos (Soler y Pérez, 2013). A esse debate somamos o comércio justo, agregando também a economia solidária.

Observamos, portanto, que desde o final da década de 1990 e principalmente início dos anos 2000, as feiras de economia solidária, agricultura familiar e agroecologia têm ocupado um papel importante na venda de produtos artesanais e alimentícios de forma direta. O número de experiências com essas temáticas se multiplicou a partir da articulação de políticas públicas, organizações não governamentais ou projetos de extensão universitária. Esses canais de comercialização buscam de alguma maneira promover a produção cooperativa e sustentável, valorizando as relações de confiança e localidade, aproximando campo e cidade, produção e consumo.

Além da construção de mercados, o "espaço-feira" possibilita a troca de saberes e o conhecimento recíproco dos agricultores(as), diferentemente de canais individualizados. Isso possibilita o acesso à renda e promove a diversificação da produção, a promoção dos princípios agroecológicos e solidários, fortalecendo organizações coletivas (Godoy, Anjos, 2007).

O encontro entre produtor(a) e consumidor(a) também contribui para relações de reciprocidade, amizade, valorização do trabalho e confiança. O ambiente deixa de ser puramente de compra e venda de mercadoria e passa a ser um local de relações humanas, onde a troca de experiências é valorizada (Sabourin, 2010).

Nesse sentido, compreendemos que as feiras são essencialmente espaços importantes que promovem a cultura de diferentes localidades, a partir de variadas formas de manifestação e interação. Seja por meio do alimento, do artesanato, da arte e da visibilização de costumes e modos de vida, tais espaços são vivos em trocas e, por isso, importantes no cotidiano, no desenvolvimento estético e na ruptura de estruturas desiguais de distribuição e apropriação de riquezas.

Para analisar a experiência da Feira Quintal Solidário, é importante destacar que definir o que é cultura não é uma tarefa simples. Como destaca Canedo (2009):

> A cultura evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana. (p. 1)

Por isso, neste trabalho, utilizaremos três compreensões destacadas por Canedo a fim de dialogar com a iniciativa a ser analisada. O primeiro entendimento relaciona a cultura com os modos de vida que caracterizam uma coletividade, englobando sistema de signos e significados, como os modos de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular. A

segunda definição está relacionada a obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento, referindo-se à tradicionais atividades culturais (literatura, artes visuais, teatro, música, dança, audiovisual, arquitetura e artesanato) e as indústrias criativas (moda, designer, marketing e propaganda, decoração, esportes, turismo, aparelhos eletrônicos, tecnologia, telefonia, internet, brinquedos e jogos eletrônicos). Por fim, Canedo (2009) apresenta a cultura como fator de desenvolvimento humano, em que as atividades são realizadas com intuitos socioeducativos diversos.

A partir desses aspectos apresentados, buscaremos realizar, na próxima seção, diálogos entre a Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar – Quintal Solidário e as diferentes concepções de cultura, demonstrando como além de um espaço de comercialização e de mercado, a feira pode ser palco de diferentes manifestações e interações culturais.

HISTÓRICO E DESCRIÇÃO DO QUINTAL SOLIDÁRIO

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-UFV) é um programa de extensão da UFV, fundado em 2003, e tem como intuito fomentar Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) da região da Zona da Mata mineira, atuando, também, no fortalecimento da Agricultura Familiar (AF), principalmente de base agroecológica.

No cenário, a partir dos anos 2000, de fortalecimento de políticas públicas para Economia Solidária e Agricultura Familiar, as ações da ITCP-UFV permitiram criar uma rede de atores implicada com a promoção de espaços de comercialização para diferentes tipos de empreendimentos. Em 2016, em parceria com a Seção Sindical dos Docentes da UFV e apoio de projetos e departamento dessa Universidade, bem como de outras entidades externas à Universidade (Emater, ONG, entre outras), foi fundada a Feira de Economia Solidária e Agricultura Familiar – Quintal Solidário.

Desde a idealização à concepção, a Feira foi entendida como espaço de extensão universitária, onde a articulação com a comunidade, identificação de demanda de beneficiários de políticas públicas foram pautas para sua construção. Um projeto construído coletivamente por atores e atrizes da academia, entre eles(as) docentes e discentes de diferentes departamentos e de formação e instituições da cidade que já têm papel fundamental na construção da agenda de agroecologia na região da Zona da Mata mineira.

Em 2016, as feiras passam a acontecer sob a ótica dessa articulação, que objetiva promover mercado para agricultura familiar e economia solidária, valorizando o comércio local, justo e solidário. Ainda, propõe-se a ser espaço de socialização e lazer, com atrações culturais, espaço infantil e ambiente agradável e acolhedor. O vínculo entre academia-

comunidade estabelecido permite promover o debate sobre agroecologia e criar espaços formativos a partir do ensino-pesquisa-extensão.

O local de realização da feira é a sede da ASPUV na Vila Giannetti/UFV e, inicialmente, acontecia quinzenalmente. A partir de 2017, a feira passou a ser semanal, todas as quartas-feiras, das 17h às 20h, e até julho de 2019 já foram realizadas mais de cento e trinta edições.

A correalização da feira pela ITCP-UFV e ASPUV foi primordial para a construção do projeto, tanto no investimento de recursos financeiros e materiais quanto recursos humanos. A ITCP-UFV pode fornecer todo o arcabouço técnico e teórico para a consolidação do Quintal Solidário, além de promover espaço de prática da Economia Solidária a estudantes e profissionais que atuavam na instituição. A ASPUV, enquanto sindicato, atuou promovendo a solidariedade entre as classes trabalhadoras. Desde junho de 2018, a ASPUV, por uma mudança de posicionamento de diretoria, passou a ser parceira da feira em vez de realizadora.

As entidades parceiras do Quintal Solidário são muito importantes para a construção da feira, permitindo mais diversidade e a possibilidade de aperfeiçoamento a partir do conhecimento técnico de cada instituição. O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA), a Feira Agroecológica e Cultural da Violeira, a Associação dos Artesãos de Viçosa (ADAV), a Rede Raízes da Mata e a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (EMATER) são parceiros importantes na indicação e no acompanhamento dos expositores da feira.

Contribuem como apoio técnico, a Vigilância Sanitária de Viçosa/MG e o Departamento de Nutrição e Saúde da UFV, pois atuam colaborando com as questões higiênico-sanitárias, de rotulagem de alimentos e de desenvolvimento de produtos dos(as) expositores(as), que processam alimentos e comercializam no Quintal Solidário. A Emater atua visitando e prestando assistência técnica às famílias.

O apoio institucional por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC) é essencial para o fortalecimento da feira enquanto projeto de extensão da Universidade. Além disso, as bolsas para estudantes e técnicos(as) tiveram parte do financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, no âmbito do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (Proninc), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação. O SICOOB-UFVCredi tem sido patrocinador do projeto com pagamento de bolsa para um profissional que atua junto à coordenação das atividades do projeto.

Os(as) expositores(as) são setorizados(as) por produto comercializado, e os segmentos são: hortifrutigranjeiros, alimentos processados e artesanato. Cada setor tem características próprias de produção e venda, mas é obrigatório que todos(as) expositores(as) sejam produtores(as) daquele produto que comercializam.

O setor de hortifrutigranjeiros tem produção de base familiar e tem recebido diversas assessorias dos parceiros do Quintal Solidário para que as produções sejam cada vez mais agroecológicas. Alguns deles já são orgânicos certificados, outros com certificação sem agrotóxico (SAT) e outros, ainda, com certificação de controle social, mas todos(as) caracterizam a própria produção como livre de agrotóxicos.

Já o segmento de alimentos processados tem pães, bolos, queijos, salgados vegetarianos e veganos, caldos, mel, entre outros produtos. As parcerias têm atuado construindo processos produtivos cada vez mais seguros do ponto de vista higiênico-sanitário e buscando atender às regulamentações de produção artesanal de alimentos.

Os artesanatos são bem diversos: produtos em *patchwork*, plantas ornamentais, moda sustentável, decorações, produtos infantis, entre outros. A atuação com esse setor tem sido a de incentivar a compra de presentes em datas comemorativas, o consumo consciente e o reconhecimento do trabalho dos artesãos(ãs) que é um grande desafio.

Para além da comercialização de produtos, o Quintal Solidário é um espaço social, e diversas atividades são realizadas. Semanalmente são feitas apresentações culturais, com espaço principalmente para músicas, mas já tiveram diversas outras intervenções como dança circular, capoeira, poesia, dança contemporânea, etc. O espaço infantil para recreação das crianças também acontece toda semana em parceria com quatro projetos de extensão do curso de Educação Infantil da UFV (Luducarte; LudC-Art – Resgatando a cultura lúdica e artística na infância; Meio ambiente e ludicidade – construindo conceitos por meio da experimentação; MusiCArt – entre vozes e ecos da cultura musical). Como atividades formativas, diversas oficinas são realizadas para o público presente, com foco em temas ambientais, artesanato e cooperativismo.

Para as questões ambientais, há um ponto de recolhimento de óleo de cozinha usado, e a cada doação de 1 litro de óleo, o(a) consumidor(a) recebe uma moeda social para ser consumida dentro do espaço da feira. O óleo recolhido é doado à Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa (Acamare), que faz sabão com esse material. O projeto de extensão Interação também é parceiro, atuando na identificação das lixeiras em recicláveis e materiais orgânicos e realizando algumas atividades educativas nesse sentido. Outro ponto importante é o cabideiro de sacolas solidárias, onde as pessoas doam – colocam no cabideiro sacolas (geralmente provenientes de eventos científicos) que ficam à disposição de quem esqueceu sua sacola e não quer utilizar embalagens plásticas. A pessoa utiliza a sacola e teoricamente a devolve na semana seguinte. Várias oficinas têm sido realizadas com os expositores para que estes busquem alternativas para diminuir o uso de plásticos, isopor, entre outros.

Ainda, o Quintal Solidário tem se tornado espaço de articulação, ensino, pesquisa e extensão. Diversas aulas para ensino médio, graduação, pós-graduação têm acontecido

no espaço da feira. Atividades de extensão de diversos cursos têm discutido questões com o público consumidor e os expositores. Além disso, pesquisas de conclusão de curso e pós-graduação *Stricto sensu* são desenvolvidas no espaço, permitindo, assim, resultados para o aprimoramento contínuo do projeto.

A Feira como espaço de visibilidade e troca: modos de vida e cultura alimentar

O Quintal Solidário, por ser um espaço direcionado à agricultura familiar com enfoque na transição agroecológica, de alguma maneira visibiliza os modos de vida no campo e as formas de produzir e de comer relacionadas à cultura local. De acordo com Silva (2017), muitos desses elementos culturais são fundamentais para conformar processos formativos em agroecologia.

Esse aspecto tem se refletido diretamente na biodiversidade presente nos alimentos ofertados na Feira. É interessante notar que variedades de plantas alimentícias denominadas "não convencionais" são vendidas semanalmente e muitos consumidores(as) buscam nesse espaço informações e conhecimentos sobre a temática.

Da mesma forma, as quitandas tradicionais e ou alimentos elaborados a partir dessa diversidade e cultura são também manifestações de como a Feira promove o acesso e conhecimento. Os(as) feirantes são promotores(as) desse modo de vida, e a relação direta com os(as) consumidores(as) possibilita trocas e interações importantes. Além disso, esses aspectos são valorizados na Feira, ao mesmo tempo que são invisibilizados nas grandes superfícies de distribuição. Nas estantes de um supermercado, dificilmente se reconhece a cultura, a origem e a diversidade local. Os alimentos são em geral padronizados, enfraquecendo laços de proximidade e transformando o alimento ou a comida em mercadorias "sem cultura".

A experiência do projeto "Quintal Gastrônomico", por exemplo, foi um elemento de promoção e fortalecimento desses aspectos. Ao recolher receitas de família, tradicionais e apresentá-las no espaço da Feira, elementos culturais importantes foram destacados e visibilizados. Também em outra edição do Quintal Gastronômico, uma Eco Chef renomada elaborou preparações com as "xepas" da Feira.

Além de ser um espaço de comercialização, o Quintal Solidário também é considerado um espaço de convivência e integração, pois busca promover o acesso à cultura, desenvolvendo atividades gratuitas e abertas ao público da UFV, de Viçosa e região. Desde o início de suas atividades até os dias atuais, a Feira promove semanalmente shows com artistas regionais, locais, além de outras formas de manifestações artísticas e culturais, como, por exemplo: capoeira, quadrilha, danças, recital de poesia, teatro, coral, Slam, entre outros.

O primeiro contato com os artistas é feito pelas redes sociais, telefone ou presencialmente na feira, onde estes manifestam interesse em participar do espaço como atração cultural. Após esse contato, é verificada uma data que esteja disponível no calendário e sua apresentação é programada em uma agenda virtual com data, nome e contato, os equipamentos necessários para apresentação e observações específicas para a atividade. Posteriormente, na véspera da apresentação, é feito um contato para confirmar a sua disponibilidade e a presença na data prevista.

Até meados de 2019, o projeto contou com aproximadamente 120 apresentações musicais de 95 artistas locais, sendo estes estudantes e profissionais que já trabalham no ramo ou que estão ingressando neste campo de atuação. Esses artistas se apresentam sozinhos, em dupla ou em trio, trazendo os principais estilos musicais: MPB, Pop, Rock Nacional e Internacional, Samba, Pagode, Forró e Sertanejo Raiz, tendo como principais instrumentos: violão, guitarra, cajon, pandeiro, triângulo, sanfona e gaita.

Diferente dos outros espaços de socialização, não há cobrança de *couvert* artístico para remunerar o artista. Ao fim da apresentação, quem se apresenta recebe uma cesta que é construída coletivamente com produtos que são comercializados na feira como forma de agradecimento e retribuição pelo trabalho realizado. Embora o Quintal Solidário não recompense monetariamente os artistas e sim os recompense com os produtos produzidos pelos expositores, ainda assim há manifestações de procura e de interesse em participar do espaço. Como muitos dos que se apresentam estão iniciando sua carreira, estar no Quintal, onde semanalmente passam em torno de 500 pessoas, é também uma forma de mostrar sua música e de se tornar mais conhecido no município, criando, assim, novas oportunidades

É percebido pela equipe que pelo fato de ser um espaço agradável de socialização, bem como uma forma de apresentar seu trabalho para produtores(as) e consumidores(as) presentes, parte dos artistas sente-se confortável no Quintal Solidário, principalmente pelos princípios do projeto, conforme depoimento a seguir:

> O Quintal Solidário representa para nós um estreitamento de laços comunitários e uma maior integração do consumidor com os produtores locais. Nós acreditamos muito na economia solidária não somente como forma de valorizar os pequenos agricultores e artesãos, mas também como ato político. O Quintal, por exemplo, ao fomentar a produção agroecológica, fortalece ideais do respeito à terra, aos animais e às pessoas, além da alimentação saudável. Como artistas, é um prazer poder participar de um movimento que se alinha com o que acreditamos e que também valoriza a arte e a cultura. O Quintal nos proporciona um espaço para apresentarmos nosso trabalho, o acesso a produtos agroecológicos e momento especiais, por ser sempre uma troca muito boa com o público. Sentimos ser um apoio mútuo. Da nossa parte, tentamos levar sempre um repertório que valoriza nossa música brasileira e regional, trazendo entretenimento, cultura e alegria para a feira. (Depoimento de um cantor, 2018.)

Esse incentivo à produção cultural busca fortalecer a cultura local, bem como a economia local, também oferecendo atividades lúdicas para o público infantil em articulação com outros projetos de extensão e cultura do curso de educação infantil da UFV. É importante chamar atenção também para o segmento de empreendimentos da economia solidária que produzem artesanato. Essa também é uma forma de expressão artística que compõe a perspectiva de cultural da feira, no sentido de que são criados produtos por meio de uma habilidade individual e manual, e não são industriais. Nesse aspecto, há uma variedade de iniciativas e de pessoas mobilizadas, como famílias, grupos de aposentadas, jovens, etc.

Outro aspecto cultural é o relacionado à alimentação, aos resgates sociais, tanto no produtos *in natura* como nos processados, em que se encontram vários produtos de origem local, como feijão tropeiro, canjiquinha, curau, queijos, biscoitos, doces, entre outros; também se tem um pouco da cultura francesa, destacando-se os *croissants* elaborados por um profissional francês, que leva para o Quintal seus quitutes e seu sotaque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a feira é um espaço importante para promoção da cultura sob diferentes perspectivas, que englobam desde o modo de vida, a arte até a cultura alimentar. Nesse mosaico de relações e processos, ainda é necessário refletir de maneira mais profunda sobre todos os aspectos apresentados. Não se trata apenas de "atrações culturais", mas de formas de expressão que devem ser organicamente mais integradas à Feira.

O apoio do "ArtCulAção: Arte, Cultura e Ação na UFV – Programa Mais Cultura nas Universidades" demonstrou a possibilidade de trabalhar a cultura de forma cotidiana, assim como a economia solidária, criativa, agroecologia e agricultura familiar. Além disso, a articulação ensino, pesquisa e extensão nos parece fundamental para a promoção de variadas atividades também em consonância com o programa.

REFERÊNCIAS

BUSARELLO, Carla Spillere; WATANABE, Melissa. *Agricultura familiar e informalidade*: uma contribuição teórica. IV Seminário de Ciências Sociais Aplicadas.

BUZÓN, Nazaret Castro. *La dictadura de los supermercados*: Cómo los grandes distribuidores deciden lo que consumimos. Ediciones Akal. Tres Cantos, Espanha, 2017.

CANEDO, Daniele. “Cultura é o quê?” – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. *V ENECULT* – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. UFBa, Salvador, 2009.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. Feiras no Nordeste. *Mercator* – Revista de Geografa da UFC, ano 07, número 13, 2008.

DI MASSO, Marina. Redes Alimentares Alternativas e Circuitos Curtos de Comercialização. *Material docente Posgrado de Dinamizacion Local e Agroecológica*. Universidad Autónoma de Barcelona, 2018.

DUBEUX, Ana; BATISTA, Marcela Peixoto. Agroecologia e Economia Solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. *REDES: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 22, n. 2, p. 227-249, 2017.

GODOY, Wilson Itamar; ANJOS, Flávio Sacco dos. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. *Rev. Bras. Agroecologia*, v. 2, n. 1, fev. 2007.

LÓPEZ, Daniel. Estructuras Colectivas y Redes Territoriales para los CCC: aproximación empírica. *Material docente Posgrado de Dinamizacion Local e Agroecológica*. Universidad Autónoma de Barcelona, 2018.

SABOURIN, E. *Políticas públicas de desenvolvimento rural e reciprocidade*. In: 4º Encontro da Rede de Estudos Rurais: mundo rural, políticas públicas, instituições e atores em reconhecimento político; 2010; Curitiba; Brasil. Montpellier: CIRAD; 2010. p. 1-13.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, 2007.

SEVILLA, Eduardo Gizmán; SOLER, Marta; GALLAR, David; SÁNCHEZ, Isabel; CALLE, Ángel. Canales Cortos de Comercializacion alimentaria en Andalucía. *Proyecto de investigación*, 2012.

SILVA, Marcio Gomes e FERRARI, Eugênio Alvarenga. Cultura Camponesa, educação e agroecologia. *Revista Trabalho necessário*. V. 16, número 31, 2008.

SOLER, Marta e PÉREZ, David. Canales Cortos de Comercialização alimentaria em la construcion de sistemas agroalimentares. In: CUÉLLAR-PADILLA, Mamén, CALLE-COLLADO, Angel; GALLAR, David Hernández (Orgs). *Procesos hacia la Soberanía Alimentaria. Perspectivas y Prácticas desde la Agroecología Política*;, Editorial Icaria: Barcelona, Spain, 2013.

ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE AÇÕES DE ARTE E CULTURA NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA CAMPUS RIO PARANAÍBA.

Monise Viana Abranches
Tiago Mendes de Oliveira
Lidiane Alves de Deus
Isa Mara Rocha Araújo

INTRODUÇÃO

No contexto da interiorização e da expansão das universidades federais, vivenciado no início deste século, foi criado o *Campus* Rio Paranaíba da Universidade Federal de Viçosa (UFV-CRP) por meio da Resolução nº 08/2006, publicada em 25 de julho de 2006 (BRASIL, 2006). O referido *Campus* está localizado no interior de Minas Gerais, na região do Alto Paranaíba, onde o contato com a efervescência artística e cultural dos grandes centros urbanos é pouco expressivo.

Os discentes e parte dos servidores tendem a ficar na UFV-CRP ao longo do dia de estudos e de trabalho, uma vez que a Instituição fica cerca de 2 km da cidade, e o almoço e o jantar são servidos no *Campus*, ademais, muitos residem nos municípios vizinhos. Somado a isso, a maior parte dessas pessoas vêm de regiões interioranas de vários estados brasileiros e poucas tiveram a oportunidade de vivenciar experiências culturais diferenciadas, como, ir a um teatro, concerto ou museu.

Todavia, sabe-se da riqueza das culturas que são passadas de maneira intergeracional nas diferentes partes do Brasil, incluindo a cidade de Rio Paranaíba. No entanto, congregar diversas modalidades e linguagens é um desafio quando não há um espaço destinado à troca de saberes e experiências.

Diante desse cenário, os membros da Diretoria de Extensão e Cultura (DXC) da UFV-CRP, na gestão 2017-2019, por meio de contínuo diálogo propuseram estratégias para articulação e consolidação de ações de arte e cultura no *Campus*. Para tanto, criou-se o Projeto Letras, Artes & Mentes, registrado no Sistema de Registro de Atividades de Extensão – RAEX sob o nº PRJ-152/2018. Essa proposta se tornou institucional, sendo sua experiência e execução relatada neste texto.

POR QUE ESTIMULAR A ARTE E A CULTURA NO *CAMPUS*?

As universidades são espaços educativos, de construção do conhecimento e de formação humana. A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), preconiza que a educação abrange os processos formativos que ocorrem em diversos setores sociais, como a família, o trabalho e as instituições de ensino, mas também as manifestações culturais (BRASIL, 1996). Diante disso, o ambiente universitário é fonte de educação no seu conceito mais amplo e abrange a dimensão cultural.

O Estado brasileiro reconheceu a cultura como necessidade básica e direito de todos os brasileiros em sua Carta Magna, ao preconizar no art. 215, que "o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais". O mesmo documento garante o direito à diversidade e à identidade cultural (arts. 215 e 242) e à preservação do patrimônio histórico e cultural (arts. 5º, LXXIII, e 215) (BRASIL, 1988).

A cultura diz respeito ao mesmo tempo à humanidade e a cada grupo/indivíduo que a compõe. Seu entendimento é uma forma de enfrentamento de preconceitos, é a base para o respeito e para a dignidade das relações humanas. Vale destacar que as diferentes culturas não sobrepõem umas às outras em grau de importância, mas tecem a teia da diversidade, que demanda reconhecer códigos de diferentes grupos sociais, étnicos, de crenças e sexuais (BARBOSA, 1995; SANTOS, 2006).

Cultura refere-se a todos os aspectos da vida em sociedade, é uma construção histórica, seja como concepção seja como dimensão do processo social. Isto é, não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas, é um produto coletivo da vida humana, é um território atual das lutas sociais por um destino melhor, colaborando de forma efetiva para o desenvolvimento de uma sociedade e para a identidade e sentimento de pertencimento das pessoas (BARBOSA, 1995; SANTOS, 2006).

O conceito de cultura envolve os estilos de vida, rituais, cerimônias, expressões artísticas e tecnológicas de um grupo social, portanto, todos os aspectos tangíveis e intangíveis do fazer humano. Caracteriza-se, portanto, por ser um processo dinâmico em

permanente reconstrução, denota o esforço para as pessoas relacionarem-se consigo e com o ambiente (CAMPO ARÁUZ, 2008).

Por sua vez, a arte envolve as criações humanas que expressam uma abordagem sensível, da realidade ou da imaginação. Para isso, recorre a recursos em diversas vertentes: visuais, linguísticas, sonoras, corporais. Expressa a vivência do ser humano em seu mundo, exprime ideias, sensações, emoções e percepções (BETTO, 2014).

A arte traz diversos benefícios para as pessoas, em uma realidade dominada pela especialização profissional, ela resgata a totalidade das dimensões do ser humano: afetiva, cognitiva e social. Também, desenvolve a percepção, a imaginação e a capacidade crítica, ativando e estimulando as sensações, o potencial criativo e as emoções (ZAGONEL, 2012).

Entre as funções da arte, destaca-se seu caráter lúdico, promovendo o lazer, o entretenimento e o prazer daqueles que se envolvem com a sua fruição, assim a arte promove o alargamento da consciência, colaborando primordialmente para a humanização e a civilização do ser humano enquanto indivíduo e enquanto grupo (ZAGONEL, 2012).

Cabe ressaltar, também, que, apesar do estrato verbal ser a forma discursiva de maior prestígio no meio acadêmico, a arte não se opõe ao conhecimento racional, ao contrário, a experiência sintetiza o entendimento e as intuições sensíveis, ou seja, ela conecta o intelecto com os sentidos e é por meio desses que aprendemos. Assim, a arte e a cultura se configuram como caminhos para a formação, e essas são complementares à educação formal e não dissonantes como se pode, a princípio, supor, e, portanto, são pilares para a construção de um ensino de qualidade e com formação humanística (ALVES, 2005; FELÍCIO, 2007).

Segundo Barbosa (1995), por meio da arte, a percepção e a imaginação podem ser desenvolvidas e aprimoradas, é possível apreender a realidade do meio, desenvolver o pensamento crítico a partir de sua análise e construir, de forma criativa, alternativas para mudar o que se faz necessário.

É mister ressaltar que o restrito contato com as artes não se verifica somente nas visuais e cênicas, mas, também, na literatura, que é pouco apreciada pelos discentes. Essa questão vem ao encontro da tese defendida por Bamberger (2000), segundo o qual, somente 5% das pessoas mantêm a leitura literária, ou seja, aquela que foca na fruição e na relação com a linguagem, ao longo de suas vidas. Vale lembrar que o autor é austríaco e que, no Brasil, a questão é ainda mais sensível.

Pretendeu-se articular, por meio do Projeto, as atividades desenvolvidas no Campus alinhando as culminâncias com o planejamento temporal das ações, bem como entender o impacto dessas expressões na vida dos participantes. As atividades buscaram fazer com que a comunidade fosse agente engajado na construção da sua própria formação.

Somado a isso, a proposta também procurou expandir as ações para a comunidade local de forma que a relação universidade-comunidade fosse estreitada, sendo a Instituição espaço efetivo de construção comunitária e colaborativa de conhecimento e de troca de saberes, independentemente de condição econômica e posição social dos envolvidos nas ações.

Isso, porque se acredita que todos podem ser atores que levam a transformação do seu próprio meio. Ainda, as discussões, as apresentações e as exposições podem ser o despertar para o entendimento da realidade, fazendo com que as pessoas se apropriem de concepções que contribuam para a redução das desigualdades, sejam elas de cunho social, de gênero, étnica, econômica, entre outras.

O PROJETO LETRAS, ARTES & MENTES

O Projeto de Extensão Letras, Artes & Mentes iniciou-se em 01 de agosto de 2017, tendo como membros os servidores da Diretoria de Extensão e Cultura da UFV-CRP, bem como diversos estudantes da Instituição.

A proposta foi contemplada com uma bolsa do Programa Funarbe de Apoio à Extensão – Funarbex, oferecida pela Fundação Arthur Bernardes e pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade, para a estudante Isa Mara Rocha Araújo, durante o período de 01 de outubro de 2018 a 30 de junho de 2019, à qual colaborou ativamente com a equipe do projeto na realização das atividades desenvolvidas.

O objetivo do Projeto foi contribuir para a humanização, sensibilização e formação do pensamento crítico e reflexivo, por meio de expressões artísticas e culturais que se articulassem com diferentes linguagens e estimular o desenvolvimento de habilidades e competências neste contexto entre os membros da comunidade acadêmica e extra-acadêmica.

Para tanto, considerou-se necessário criar e manter espaços de leitura, aprendizagem, fruição estética e trocas de saberes; compreender como as manifestações culturais afetam a vida das pessoas; desenvolver estratégias metodológicas visando a aproximação e vivência artística com emprego de diversas linguagens; realizar campanhas para obtenção de recursos materiais para desenvolvimento do projeto; desenvolver e manter uma mídia digital visando divulgar as ações do projeto, bem como textos que incentivassem a leitura, entre outros.

Nesse sentido, os recursos provenientes do Programa Mais Cultura foram relevantes, pois permitiram a aquisição de equipamentos, como caixas de som, suportes para partituras e microfones, treliças e cadeiras, para a realização das atividades.

Cabe ressaltar que, além das ações do Projeto Letras, Artes & Mentes, os equipamentos

adquiridos com os recursos do referido Programa são disponibilizados, via empréstimo, para outros eventos e projetos de extensão e cultura do Campus, fomentando essas atividades nos diversos institutos e setores e colaborando para a institucionalização da cultura na UFV-CRP.

ALGUNS RESULTADOS E REFLEXÕES

Criou-se o Espaço Letras & Mentes no Pavilhão de Aulas (PVA), onde são disponibilizados livros e revistas (provenientes de doações), de acesso livre e gratuito, quadro, giz, cadeiras, mesas, tela para apresentação de vídeo e pufes. Nesse ambiente foram realizadas oficinas de pintura e desenho, contação de histórias para crianças e apresentação de filmes (Figura 1), os quais contaram com a participação de discentes, servidores e demais membros da comunidade.

Figura 1: A) Espaço Letras & Mentes. B) Oficina de Pintura em Aquarela.
Fonte: Comissão Coordenadora do Projeto.

Também foi instalado no PVA um palco destinado a atividades musicais e saraus, realizados em diversas oportunidades, contando com a apresentação de servidores e discentes da Instituição. Cabe ressaltar que outros projetos e eventos de extensão e cultura realizados na UFV-CRP também podem usufruir desses locais, ampliando o acesso da comunidade a tais atividades.

Exposições e demais atividades que demandaram um espaço mais amplo foram realizadas em diferentes ambientes do *Campus*, como o Salão de Eventos do Restaurante Universitário, o Auditório do Laboratório de Ensino, Saguão do Pavilhão de Aulas e da Biblioteca.

Paralelamente, foi realizada uma pesquisa por meio de um questionário on-line, visando diagnóstico e direcionamento das atividades, bem como para conhecimento da importância dada às ações de arte e cultura dentro e fora da Instituição, das atividades de interesse do público envolvido e dos potenciais detentores de habilidades e competências artísticas e culturais. As respostas foram compiladas e utilizadas para o direcionamento das ações, na forma de um cronograma.

A relevância dada à temática ficou patente diante de 85% dos participantes afirmarem que consideram ações de arte e cultura importantes ou muito importantes em seu cotidiano. Além disso, a pergunta “O que o motiva a participar de atividades culturais e artísticas?”, cujas respostas passaram por eixos como interesse, alegria, gosto, descontração, “legal”, entretenimento, deleite e prazer; demonstraram a associação entre arte e cultura com sensações agradáveis. Vale ressaltar três dessas respostas:

> *“Me alegra, me descansa e dá esperança.”* (sic)
>
> *“Essas atividades são terapias para mente”* (sic)
>
> *“Melhora na saúde mental e as possibilidades de novos encontros e oportunidades.”* (sic)

Também, diversas respostas abordaram temas como conhecimento, aprendizado, formação cultural, curiosidade, diversidade e valorização das tradições, como nas respostas:

> *“Conhecer novas ideias e pensamentos, estimular a criatividade, trabalhar com o lado emocional”* (sic)
>
> *“Acredito que a interação com cultura e arte ajudam as pessoas crescerem de formas que não somos ensinados em escola ou faculdade”* (sic)
>
> *“Resgatar o passado, não ignorar as origens e vivê-las.”* (sic)
>
> *“Valorizar a cultura de nosso país, as características do nosso povo e a expressão disso.”* (sic)

No período entre 01 de agosto de 2017 e 30 de junho de 2019, foram realizadas 34 atividades pela equipe do Projeto, devidamente registrados no Sistema de Registro de Atividades de Extensão (RAEX), disponível no endereço eletrônico http://www.raex.ufv.br, cuja lista é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1: Atividades realizadas pelo projeto de extensão Letras, Artes & Mentes

Fonte: Elaborado pelos autores, conforme dados do RAEX (BRASIL, 2019).

Nº Registro	Título	Início	Término
EVE-2094/2017	Exposição de Fotografias e Documentos: Pensar o Passado, Projetar o Futuro: UFV 91 Anos – Fazemos Parte desta História	16/08/17	01/09/17
EVE-2080/2017	Recital de Música de Câmara Erudita e Popular	24/10/17	24/10/17
EVE-2274/2017	Exposição: Consciência Negra – Orgulho, Força e Resistência.	23/11/17	24/11/17
EVE-2387/2019	I Campanha de Doação de Livros	26/02/18	30/03/18
EVE-688/2018	Cerimônia de Inauguração do Espaço Letras&Mentes e Apresentação Musical com Camila Rocha e Marcos Pereira	22/03/18	22/03/18
CUR-144/2018	Oficina de Desenho Realista	23/03/18	23/03/18
EVE-687/2018	Oficina de Colorização e Matização de Cores	23/03/18	23/03/18
EVE-1410/2018	Lançamento do Livro Minhas Histórias de Trancoso e Contação de Histórias – primeira seção	17/04/18	17/04/18
EVE-1402/2018	Lançamento do Livro Minhas Histórias de Trancoso e Contação de Histórias – segunda seção	17/04/18	17/04/18
EVE-1424/2018	Exposição Imagética e Literária – Trabalho: Arte e Sobrevivência	23/04/18	11/05/18
EVE-1411/2018	Oficina de Aquarela	15/06/18	15/06/18
EVE-1426/2018	Exposição Imagética e Literária – Das Árvores às Florestas, das Folhas aos Versos	13/08/18	24/08/18
EVE-1698/2018	Exposição APAExonad@s por arte	27/08/18	06/09/18
EVE-2017/2018	SIACULT 2018 – Mostra Cultural UFV/CRP	15/10/18	18/1018
EVE-1958/2018	Exposição Queijo Minas Artesanal: Patrimônio Cultural Brasileiro.	15/10/18	26/10/18
EVE-2548/2018	(R)existências – SIACult	15/10/18	15/10/18
EVE-2168/2018	Roda de Conversa: Café, queijo e prosa	16/10/18	16/10/18
EVE-1959/2018	Exposição fotográfica: Cores do Cerrado – Rio Paranaíba	18/10/18	18/10/18
EVE-2351/2018	Momento Paisagístico na Fotografia	26/11/18	07/12/18
EVE-2388/2019	II Campanha de Doação de Livros	28/02/19	29/03/19
EVE-2392/2019	Festival Cultural de Boas-Vindas 2019	12/03/19	15/03/19
EVE-3334/2019	Exposição em Mesas: Ação Gera Motivação	12/03/19	22/03/19
EVE-3337/2019	Exposição Fotográfica: Conheça sua Universidade, Conheça seu Campus	12/03/19	22/03/19
EVE-3336/2019	Exposição Interativa: O Universo Conspira a Nosso Favor	12/03/19	15/03/19
EVE-2686/2019	Exposição de Desenhos Realistas	08/04/19	17/04/19
EVE-2683/2019	Momento Paisagístico na Fotografia (Prefeitura Municipal Rio Paranaíba)	22/04/19	29/04/19
EVE-2915/2019	Exposição do Humor	13/05/19	17/05/19
EVE-2909/2019	Quarta-feira da Cultura da UFV Campus Rio Paranaíba	22/05/19	22/05/19
EVE-2913/2019	Oficina de Pintura em Tela	22/05/19	22/05/19
EVE-2912/2019	I Feira do Livro	22/05/19	22/05/19
EVE-3018/2019	Exposição de Aglomerados Urbanos e Rurais	03/06/19	07/06/19
EVE-3017/2019	Closet Compartilhado - Movimento DesaPegue	11/06/19	19/06/19
EVE-3016/2019	Oficina de Pintura em Aquarela	12/06/19	12/06/19
EVE-3265/2019	Arraiá da UFV-CRP	28/06/19	28/06/19

Entre as diversas ações desenvolvidas pelo Projeto, merecem destaque o 1º SIACult, ocorrido em 2018, paralelo ao Simpósio de Integração Acadêmica, no qual foram realizadas, além das apresentações e exposições, oficinas de arte e artesanato, a saber: macramê, bordado com sianinha, desenho realista com lápis grafite, filtro dos sonhos, diferentes tipos de pátinas e pinturas em latas, conforme as Figuras 2 e 3.

Figura 2: Folder do 1º SIA Cult realizado em 2018.

Fonte: Comissão Coordenadora do Projeto.

Quanto ao quesito incentivo à leitura, foram realizadas campanhas de doação de livros literários, as quais resultaram no recebimento de cerca de 480 obras doadas pela comunidade e de cerca de 70 de livros novos disponibilizados por editoras públicas e privadas, que também compactuaram com a ação solidária, totalizando aproximadamente 550 exemplares. Essas parcerias propiciaram a construção de um rico acervo, o qual, de forma livre, gratuita e irrestrita, colabora na ampliação da cultura no *Campus*, conforme a Figura 4.

Figura 4: A) Alguns livros disponibilizados pelo Projeto. B) Estudantes na "Feira do Livro", retirando gratuitamente exemplares de seu interessante.

Fonte: Comissão Coordenadora do Projeto.

A possibilidade de uso coletivo dos exemplares (livros e revistas), tem estimulado entre os discentes e os servidores o despertar para a leitura e a abertura do olhar para questões antes não pensadas, incluindo a indicação por eles de textos considerados interessantes.

Ressalta-se também os resultados advindos da criação dos perfis do projeto e da DXC em uma mídia social, nos quais foram divulgadas todas as atividades propostas pelo projeto Letras, Artes & Mentes. Atingiu-se mais de 1.500 pessoas, como seguidores dos

perfis *projetolam* e *dxc_ufv_crp*, além do acesso aberto, o qual não é possível mensurar o alcance.

Além de ferramentas essenciais para a divulgação das atividades, os perfis possibilitaram a articulação de diferentes gêneros textuais, como poemas, poesias, frases e trechos literários, estes também disponibilizadas nos *folders* dos eventos, como apresentado na Figura 2.

Os textos foram selecionados pela comissão coordenadora do Projeto, assim como por bolsistas e voluntários, tomando o cuidado em usar referências confiáveis, para evitar a circulação de conteúdo com erros e falsas autorias, fato, infelizmente, comum na Internet. Entre outros, foram divulgados fragmentos de Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Manoel de Barros, Manuel Bandeira e Rubem Alves.

A divulgação de poemas e frases literárias nas mídias sociais obteve reverberação dos internautas/leitores, através de "curtidas" e de comentários, como na postagem de um trecho do livro Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus (1960), na qual um usuário afirmou:

> *"Parabéns, belíssima reflexão, Carolina Maria de Jesus é uma autora extraordinária que ainda não tem o seu merecido reconhecimento, lindo ver isso aqui"*. (sic)

Essa ação colaborou na ampliação da bagagem cultural dos leitores que interagiram com ela através das mídias, além disso somou aos membros da equipe que se dedicaram a ler e selecionar os textos que foram disponibilizados, vivenciando momentos de aprendizado e fruição literária.

Ademais, as atividades realizadas promoveram o desenvolvimento e compartilhamento de habilidades entre os participantes, especialmente com relação às oficinas. Os espaços são considerados acolhedores pelos discentes, os quais relatam ser fontes motivadoras de permanência no Campus, aumentando seu rendimento escolar:

> *"Chego na universidade cedo para ficar no espaço Letras e Mentes. Nele me sinto acolhida e estudo"*. (sic)

Para os discentes, servidores e comunidade extra-acadêmica, as atividades são momentos de encontro para a troca de saberes, momento de vivenciar novas experiências em diferentes aspectos (intelectual, social, econômico, lazer) e de criação de uma consciência mais cidadã.

Tangente a isso, a receptividade do projeto pode ser verificada pela adesão aos eventos e pelo *feedback* positivo recebido durante e após as atividades, com relatos de aprovação e pedidos para que novas ações fossem realizadas. Apesar das dificuldades

e do pouco acesso à arte e à cultura na Região, a equipe do Projeto verificou que há interesse e demanda pela temática.

Nesse sentido, de modo geral, percebeu-se que as atividades desenvolvidas contribuíram para a humanização e sensibilização dos envolvidos, sobretudo quanto ao aspecto ético e cultural, pois a aproximação a diferentes manifestações, a trocas de saberes e o desenvolvimento de novas habilidades ampliaram e melhoraram sua formação possibilitando maior senso crítico, reflexivo e de coletividade, frente à realidade em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do Projeto de extensão Letras, Artes & Mentes, na UFV Campus Rio Paranaíba, promoveu uma efetiva construção comunitária e colaborativa de conhecimento e de troca de saberes na dimensão cultural da Instituição, sendo expressiva a receptividade e o envolvimento da comunidade nas ações realizadas.

A experiência possibilitou conhecer a importância dada à cultura, em especial às artes e à leitura, no cenário universitário, ampliar os espaços de troca de saberes, bem como visualizar o impacto de ações dessa natureza na vida estudantil e comunitária. Ainda, dos resultados encontrados poderão emergir novas proposições, pensando na formação holística do ser humano, a qual se dá em um movimento contínuo.

Sabe-se, no entanto, que ainda há um vasto caminho a ser percorrido no que diz respeito à concretização e à valorização das manifestações artísticas e culturais, entretanto, a experiência no contexto da extensão universitária, demostrou que ações dessa natureza contribuem muito para a humanização e sensibilização dos participantes.

Espera-se que em médio prazo os participantes, especialmente o corpo discente, se aproxime ainda mais de diferentes linguagens artísticas e culturais, incluindo a leitura. Também é esperado que o Projeto fomente outras atividades na mesma linha de atuação, coordenadas por outros/as servidores/as.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Educação dos sentidos e mais*... Campinas/SP: Verus, 2005.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 7. ed. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Ática, 2000.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Educação e Desenvolvimento, Cultural e Artístico. *In*: *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 9-17. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71713/40662>. Acesso em: 08 ago. 2019.

BETTO, Janete Maria. *O Ensino de Arte e a Educação do Sensível*. Curitiba/PR: Secretaria de Educação, 2014. (Os Desafios da Escola Pública Paranaense da Perspectiva do Professor - Produções Didático-Pedagógicas, Volume II). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unicentro_arte_pdp_janete_maria_betto.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 08 ago. 2019.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 08 ago. 2019.

_____. Universidade Federal de Viçosa. Conselho Universitário. Resolução nº 8/2006, de 25 de julho de 2006. *Autoriza a instalação de um Campus da Universidade no Município de Rio Paranaíba, Estado de Minas Gerais*. Disponível em: <http://www.soc.ufv.br/wp-content/uploads/08-06.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

_____. Universidade Federal de Viçosa. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. *Sistema de Registro de Atividades de Extensão – RAEX*. Disponível em: <http://www.raex.ufv.br/>. Acesso em: 08 ago. 2019.

CAMPO ARÁUZ, Lorena. *Diccionario básico de Antropología*. Quito/Ecuador: Abya-Yala; Quito/Ecuador: Universidad Politécnica Salesiana, 2008. Disponível em: <https://www.cpalsocial.org/documentos/776.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2019.

FELÍCIO, Vera Lúcia. Filosofia em Nova Chave. *In*: *Discurso,* São Paulo, v. 3 n. 3, 1972, p. 253-258. Disponível em: <www.revistas.usp.br/discurso/article/download/37748/40475/>. Acesso em: 09 ago. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*: Diário de uma Favelada. 1ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ZAGONEL, Bernadete. *Arte na educação escolar.* Curitiba: InterSaberes, 2012. (Coleção Metodologia do Ensino de Artes).

CINECOM - CINEMA E CULTURA PARA TODOS

Laene Mucci Daniel
Isabelle de Oliveira

INTRODUÇÃO

O *CineCom: Cinema e Cultura para Todos* é um projeto do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV), que oferece uma opção de lazer cultural à comunidade viçosense, através da produção de sessões de cinema gratuitas ao ar livre. O projeto teve início em 2012, promovendo sessões mensais na praça das quatro pilastras, dentro da UFV. Além disso, também já foram realizadas sessões em bairros da cidade. Dessa forma, a comunidade universitária e viçosense tem se reunido para apreciar a arte cinematográfica, em uma oportunidade de enriquecimento cultural.

Enquanto os moradores de Viçosa têm ao seu dispor uma boa programação de cinema, os estudantes de Comunicação têm a possibilidade de praticar o jornalismo, além de assimilar outras práticas relacionadas à comunicação social, como: produção de eventos, produção gráfica, design gráfico, produção de conteúdo para internet, produção de conteúdo para TV e rádio, entre outras.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

No ano de 2012, foram produzidas 7 sessões na praça das 4 pilastras, na UFV. A partir de abril de 2013 a atividade extensionista se ampliou na produção de sessões também em bairros da cidade, uma ação apoiada por associações de bairros e pela Prefeitura Municipal de Viçosa. Em 2014, foram produzidas 11 sessões, e houve a implementação da troca cultural, na qual pessoas levam produtos culturais para o gramado, tais como livros, revistas, cds e dvds para trocar. Em 2015 e 2016, foram realizadas um total de 11 sessões. Ainda em 2016, no primeiro semestre ocorreu uma parceria com o CAJOR para a Semana Acadêmica de Jornalismo, na qual o CineCom transmitiu três documentários em três sessões no auditório do departamento de Engenharia Florestal. Enquanto em 2017 foram realizadas 10 sessões. Em 2018, o Cinecom transmitiu 11 sessões, à medida que em 2019 transmitiu 12. Contudo, em 2020, o projeto teve que se adequar ao período de pandemia vivenciado, nenhuma sessão foi exibida até o momento, mas todas as produções foram reformuladas de forma com que pudessem ser divulgadas a distância, e o objetivo do projeto continuasse intacto.

Nesses oito anos, o CineCom tem se consolidado junto à comunidade viçosense como uma opção de entretenimento cultural de qualidade em que crianças, jovens e adultos, sejam estudantes, trabalhadores ou famílias têm comparecido às sessões em número significativo.

Além da produção de eventos – sessões mensais de cinema – o projeto CineCom abrange ações de jornalismo cultural, assessoria de imprensa e divulgação publicitária nas redes sociais, rádio, TV, jornais e sites. Também desenvolveram ações de pesquisa: nesse tempo de existência, a experiência extensionista gerou um trabalho apresentado em Congresso Internacional (Portugal); três Apresentados em Congressos Regional/ Nacional (Intercom/Expocom), sendo um premiado na categoria jornalismo de opinião e/ou literário;

quatro papers apresentados/publicados em eventos e periódicos científicos; e um premiado pelo SIA UFV 2013.

Pelo menos uma vez por mês, no início da noite de algum domingo, uma produção cinematográfica é exibida em frente às quatro pilastras para toda a comunidade de Viçosa, integrando moradores e acadêmicos. Decidida em conjunto pelos alunos do projeto, a escolha do filme é, no entanto, criteriosa, feita a partir do acervo. Os filmes indicados para a escolha inicialmente atendiam à Lei Brasileira do Audiovisual (são autorizados pelos diretores e distribuidoras ou fazem parte do domínio público). Dessa forma, o projeto já contou com a parceria de diretores brasileiros, como Laís Bodansky (Bicho de sete cabeças, As melhores Coisas do Mundo, Chega de Saudade) e Eliane Caffé (Narradores de Javé); de distribuidoras, como Warner Bros e The Walt Disney Company Brasil; e de licenciadoras, como a Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais (O Palhaço) que disponibilizou seu acervo e o Museu Mazzaroppi.

Em 2014, o contrato firmado com a MPLC Brasil concedeu ao CineCom a licença Guarda-Chuva (Umbrella Licence) que tem permitido a exibição de filmes em DVD ou VHS de distribuidoras associadas. Dessa forma, a programação do CineCom ampliou seu acervo liberado à exibição, e os espectadores puderam assistir a filmes como A Dama e o Vagabundo, Operação Dragão, Quincas Berro d'água, entre outros.

No início de algumas sessões, também podem ocorrer exibições de curtas-metragens, vídeos e apresentações artísticas produzidas/apresentadas pela comunidade de Viçosa, além do antigo CineJornal "Notícia Boa" – atual "Tomada 1" – produzido pelos próprios alunos do curso de Comunicação Social.

O projeto CineCom Cinema e Cultura para Todos busca contribuir para que as 4 pilastras, primeiro limite físico a ser transposto por quem não é da Academia, possam ser também um convite à integração entre universitários e citadinos.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

AÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL

Este projeto é uma atividade realizada por integrantes do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFV que querem, além de trocar informações sobre cinema, usar um meio de arte e comunicação como uma forma de propagar o conhecimento possibilitado pela Arte Cinematográfica, de uma maneira simples, alcançando um grande número de pessoas. Pelo seu formato, ao ar livre e gratuito, o projeto CineCom permite à população o contato com o cinema, a assimilação de diferentes conceitos e a troca de conhecimentos de uma maneira leve e descontraída.

O projeto está aberto tanto para os estudantes da UFV, como para a população da cidade de Viçosa, proporcionando, assim, o encontro da comunidade para assistir aos filmes. Desse encontro, de forma espontânea, têm surgido reflexões, conversas e discussões provocadas pelos temas tratados nos filmes exibidos, assim como artigos têm sido produzidos, e a experiência acadêmica-científica tem sido compartilhada.

A partir da iniciativa da equipe do projeto, um produto desenvolvido para divulgação do filme e que fomenta a discussão passou por alterações: o Tomada 1, programa produzido por integrantes do projeto que contém, em geral, dois blocos e é exibido antes de cada filme. Este, por sua vez, conta com uma apresentação falando sobre a ficha técnica do filme e sinopse e tem, em geral, mais dois blocos com temática livre, possibilitando maiores experimentações para os alunos de comunicação social envolvidos no projeto.

DIFERENCIAL

Ao longo dos seus oito anos de existência, o CineCom tem disseminado e democratizado cada vez mais o acesso à cultura, principalmente ao cinema, ao seu público de forma diversa e inclusiva. Com isso e de acordo com a forma como são expostos os filmes e o produto audiovisual produzido pelos alunos, que são exibidos antes de começar a sessão, há um contato direto com o público, formado tanto por estudantes quanto por demais moradores da cidade.

Além disso, o ato de exibir filmes em lugares públicos, de forma gratuita, torna o "cinema" mais acessível a todas as pessoas, permitindo um enriquecimento cultural, tanto daqueles que estão por trás do projeto quanto do público presente nas sessões. Com a produção da revista ***Curta*** e o programa ***Tomada 1***, ainda há também a discussão e reflexão sobre os temas tratados nos filmes exibidos.

Vale ressaltar que todos os filmes são abertos ao público de Viçosa, de forma gratuita.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom

JUSTIFICATIVA

O CineCom é um projeto consolidado em Viçosa. A partir da exibição de sessões cinematográficas e da coleta de informações sobre o público, é possível levantar seu perfil e sua relação com o cinema. O costume de fazer parcerias com outros projetos, atividades ou centros, além da exibição de grupos e manifestações artístico-culturais de Viçosa enriquecem ainda mais o caráter cultural do projeto.

O cinema é um dos grandes meios de comunicação de todos os tempos. Ele é assim considerado graças a sua capacidade de carregar mensagens, significar sentidos, representar mundos e criar comparações entre a realidade da plateia e aquelas transmitidas pelo filme. Nessa comparação, o público analisa o enredo e os personagens, refletindo sobre sua realidade e vislumbrando novas visões de mundo.

> Essa capacidade que o cinema possui de impactar as pessoas vem da sua habilidade em impressionar, prender a atenção, divertir, emocionar. De acordo com Graeme Turner "a capacidade do cinema de se tornar arte por meio da reprodução e arranjo de sons e imagens é o centro da atenção" (TURNER, 2993, p. 10).

Devemos estar atentos a algumas reações causadas pelo cinema, que estão ligadas ao modo como a população reage aos filmes:

> A importância de compreender a atração do próprio ato de ir ao cinema; entender o desligamento quase onírico da realidade do dia-a-dia que está por trás do choque que experimentamos quando saímos de uma sala de projeção, ou o fascínio das imagens luminosas na tela. (TURNER, 1993, p. 11).

O cinema, inicialmente, foi criado com um objetivo muito mais acadêmico, "Os Lumière acreditavam que seu trabalho com imagens animadas seria direcionado para a pesquisa científica e não para a criação de uma indústria do entretenimento" (TURNER, 1993, p. 10). Entretanto, como vemos nos dias de hoje, sua popularização se deu a partir do seu uso comercial.

Apesar de se constituir como atividade acadêmica, o projeto CineCom – Cinema e Cultura para Todos – parte de uma abordagem do entretenimento quando proporciona às pessoas a possibilidade de participarem de um evento de lazer cultural e artístico. A didática da atividade extensionista deste projeto é, portanto, a reunião informal que, a partir do lazer, alcança a Arte que, por si só, é geradora de reflexões e conhecimentos. Dessa forma, o espectador é incluído e participa ativamente da programação artística-cultural da cidade.

Essa participação do público nas atividades culturais ligadas ao cinema recebe a denominação de Inclusão Audiovisual, onde o espectador tem a oportunidade de entrar em contato com as produções cinematográficas. Lembramos que esse processo não é

algo novo, e que está ligado ao processo de Inclusão Digital. Para Sergio Vilaça, a Inclusão Audiovisual é “um processo que começou lado a lado com a estruturação do cinema como uma forma de comunicação no início do século XX” (VILAÇA, 2006, p. 17).

Levando em consideração o mundo acadêmico, o CineCom tem propiciado aos estudantes de Jornalismo um contato com o fazer jornalístico, ao mesmo tempo em que trabalha sua relação com suas fontes.

> A iniciativa faz parte de um projeto dos professores que visa dar subsídios aos alunos para que, com base nos estudos teóricos, sejam capazes, desde os primeiros anos de faculdade, de desenvolver um olhar crítico e sensível em relação aos produtos comunicacionais; no caso o cinema. (ARNT, HETAL.)

Com isso, o projeto faz com que seus participantes estejam em contato com a realidade de sua profissão, tanto na parte da produção em si, quanto na etapa de elaboração de conteúdo jornalísticos

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O CineCom, como já foi dito anteriormente, inclui os moradores e estudantes de Viçosa no mundo do cinema. Este processo é denominado de Inclusão Audiovisual, que pode ser conceituado como as “ações e políticas voltadas para a inserção de classes sociais menos favorecidas em projetos que envolvem o ensino e a difusão audiovisual (...)” (VILAÇA, 2006, p. 16).

Em relação ao público-alvo, o projeto trabalha sem um perfil definido, já que é esperado um público diverso, desde os moradores aos estudantes da cidade de Viçosa. Aqui se apresenta o grande desafio do CineCom: exibir filmes interessantes e que agradem a um grande público heterogêneo. Já foram exibidos filmes para o público infantil: O Mágico de Oz (1939); para os jovens: o longa nacional As Melhores Coisas do Mundo (2010); filmes que têm como objetivo conscientizar: o também nacional, Bicho de Sete Cabeças (2001); e também aqueles que agradam aos olhos dos adultos e de todas as faixas etárias: Casablanca (1942), O Corintiano (1966) – de Mazzaropi –, Aconteceu Naquela Noite (1934), entre outros. Todos têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o cinema e os filmes de uma forma simples e gratuita.

Os estudantes do projeto têm a capacidade de poder relacionar vários conceitos da Comunicação Social às práticas de assessoria de imprensa, produção de eventos, Jornalismo Literário e principalmente o Jornalismo Cultural. Este é o “ramo do jornalismo que tem por missão informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade” (GOMES, 2009, p. 8).

Entre as técnicas do jornalismo cultural, os alunos do projeto praticam a Crítica

Cultural, que “dispõe de estratégias argumentativas a fim de validar as premissas e conseguir o apoio dos leitores” (BARROS, NASCIMENTO, 2008, p. 473). Os textos críticos estão presentes nas redes sociais do projeto, no blog, na nossa Revista impressa (distribuído a cada sessão) e no programa Tomada 1. Além de guardar a memória do projeto e registrar importantes informações sobre os filmes, as redes sociais pretendem ser veículos de expressão do espectador. O público tem participado por meio dos comentários no Instagram do projeto (https://www.instagram.com/cinecomufv/channel/).

Ao praticarem o Jornalismo Cultural, os alunos dialogam com o Jornalismo Especializado que decorre da segmentação de interesses próprios aos tempos contemporâneos. O Jornalismo Especializado pode ser entendido como a “informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando notícias de caráter específico” (BAHIA, 1990, p. 215).

Além da reportagem, redação e edição jornalística e audiovisual, CineCom tem permitido aos alunos praticarem assessoria de Imprensa, técnica que abrange a redação e o envio de releases – informações do evento – aos meios de comunicação (jornais, revistas, televisão e rádio).

De acordo com o Manual de Assessoria de Comunicação produzido pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), “um trabalho continuado de Assessoria de Imprensa permitirá à empresa criar um vínculo de confiança com os veículos de comunicação e de sedimentar sua imagem de forma positiva na sociedade”. (FENAJ, 2007, p. 6). Como empresa, entende-se o evento, no caso, o CineCom – Cinema e Cultura para Todos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Oferecer à **comunidade** viçosense uma opção artística-cultural de lazer e de informação, bem como propiciar aos **alunos** de Jornalismo do Departamento de Comunicação da UFV a vivência do fazer jornalístico e da produção artística.

Objetivos Específicos

• Propiciar aos envolvidos – alunos e moradores de Viçosa – um contato “não comercial” e de qualidade com a Sétima Arte, através do conhecimento de filmes, diretores, estilos, etc;
• Permitir aos alunos a pesquisa e o estudo do Cinema e seu público;
• Possibilitar a prática de conceitos vistos em sala de aula, relacionados ao jornalismo

especializado, cultural, à produção gráfica e editoração gráfica;

- Proporcionar aos alunos o conhecimento das etapas de produção de um evento cultural;
- Promover a interatividade entre o público espectador e o projeto (sessões e vídeos produzidos).

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

METODOLOGIA

Para que o evento extensionista artístico-cultural seja realizado, um plano de ações tem sido sistematicamente cumprido. Para isso, cerca de 15 pessoas têm se reunido semanalmente para definir os critérios da escolha do filme a ser apresentado, assim como planejar e estruturar todo o evento (processo das previsões do que ocorrerá antes, durante e após a exibição do filme em questão). Além disso, algumas questões burocráticas são muito importantes, como o registro do evento junto à Divisão de Eventos e de Assuntos Culturais. Após todo esse processo, cabe a equipe do *CineCom* a divulgação dos produtos remetentes à sessão (cartazes, panfletos, spots, VTs, entre outros);

Lembramos que os 15 minutos anteriores às exibições cinematográficas são disponibilizados para peças produzidas tanto por alunos do Departamento de Comunicação, quanto para pessoas de fora do curso e externas à UFV. Dessa forma, já aconteceram exibições do Cinejornal "Tomada 1", produzido pelos próprios alunos do curso, além das parcerias já realizadas com o grupo teatral ElosQuentes, o grupo Coletivo 103, os cantores Bruno Moneiro e Carolina Félix, o professor de Kung fu, Robson Carlos Tonello, o Centro Acadêmico de Jornalismo e a escola de idiomas Aliança Francesa.

O *CineCom* não trata somente de produção técnica. O caráter extensionista artístico-cultural deste projeto e o tipo de atividade informal que configura uma exibição cinematográfica ao ar livre e gratuita não excluem sua interdependência com o ensino e a pesquisa. O fazer jornalístico e a prática da produção de eventos acontecem, didaticamente, pelos processos de grupos de estudo, investigação e observação participante. O aprendizado, entretanto, se complementa com a produção científica, através de:

- Revisão bibliográfica dos conceitos que fundamentam este projeto;
- Produção e apresentação de *papers* e artigos científicos;
- Apresentação do projeto em eventos científicos.

Foram relacionados oito trabalhos ao projeto *CineCom* produzidos/submetidos/publicados/apresentados em eventos e periódicos científicos:

- *CineCom – Cinema e Cultura para Todos: A identidade visual de um projeto que une o fabuloso mundo da arte cinematográfica*; *Blog CineCom: O cinema e o audiovisual na blogosfera*; *O Jornal CineCom e a Crítica Cinematográfica*. (vencedor do Expocom Sudeste 2013 na categoria jornalismo de opinião e/ou literário), apresentados junto à Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom);

• *O Jornal CineCom e a crítica cinematográfica*, submetido à avaliação ;
• *Projeto CineCom: Cinema para todos e experiência cinematográfica como ponte entre a cidade e a Universidade*, publicado pela Revista Diálogos em Extensão ELO, UFV– Vol. 02 N.01 – Jul/2013;
• *Entretenimento e práticas profissionais: relato de experiência do Projeto CineCom – Cinema e Cultura para todos,* apresentado na Conferência Internacional de Cinema, Arte, Tecnologia e Comunicação. Portugal, julho de 2013;
• *CineCom: Cinema e Cultura para Todos*, pôster premiado no Simpósio de Integração Acadêmica (SIA) da Universidade Federal de Viçosa em 2013.
• Impacto Social Esperado e Cultural

FORMAÇÃO DE PÚBLICO

Dentro dos produtos feitos pelos integrantes do projeto há os Spots produzidos para passar na Rádio Universitária, com o objetivo de avisar aos ouvintes sobre a sessão mais próxima, a produção de cartazes com arte feita pela equipe de marketing, para serem colados em espaços pela cidade quando uma sessão está próxima de acontecer, a edição e escrita da revista Curta, além da movimentação e periodicidade da página do instagram (https://www.instagram.com/cinecomufv/channel/) e facebook (https://www.facebook.com/cinemacomunica/).

Todos esses produtos têm como intenção a divulgação e a interação com o público do projeto e, portanto, a construção deste. Além de todas essas ferramentas, é feita também uma enquete no Facebook/Instagram para que o público escolha o filme que vai ser passado nas próximas sessões.

PÚBLICO ENVOLVIDO

O projeto visa atender aos moradores da cidade de Viçosa, ávidos por programação cultural, gratuita e de qualidade. Sabe-se que o público cresce ao longo deste tipo de evento. Por abranger um público heterogêneo, formado por crianças, jovens, adultos, homens e mulheres, estima-se atingir ,até o final do projeto, uma média de 300 pessoas por sessão.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO

Viçosa é uma cidade de pequeno porte e, mesmo com a presença de uma Universidade, oferece poucas atrações culturais, sendo ainda mais raras as opções gratuitas, o que dificulta bastante o acesso a esse tipo de atividade. Pensando nesse fato e reconhecendo a importância da cultura para a sociedade, é que a proposta do Cinecom surge. Uma vez que um dos objetivos é justamente fomentar cultura para Viçosa e facilitar o acesso a ela.

Devido ao fato de as sessões acontecerem em espaços públicos, como a Praça das 4 Pilastras, as sessões se tornam mais acessíveis ao público.

Fonte: Créditos da imagem a Marketing/Cinecom.

INSERÇÃO SOCIAL

Este projeto visa a interação tanto entre estudantes quanto entre moradores da cidade Viçosa. Visando, assim, contribuir para a interação desses dois grupos e gerar também a união destes. Além disso, pelo fato de a cultura ser algo fundamental para a vivência em sociedade e crescimento individual, visamos também contribuir para a disseminação desta e assim contribuir com a sociedade.

IMPACTO E REGULARIDADE

Levando em consideração a premissa "ninguém é o mesmo após assistir uma sessão de cinema", a utilização do cinema como forma de auxílio à educação é antiga. Algumas histórias nos contam que os documentários dos irmãos Lumière já eram utilizados em algumas escolas de Paris para fomentar a discussão entre os estudantes.

O *CineCom* utiliza os filmes como forma de expandir conhecimentos, seguindo a ideia de que o cinema é um eficiente meio de comunicação, sendo assim um ótimo difusor e formador de opinião. O cinema entretém, impacta, faz pensar, provoca e até muda atitudes. Através do espaço utilizado para exibição do filme, pode-se utilizar a prática jornalística, trazendo materiais audiovisuais que agreguem conhecimento local da cidade de Viçosa, como acontecimentos marcantes na história da cultura de bairros.

FINANCIAMENTO/INFRA-ESTRUTURA

O *CineCom* vem contando com o apoio estrutural da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), na montagem e na manutenção dos equipamentos (telão, som e Datashow). Além de continuar com a parceria e apoio da Rádio Universitária nas divulgações locais das sessões.

REFERÊNCIAS

ABIAHY, Ana Carolina de Araujo. *O jornalismo especializado na sociedade da informação*. Ensaio (Bacharel em Comunicação Social). Graduação em Comunicação Social habilitação em Jornalismo, João Pessoa, 2000.

ARNT, Héris, HETAL, Ronaldo. *A sociedade na tela do cinema, imagem e comunicação*. Rio de Janeiro: Editora E- Paper, 2002.

ASSUNÇÃO, Rosalina Brites de. *A Inclusão Social em Diálogo com a literatura, o cinema e a pintura*.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de, NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Jornalismo cultural*: o discurso contemporâneo da crítica de cinema. Artigo. Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, 2008.

CARVALHO, Carmen. *Segmentação do Jornal, a História do suplemento como estratégia de mercado*. Artigo. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. (UESB), Vitoria da Conquista, 2007.

FRANÇA, André Ramos. *Das teorias do cinema à analise fílmica*. Dissertação. Mestrado em Comunicação e Cultura contemporânea. Programa em Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia (PGCom-CC, UFB), Salvador, 2002.

FREIRE, Marcelo, LOPEZ, Débora. *O jornalismo cultural além da crítica*: um estudo das reportagens da revista Raiz.

GOMES, Fábio. *Jornalismo Cultural*, Brasileirinho produções, 2009.

KOSELLECK, Reinhart *Futuro passado*: contribuição à semántica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006. 232p.

PENA, Felipe. *O Jornalismo literário como gênenro e conceito.*

FABLAB UFV: CONSTRUINDO PRÁTICAS COLABORATIVAS.

Douglas Lopes de Souza
Andressa Carmo Pena Martinez
Denise Mônaco dos Santos
Elza Luli Miyasaka

INTRODUÇÃO

No contexto de democratização do acesso às ferramentas de projeto e aos meios de produção com tecnologias digitais, e do protagonismo dos laboratórios de prototipagem e fabricação digitais como uma "nova indústria", entra em discussão o panorama da produção seriada em larga escala, porém personalizada, em um entrelaçamento imbricado de campos como os do design, da arquitetura, da construção civil, e das artes, da moda, das práticas do fazer cotidianas, entre outros.

Segundo Vincent, Nardelli e Nardin (2010), a ruptura dos paradigmas modernos da repetição, estandardização, e produção seriada são confrontados com a emergência de novas formas de produção da arquitetura, design e artes. Nesse panorama, destaca-se a influência crescente dos processos de prototipagem e fabricação digitais introduzidos nas escolas de arquitetura, design e engenharias mundo afora, bem como em oficinas e laboratórios como os FabLabs[1], espaços adequados e equipados "com máquinas, ferramentas e todo suporte necessário para a prototipagem e o desenvolvimento de produtos e de ideias" (OLIVEIRA, 2016, p. 26).

Segundo Passaro e Rodhe (2015), enquanto a sociedade se encontra em meio a um ensaio de um futuro próximo, os laboratórios independentes e mais avançados do mundo prototipam possibilidades de aplicação das novas tecnologias de fabricação, experimentando esse futuro na prática. É no meio acadêmico, através do ensino e da pesquisa de novas práticas projetuais e de produção, que se encontra o estímulo para uma futura atualização da indústria e das práticas da construção civil, ainda muito precárias no Brasil (PASSARO; RODHE, 2015).

[1] FabLab é um acrônimo de *Fabrication Laboratory*. Como conceito aparece, pela primeira vez, no Center for Bits and Atoms do Massachusetts Institute of Technology (MIT).

> Hoje, no início do século XXI, vivemos um momento de profundas e aceleradas mudanças na maneira como percebemos e interagimos com e no mundo, que muitos autores, como Klaus Schwab, não hesitam em chamá-lo de Quarta Revolução Industrial. Avanços extraordinários em áreas como comunicação móvel, inteligência artificial, *big data*, computação em nuvem, *blockchain*, nanotecnologia, biotecnologia, reconhecimento facial, robótica ou manufatura aditiva estão fundindo os sistemas físicos, biológicos e digitais de produção. Tal contexto tecnológico desencadeou uma série de conceitos e inovações disruptivas, como os smartphones, as redes sociais, os jogos online, a internet das coisas, os materiais inteligentes, os ambientes interativos, a fabricação personalizada, a impressão 3D, as realidades virtuais e aumentadas, os drones, os carros autônomos ou as cidades inteligentes, que, juntos, estão desenhando um mundo radicalmente novo (SOUSA; HENRIQUES; XAVIER, 2019, p. ii, tradução nossa)[2].

Nesse contexto, por um lado, pode-se situar o papel dos laboratórios de fabricação digital acadêmicos, que introduzem uma cadeia produtiva que envolve processos de projeto CAD-CAE-CAM, ou seja, que relacionam modelagem digital e diversos processos generativos de projeto, aliados à métricas e análises de desempenhos ótimos, aos processos tipo *file-to-factory* de construção de objetos em escala 1:1. E assim, situar o campo mais amplo de possibilidade de desenvolvimento de projetos cada vez mais interdisciplinares, com a incorporação de robótica em procedimentos de prototipagem e fabricação; da microeletrônica aplicada a objetos de uso cotidiano à chamada arquitetura responsiva; a modelagem da informação da construção (BIM), aprimorando a capacidade de planejamento, qualidade e gestão da construção e também de infraestruturas urbanas; o uso generalizado de modelagens de informações, *big data*, e a suas associações aos sistemas de informação geográfica (SIG) em diferentes escalas de intervenções.

E, por outro lado, pode-se situar as práticas colaborativas de projeto e produção, presenciais e remotas, que caracterizam os processos em consonância com a cultura *maker*, com o "faça você mesmo" (DIY – *Do it Yourself*), que pressupõem que qualquer pessoa possa criar, consertar, modificar e produzir objetos a partir de tecnologias convencionais ou inovadoras, de baixo custo (*low tech*) ou não (*high tech*). Ainda que focados em produtos de inovação, ou voltados a manifestações culturais e materiais específicas, os FabLabs constituem espaços abertos, acessíveis a diferentes usuários, que se reúnem em processos colaborativos e não hierarquizados de criação e produção, ou seja, em processos centrados em trocas de saberes e experiências no desenvolvimento de ideias e produtos.

[2] No original: "Today, in the beginning of the 21th century, we are in a moment of profound and accelerated changes in the way we perceive and interact with(in) the world, which many authors, like Klaus Schwab, do not hesitate to call as the Fourth IndustrialRevolution.Extraordinary advancements in areas like mobile communication, artificial intelligence, big data, cloud computing, blockchain, nanotechnology, biotechnology, facial recognition, robotics or additive manufacturing are fusing the physical, biological and digital systems of production. Such technological context has triggered a series of disruptive concepts and innovations, like the smart-phone, social networks, online gaming, internet of things, smart materials, interactive environments, personal fabrication, 3D printing, virtual and augmented realities, drones, self-driving cars or the smart cities, which, all together, are drawing a radically new world."

Foi a partir do entrelaçamento dessas duas perspectivas que o FabLab UFV foi pensado e está se estruturando.

TECNOLOGIAS DE PROTOTIPAGEM E FABRICAÇÃO DIGITAIS

Um FabLab pressupõe a integração de processos digitais de projeto com equipamentos e tecnologias de produção computadorizados. Há tempos o computador não é apenas uma ferramenta de representação de projeto, mas um poderoso instrumento que permeia processos de concepção e produção, em diversos campos do conhecimento. O projetista – designer, arquiteto, engenheiro, é agora criador de relações e de procedimentos para o desenvolvimento do projeto. A incorporação da produção de modelos físicos como parte do processo de projeto para a verificação das soluções adotadas é essencial ao andamento de um processo de projeto porque permite antecipar problemas e minimizar erros. As técnicas de fabricação digital utilizadas em modelos e protótipos antecipam a produção em escala 1:1.

A utilização de modelagem para a produção de "artefatos físicos, desde maquetes em escala e protótipos em tamanho real até peças finais para a construção civil" (CELANI e PUPO, 2008, p. 31), tem se tornado cada vez mais acessível. Em grande parte, esse fenômeno se acelerou com a popularização das máquinas fresadoras CNC[3], que são capazes de seguir comandos numéricos computacionais e reproduzir modelos concebidos digitalmente. Usos crescentes da prototipagem e fabricação digitais são introduzidos cada vez mais em contextos distintos.

Mitchell e Mccullough (1995) descrevem que na fabricação digital as máquinas são controladas numericamente e podem ser programadas a partir dos computadores que têm como tarefa principal converter modelos geométricos em sequências de instruções. Hoje, chama-se *file-to-factory*, ou fabricação digital, os processos que vão do projeto à execução, nos quais são necessárias "traduções" de informações de projeto, de várias naturezas, para dados que serão expressos para as máquinas de produção.

Kolarevic (2001) descreve as estratégias de fabricação digital, segundo: (1) fabricação 2D, geralmente com cortadoras CNC, que trabalham com o contorno, triangulação ou polígono, e reproduzem superfícies deformáveis ou desdobramentos. Envolvem a criação de componentes planos para a criação de estruturas ou superfícies. (2) Sistema por subtração, que se refere à remoção de material de uma superfície sólida. As CNC

[3] *Computer Numerically Controlled machine* ou máquinas controladas digitalmente por computador são equipamentos onde "um sistema de eixos que se move guiado por um software computacional, depositando/retirando material ou promovendo cortes e/ou dobras no material existente, sem a necessidade de um molde específico" (CURI, 2014, p. 32).

fresadoras são um tipo de equipamento com uma fresa que esculpe o material a partir do comando de um computador. (3) O sistema aditivo, que inversamente ao anterior, sobrepõe em camadas o material para a formação do objeto, como as impressoras 3D. E, por fim, (4) o sistema formativo, que executa o material através de aplicação de forças, calor ou vapor para sua remodelação ou deformação, podendo ser de movimento axial ou superfície.

De forma análoga, para Celani e Pupo (2008), os métodos de produção se dividem em três grupos, no que se refere a finalidade, número de dimensões e sistemas de produção. Quanto à finalidade, enquadram-se a prototipagem rápida e fabricação digital. Como os próprios nomes indicam, o primeiro tem o objetivo de produzir modelos experimentais (protótipos) de forma rápida, de modo que diversas alternativas e soluções possam ser analisadas. Já a fabricação digital tem como objetivo a confecção de elementos construtivos que serão empregados na escala 1:1, diretamente na execução do produto ou obra.

No que diz respeito ao número de dimensões, esses sistemas se enquadram em três categorias: duas dimensões (2D), duas dimensões e meia (2.5D) e três dimensões (3D). Máquinas que trabalham em 2D são cortadoras que utilizam materiais finos como papel ou lâminas de madeira. Máquinas 2.5D são capazes de trabalhar, além de contornos planos, relevos não muito complexos, enquanto as que trabalham em 3D são capazes de executar impressões de elementos tridimensionais complexos. São exemplos práticos, respectivamente, a cortadora a *laser*, a fresadora CNC de um eixo e a impressora 3D.

No que se refere aos sistemas de produção, essas ferramentas podem utilizar três diferentes métodos: subtrativo, formativo e aditivo. No sistema subtrativo, a máquina parte de um bloco sólido e o modela através de fresas que se movimentam por diferentes eixos, até que se alcance o formato desejado. O sistema formativo é baseado em moldes que se adaptam às diferentes formas, cuja fôrma para confecção é constituída por pinos que se ajustam automaticamente de acordo com o modelo digital. Após um ajuste, o molde é introduzido no forno, tomando a forma da base de pinos (CELANI e PUPO, 2008). Já o sistema aditivo consiste no depósito em camadas de algum material. Esse tipo de sistema é vastamente utilizado em impressoras 3D.

Já Pauletti e Ceccon (2018) apresentam os desenvolvimentos mais recentes da chamada manufatura aditiva, destacando como essa tecnologia está envolta a uma mudança potencial de paradigmas de como a arquitetura pode ser pensada e desenvolvida. Trazem as principais linhas de desenvolvimento e oportunidades de diferentes técnicas categorizadas segundo: a extrusão de materiais fundidos e líquidos, a "colagem" de materiais granulares e a fotopolimerização de materiais líquidos. Associadas a elas, discutem a aplicabilidade prática na indústria da AEC (Arquitetura, Engenharia e

Construção) exemplificando diferentes maneiras de produção e escalas de usos, sejam os monólitos produzidos diretamente, ou por meio indireto através de moldes, ou ainda, em escalas reduzidas, a produção modular e/ou de componentes.

A CULTURA *MAKER*, O APRENDER FAZENDO EM GRUPO PARA A TRANSFORMAÇÃO

No contexto dos movimentos contemporâneos ligados à chamada *Cultura Maker*, que têm como prerrogativas o "aprender fazendo" e as relações informais de aprendizado, se situam os FabLabs, oficinas que oferecem equipamentos de fabricação digital e ferramentas de livre acesso para uso de pessoas com interesses e necessidades diversos. A ideia é que esses espaços de utilização aberta de produção possam reunir pessoas com formações e perfis distintos, sejam pesquisadores, alunos e professores de escolas e universidades, trabalhadores autônomos, funcionários de pequenas empresas, entre outros. O propósito é que pessoas das mais diferentes áreas de atuação que têm, em comum, envolvimentos com práticas ou produção que utilizem ferramentas controladas por computador, possam trabalhar num mesmo espaço, compartilhando, ao mesmo tempo, equipamentos e conhecimentos.

As oficinas, ou laboratórios, conhecidos como FabLab, Espaço Maker ou ainda Espaço Hacker são locais com ferramentas, materiais, máquinas de fabricação eletrônica de nível industrial e amador, controladas por computador, para a produção de diferentes tipos de objetos, tais como fresadoras, cortadoras a laser, equipamentos eletrônicos para programação e microcontroladores de baixo custo e alta velocidade, computadores com programas para a criação de objetos e placas de circuitos *open-source*[4]. A proposta é criar produtos através do uso de controle digital e materializar qualquer tipo de objeto (GERSHENFELD, 2012 *apud* OLIVEIRA, 2016).

Um dos primeiros laboratórios a trabalhar com máquinas digitais no processo de ensino foi o Centre of Bits and Atoms do Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde o professor Neil Gershenfeld tinha o objetivo de explorar como o design digital poderia situar-se entre as ciências da computação e as ciências físicas, "transformando dados em coisas e coisas em dados" (GERSHENFELD, 2012). A ideia do FabLab surgiu quando Gershenfeld ofereceu sua disciplina *How to Make (Almost) Anything*[5] em 1998, que foi frequentada por alunos de diferentes áreas, como artistas, arquitetos, engenheiros e designers. Ele ensinava manipular máquinas de fabricação digital utilizadas nas indústrias e, com esse conhecimento os alunos tinham a oportunidade de criar, fazer diversos objetos ou protótipos (NABONI; PAOLETTI, 2015).

[4] Tecnologias de código aberto.
[5] Como fazer (quase) qualquer coisa (tradução nossa).

Assim, estabelece-se a ideia de um ambiente que propicie o aprendizado, desafiando formas tradicionais de ensino. Os laboratórios são ambientes pedagógicos, incrementando processos de aprendizagem convencionais, e são, ao mesmo tempo, considerados espaços para criar, inventar, e mesmo, entreter-se. As pessoas aprendem fazendo, interagindo entre si, compartilhando conhecimento. O conceito é o do livre aprendizado através do contato entre pessoas com diversas formações, culturas, interagindo com e através de equipamentos e *software*[6].

Inicialmente idealizado como um espaço de pesquisa e criação voltado à prática, formado por aprendizes, educadores, técnicos, pesquisadores e criadores, e disponibilizado à comunidade, expande-se para ser replicado, a partir da organização de redes distribuídas nos mais diferentes territórios. Pensado como estruturas autossustentáveis, hoje difundidas pelo mundo, os FabLabs têm a intenção de promover a formação de pessoas através de uma rede colaborativa de interessados conectados, com a capacidade de disseminar informações e inovação. Os FabLabs são os principais suportes e difusores da ideia de comunidade *maker*, um movimento cultural centrado no favorecimento de criação de "novos fazedores digitais" (PINTO, 2018).

Pode-se dizer que a atuação dos FabLabs como sistemas de aprendizado vai de encontro aos conceitos preconizados por John Dewey (1859 - 1952), filósofo norte-americano que tinha como base de seu pensamento a democracia e a liberdade. Os princípios de educação preconizados por Dewey estão centrados na prática, ou seja, em uma concepção de que as ideias só têm importância desde que sirvam de instrumento para a resolução de problemas concretos. Para ele, as tarefas associadas aos conteúdos de ensino com atividades manuais e de criação incentivam o pensamento, a experimentação, a decisão e o raciocínio. Por outro lado, atribui também importância fundamental à cooperação, às experiências compartilhadas e resolvidas em um grupo. Dewey acreditava que a experimentação de uma situação problema da realidade é capaz de operar o conhecimento para agir e criar hipóteses. A reflexão e a ação compartilhadas em um grupo, a possibilidade de testar hipóteses e resultados consensuais concretiza novos conhecimentos.

De forma democrática, Dewey tentava reproduzir a sociedade em um ambiente de ensino-aprendizagem, e assim, acreditava que sujeitos instruídos modificam o ambiente ao seu redor (DEWEY, 1959). Seus alunos se organizavam em pequenos grupos para solução de problemas, procurando por eles mesmos as respostas (ARENDS, 1995). Nesse sentido, a transformação social partiria de uma convivência democrática, que tem como base a educação vista como ambiente de reprodução da sociedade, em situações igualmente reproduzidas, mas que se multiplicam na vida cotidiana.

[6] Ver FabLab Foundation. Disponível em: http://www.fabfoundation.org/index.html.

FABLABS: OS PRINCÍPIOS E A REDE

De acordo com o *The Maker Movement Manifesto* de Mark Hatch, publicado em 2014, os FabLabs são organizados sobre quatro pilares: (1) acesso público, (2) equipamentos e ferramentas compartilhados, (3) participação na rede de FabLabs global e (4) cooperação entre participantes. O mesmo manifesto apresenta nove princípios que devem sustentar os FabLabs, que podem ser traduzidos das noções dessas ações: fazer, compartilhar, presentear, aprender, usar equipamentos, divertir-se, participar, apoiar e mudar. Os FabLabs são, portanto, ambientes que incentivam um espírito de cooperação e colaboração entre os usuários (GERSHENFELD, 2012 *apud* OLIVEIRA, 2016).

> 1. Fazer é uma atividade fundamental para o ser humano, criar e expressar sua produção, no sentido de geração, de demonstração de um produto.
> 2. Compartilhar – o que se produz e os conhecimentos adquiridos no processo de fazer.
> 3. Dar, Presentear – propicia satisfação, pelo ato de doar algo que é produto próprio.
> 4. Aprender – o processo de fazer implica em aprender antes, buscar aprendizado constante garante uma vida mais recompensadora e dá a oportunidade para outro compartilhar
> 5. Utilizar as Ferramentas – instrumentos corretos para o projeto idealizado, estão acessíveis de forma livre
> 6. Brincar – a atividade lúdica associada ao fazer deixa o processo mais interessante e instigante,
> 7. Compartilhar o Movimento Maker divulgando para sua comunidade, organize seminários, festas, eventos, feiras, exposições, *workshops*, etc.
> 8. Apoiar – esse é um movimento que requer envolvimento intelectual, político, financeiro, institucional e pessoal, e com ele, pode-se modificar o local em que atua.
> 9. Mudar – aceitar as modificações quando se trabalha com o fazer, uma vez que esse processo pode ajudar no autorreconhecimento e apropriação da identidade. (HATCH, 2014, tradução nossa)

Atualmente, existem cerca de 1.750 FabLabs em mais de 100 países (Figura 1), implantados com iniciativas próprias, que difundem a ideia de comunidade *maker*. Esses espaços constituem uma rede global de inovação e compartilhamento, de ensino, pesquisa e práticas conjuntas, que visam democratizar o acesso às tecnologias digitais associadas a uma nova cadeia produtiva e estabelecem, portanto, um importante estímulo à empreendedores locais, simultaneamente conectados em escala global.

No Brasil, existem mais de 120 laboratórios cadastrados na rede de FabLabs, que são associados a Universidades, ou vinculados a entidades como Sesi, Senai e iniciativas privadas. O assunto começou a ser discutido no país em 2000, pelo grupo de pesquisa da UnB, Laboratório de Estudos Computacionais em Projeto. Atualmente, diversas universidades nacionais fundaram seus próprios laboratórios, entre os pioneiros

destacam-se o LAPAC Laboratório de Automação e Prototipagem para Arquitetura e Construção da Unicamp, o LAMO3D (FAU/UFRJ), a Rede PRONTO 3D (FAU/UFSC), Nomads. usp (IAU-USP), entre outros.
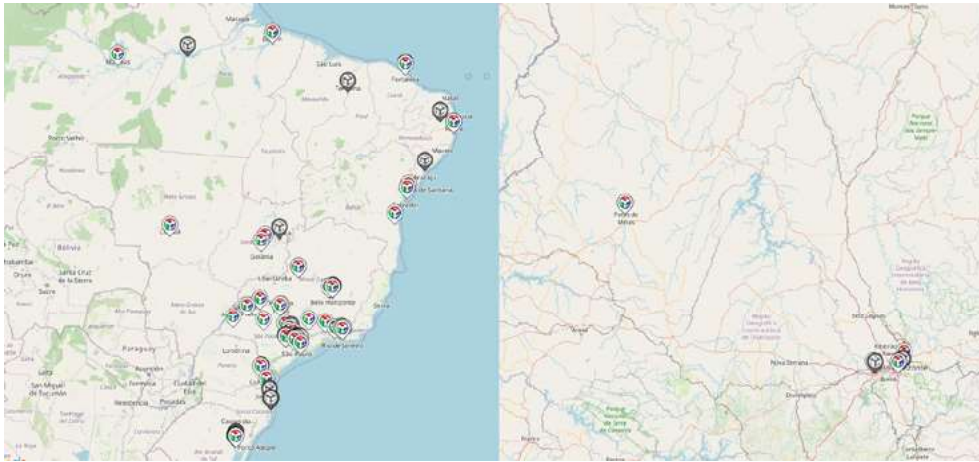
Figura 1: Localização dos Fablabs no Brasil e no Estado de Minas Gerais.
Fonte: https://www.fablabs.io/labs. Acesso em: 22 out 2020.

Segundo Passaro e Rhode (2015), a sociedade independente vem ganhando expressão, beneficiando-se da crescente disponibilidade de *software* e *hardware* livres, ou seja, as tecnologias de fonte aberta. Pode-se dizer que uso massivo da Internet ampliou não só o compartilhamento de dados mas também o trabalho e as práticas colaborativas, enquanto a quantidade de informações disponíveis na rede só aumenta. O conhecimento está cada vez mais acessível através de projetos abertos, disponíveis gratuitamente. Se a tirania da informação e do dinheiro são atribuídas por Milton Santos (2000) como os pilares da desigualdade social da globalização atual, é a tecnologia *open source* que vem democratizar o acesso à informação e às ferramentas para a construção de uma nova globalização (PASSARO, RODHE, 2015).

OS FABLABS E A INDÚSTRIA 4.0

As tecnologias de prototipagem e fabricação digitais oferecem possibilidades sem precedentes ao campo da AEC, e embora esteja em ascensão nos últimos anos, sua utilização ainda é pouco explorada, em comparação com outros setores industriais. Nesse panorama, os laboratórios de fabricação digital constituem espaços introdutórios a uma nova cadeia produtiva, e assim, trazem perspectivas que envolvem a democratização do acesso aos meios de produção através das tecnologias digitais. Indicam as possibilidades da “nova indústria” que já vem sendo implementada por meio da chamada 4a. Revolução Industrial, envolta na discussão de um novo paradigma da produção seriada em larga

escala, porém personalizada, nos campos do design de produtos e da indústria da AEC, e de tantos outros.

Nesse sentido, a consolidação de laboratórios de prototipagem e fabricação digital, e o consequente acesso às máquinas antes presentes exclusivamente na indústria, substitui os antigos moldes estandardizados e inflexíveis, fomentando uma nova cadeia produtiva em escala local. Dessa forma, a ideia de se oferecer bens e serviços personalizados, com preço de produto, custo de produção e tempo de entrega competitivos, tornou-se uma alternativa palpável para o surgimento de pequenos empreendedores locais.

No processo de informatização do mercado e incentivo da democratização do conhecimento estão as propostas da Indústria 4.0. O primeiro movimento de automatização foi a Internet das Coisas *(Internet of Things)* em 1999, por Kevin Ashton, que previa uma rede conectada, interagindo de forma inteligente. O segundo movimento partiu da *National Science Foundation* em 2008 com Hellen Gill, que vislumbrava um sistema monitorado e controlado por um núcleo computacional. E o terceiro de 2011, divulgado pelo governo alemão, incentivou a interação entre uma rede de fábricas inteligentes, a Indústria 4.0.

A Indústria 4.0 descreve um projeto de sistemas inteligentes e autônomos de fábricas e máquinas robóticas, com uso da nanotecnologia e produção aditiva, conectados em rede e com o consumidor. Os processos de produção são descentralizados nos locais de consumo, com dispositivos para avaliar problemas de desempenho, disseminando o conhecimento, e não somente o produto (LEE; KAO; YANG, 2014; LASI et al., 2014; LARIZZA, 2016; TRENTESAUX; BORANGIU; THOMAS, 2016; SOMMER, 2015; SHAFIQA et al., 2015; WANG et al., 2015).

> A Indústria 4.0 tem como alvos principais:
> 1. Produzir de forma customizada, atendendo cada vez mais às necessidades de personalização dos objetos de acordo com a demanda;
> 2. Adaptar a manufatura de forma flexível, para atender à cadeia de produção;
> 3. Reconhecer de forma inteligente informações a respeito de objetos e máquinas em rede;
> 4. Apropriação da interação com as máquinas contemporâneas como robôs e máquinas autônomas e;
> 5. Adequação dos serviços oferecidos que contribuam na cadeia de valor.
> (SHAFIQA et al., 2015, tradução nossa)

Dessa forma, os FabLabs conectados compõem uma rede que possibilita encaminhar um arquivo para ser confeccionado em outras cidades ou países, com equipamentos de alta tecnologia, ao mesmo tempo em que a troca de experiências entre os vários atores possibilita o intercâmbio de conhecimento e adição de possibilidades de trabalhos e informação. Nesse sentido, esses espaços para livre utilização são considerados um avanço não apenas para os processos de ensino-aprendizagem, de colaboração entre os usuários e laboratórios, mas também em outros aspectos como a utilização de

equipamentos de alta tecnologia para a fabricação digital, tais como sensores, *scanners*, máquinas de corte, desbaste, programas de modelagem e programação, dentre outros, que correspondem aos recursos e iniciativas para a reorganização da cadeia produtiva proposta pela Indústria 4.0.

FABLAB UFV: AÇÕES E PERSPECTIVAS

> Todos podem desfrutar de uma vida de lazer luxuoso se a riqueza produzida pela máquina for compartilhada, ou a maioria das pessoas pode acabar miseravelmente pobre se os proprietários das máquinas fizerem *lobby* intenso contra a redistribuição da riqueza. Até agora, a tendência parece ser em direção à segunda opção, com a tecnologia gerando uma desigualdade cada vez maior (HAWKING, 2015, tradução nossa)[7].

Essa fala desoladora na verdade pode ser uma previsão. Se a riqueza produzida pelas máquinas não for compartilhada, ou seja, se for mantida a concentração da tecnologia por grupos ou por centros de desenvolvimento ao redor do mundo, teríamos a ampliação da desigualdade social. Atualmente os laboratórios abertos de prototipagem digital se concentram em regiões metropolitanas com fácil acesso a insumos, pessoas e maquinários. No entanto, a ideia do faça-você-mesmo, segundo esta visão, também favorece a emancipação de pequenos grupos em grandes centros, como as iniciativas emergentes de movimentos periféricos (Gambiarra Favela Tech – RJ, Favela FabLab, FabLab Livre – SP, entre outros).

Com esse mesmo propósito, em 2014, o grupo de pesquisas Nó – Núcleo de Investigação em Meios Digitais, Arquitetura e Cidade[8], que coordena o Nó.Lab – Laboratório de Modelagem Digital do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFV (DAU-UFV), propôs a criação do FabLab UFV como parte das ações de fomento à Cultura Digital no programa Mais Cultura nas Universidades[9]. O projeto contemplado permitiu a

---

[7] No original: "Everyone can enjoy a life of luxurious leisure if the machine-produced wealth is shared, or most people can end up miserably poor if the machine-owners successfully lobby against wealth redistribution. So far, the trend seems to be toward the second option, with technology driving ever-increasing inequality".

[8] São coordenadores do grupo os professores Andressa Carmo Pena Martinez, Denise Mônaco dos Santos, Douglas Lopes de Souza e Elza Luli Miyasaka. Fazem parte do grupo também os pesquisadores Megg Francisca Sousa e Arthur Dornellas Oliveira, assim como as doutorandas Débora Mela, Laila Oliveira Santana e Kelly Diniz de Souza; os mestrandos Alexander Lopes de Aquino Brasil, Ana Carolina Santos Vicente, Anderson José de Castro Agostinho, Elisa Bomtempo Matos, Marcela Peixoto Santos, Marina Pires Iasbik e Renato Ferreira de Sá; e os alunos de graduação Andre Bonatto de Oliveira, Bruna Vasconcelos Pengo, Igor Ambrosio Faria, Karina Araujo Cota, Maria Eduarda de Lima e Lima, Mariane Aparecida Faria Cal, Ulisses Hubner Alvim, Wallace Roberto Silva Dornelas e Wesley Souza Freita. Fizeram parte do grupo: André Teixeira da Costa, Caio Castriotto Magalhães, Filipe Quaresma Poyares de Oliveira, Hernani Alves Furfuro de Souza, Maria Eugênia Rodrigues Murta, Marianna Auxiliadora Dias Martins, Mario Andres Bonilla Vallejo, Nayara Elisa Silva de Paula, Paôla de Moraes Brinati, Paula Iunes Salles Esteves, Pedro Carmo e Souza e Renan Victor de Souza Nunes.

[9] O edital MAIS CULTURA NAS UNIVERSIDADES foi lançado pelo Governo Federal em 2015 com o objetivo de fomentar ações culturais no âmbito das universidades brasileiras. A Universidade Federal de Viçosa (UFV) ficou em 4o lugar na captação de recursos em todo o país.

captação de recursos para diversas atividades culturais, dentre as quais, a criação de um espaço público, um laboratório de cultura digital voltado para a criação, prototipagem e fabricação de ideias e modelos. A partir de então foram adquiridas uma máquina de corte a laser, duas impressoras 3D, uma máquina de formagem térmica, microcontroladores da plataforma aberta Arduino™, *software*, computador, ferramentas, materiais de consumo e uma máquina fresadora CNC. Esta última, em escala industrial, eleva o potencial do FabLab UFV à fabricação digital, ou seja, a possibilidade de construção de peças, estruturas, abrigos e objetos na escala 1:1.

Situado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Viçosa, o FabLab UFV permite a democratização do acesso aos meios de produção e inovação, integrando a comunidade acadêmica e agentes locais em processos colaborativos de inovação científica, tecnológica e cultural. A sua proposta como espaço de ensino e pesquisa, e a sua relação transformadora e direta entre a Universidade e a Sociedade, justificam o seu caráter como espaço extensionista.

O sistema de organização-gestão de um FabLab é caracterizado pela distribuição de agendas e horários para usuários, bem como a permanência de um técnico que contribui para o controle e manutenção do local, atento às atividades e segurança na manipulação dos equipamentos pelos usuários. Coordenado por professores-pesquisadores do DAU/UFV, o FabLab UFV tem como plano de ação ampliar as interfaces práticas entre ensino, pesquisa e extensão. O que está sendo apresentado aqui é uma reflexão sobre essa implementação, discutindo, primeiro, princípios e propósitos que norteiam espaços dessa natureza, e como garantir que sejam efetivados no contexto universitário em consonância com os interesses da comunidade. Situam-se dentre os principais valores, em amplo sentido, a interdisciplinaridade, a colaboração e a coletividade.

O suporte dos FabLabs é feito pelo Fab Academy, que supervisiona, treina, sugere caminhos para processos de fabricação digital. A colaboração do conhecimento e a participação da comunidade faz com que a engrenagem funcione a partir do interesse dos usuários. O esforço concentrado nestes locais tem o intuito de disseminar o desenvolvimento local-regional.

> Como todos os FabLabs compartilham ferramentas e processos comuns, uma rede global está sendo construída, um laboratório distribuído para pesquisa e invenção. Uma liga global para um propósito local (FABLAB.IO, 2019, tradução nossa)[10].

Um exemplo de atividade voltada para a comunidade é o *Arduino Day* que acontece no mundo inteiro, com o objetivo de criar objetos programados com as placas de

[10] No original: "Because all Fab Labs share common tools and processes, the program is building a global network, a distributed laboratory for research and invention."

Arduino™[11]. Esse exercício propicia a elaboração de um componente, para o aprendizado de programação de placas eletrônicas e manipulação dos equipamentos na construção do objeto. Em 2018, como uma das ações do FabLab UFV, estudantes e pesquisadores de Graduação e Pós-Graduação dos Departamentos de Arquitetura e Urbanismo e Departamento de Informática da UFV[12], reuniram-se para a participação no evento global[13].

O exercício de colaboração envolveu o desenvolvimento de um protótipo de pavilhão cinético, que utilizou no processo a configuração da placa Arduino™ e motores de passo para o desenvolvimento da mecânica do objeto, bem como a confecção dos componentes em madeira cortada à laser, em um processo de criação experimental que uniu estratégias de pequena e alta tecnologias (*low* e *high tech*).

A partir dessa experiência, verifica-se a possibilidade de utilização de métodos emergentes de apropriação do aprendizado, que rompem com o modelo tradicional da academia e possibilita o crescimento mútuo através da práxis e da troca de conhecimentos das diferentes disciplinas envolvidas.

Fonte: Créditos das imagens cedidas pelos autores.

[11] O Arduino é uma plataforma de prototipagem eletrônica *open-source* que se baseia em *hardware* e *software* flexíveis e fáceis de usar. O microcontrolador na placa é programado com a linguagem de programação Arduino, baseada na linguagem Wiring, e o ambiente de desenvolvimento Arduino, baseado no ambiente Processing. Fonte: https://medium.com/nossa-coletividad. Acesso em: 16 mar. 2019.

[12] A ação foi organizada pelo professor Ricardo dos Santos Ferreira, do Departamento de Informática e os professores Andressa C. Pena Martinez e Douglas Lopes de Souza, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo

[13] O cadastro no FabLab.io para fazer parte dessa rede de colaboração é feito pelo *site*, que cadastra, dá suporte, divulga e ajuda na definição de atividades. Ver: Site oficial do FabLab.io Disponível em: https://www.fablabs.io. Acesso em: 27 fev. 2019.

Fonte: Créditos das imagens cedidas pelos autores.

Por fim, pretende-se refletir, sob a ótica de horizontes futuros, os limites e potencialidades dos impactos do Fab.Lab UFV, em uma perspectiva de fortalecimento cultural e tecnológico, de estímulo e incentivo à colaboração e trocas de conhecimento mais horizontais na própria Academia, bem como na relação universidade/comunidade. Também são objetos de reflexão os desafios e abrangências das práticas e ações que envolvem a implementação e o funcionamento de um FabLab, a partir do que já foi feito na UFV e do que ainda está por vir no contexto em questão: gestão e manutenção dos equipamentos ao longo do tempo, atualização do maquinário e, principalmente, a consolidação de uma cultura de compartilhamento de um laboratório multiusuário – um espaço aberto, caracterizado por práticas colaborativas e interdisciplinares, com relações horizontais e métodos *bottom-up*, alinhados à cultura *maker* e aos valores do "aprender fazendo".

REFERÊNCIAS

ARENDS, R. *Aprender a ensinar.* Lisboa: McGraw-Hill, 1995.

CELANI, G.; PUPO, R. T. Prototipagem rápida e fabricação digital para arquitetura e construção: definições e estado da arte no Brasil. In: *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo***,** v. 8 (1), 2008. p. 31-41.

CURI, C. B. *Diretrizes de ferramenta computacional para a customização em massa na habitação brasileira.* 2014. 148f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

DEWEY, J. *Democracia e educação*: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1959.

PASSARO, A.; ROHDE, C. Casa Revista: arquitetura de fonte aberta. In: XIX Congresso da Sociedade Ibero-americana de Gráfica Digital 2015, *Blucher Design Proceedings*, v. 2, 2015. p. 70-76. Doi: http://dx.doi.org/10.1016/despro-sigradi2015-30043.

GERSHENFELD, N. How to make almost anything. The digital fabrication revolution. In: *Foreign affairs*, v.91, n.6, november/december 2012. Disponível em: http://www. foreignaffairs.com/ articles/138154/neil-gershenfeld/how-to-make-almost-anything.

HATCH, M. Rules for innovation in the new world of crafters, hackers, and tinkerers. *The Maker Movement Manifesto*. New York: McGraw Hill Education, 2014.

HAWKING, S. Science AMA. Series: Stephen Hawking. *AMA Answers!* 2015. Disponível em: https://www.reddit.com/r/science/comments/3nyn5i/science_ama_series_stephen_hawking_ama_answers/cvsdmkv/?context=3. Acesso em: 24 mar. 2020.

KOLAREVIC, B. Digital Fabrication: Manufacturing Architecture in the Information Age. In: *ACADIA Proceedings*, Proceedings of the XXI Annual Conference of the Association for Computer-Aided Design in Architecture, 2001.

LARIZZA, A. La Rinascita della Fabrica: Nell'era della Manifattura Digitalizzata...In: *La Fabrica Digitale*: Come Funziona L'Industria 4.0 e che cosa Possiamo Fare. Milano: Nòva Edu - Lezione di Futuro - 07, Il suo 24 ore, 2016.

LASI, H. L.; KEMPER, H.-G.; FETTKE, P.; FELD, T.; HOFFMAN, M. Industry 4.0. *Business & Information Systems Engineering*, v. 6, n. 4, 2014. p. 239-242.

LEE, J.; KAO, H. A.; YANG, S. Service innovation and smart analytics for Industry 4.0 and big data environment. *Procedia CIRP*, v. 16, 2014. p. 3-8.
MITCHELL, W. J.; MCCULLOUGH, M. *Digital Design Media.* New York: Van Nostrand Reinhold, 1995.

NABONI, R.; PAOLETTI, I. *Advanced Customization in Architectural Design and Construction*. Milano: Politecnico di Milano – Springer, 2015.

OLIVEIRA, D. J. de L. *O uso da prototipagem e fabricação digital no ambiente Fab Lab*. 2016. 109f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PAOLETTI, I.; CECCON, L. The Evolution of 3D Printing in AEC: From Experimental to Consolidated Techniques. In: CVETKOVIĆ, D. (Ed.). *3D Printing*. IntechOpen, 2018. Doi: 10.5772/intechopen.79668.

PINTO, S. L. U. O movimento *maker*: enfoque nos FabLabs brasileiros, *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, v. 3, n. 1, 2018. p. 38-56

SHAFIQA, S. I.; SANINA, C.; SZCZERBICKIB, E.; TOROC, C. Virtual Engineering Object/virtual Engineering Process: A specialized form of Cyber Physical System for Industrie 4.0. *Procedia Computer Science*, v. 60, n. 1, 2015. p. 1146-1155.

SOMMER, L. Industrial revolution – industry 4.0: Are German manufacturing SMEs the First Victims of this revolution? *Journal of Industrial Engineering and Management*, v. 8, n. 5, 2015. p. 1512-1532.

SOUSA J. P.; HENRIQUES; G. C.; XAVIER, J. P. Preface. In: XXXVII Education and Research in Computer Aided Architectural Design in Europe and XXIII Iberoamerican Society of Digital Graphics, Joint Conference (n.1), *Blucher Design Proceedings*, v. 7, 2019, p. i-iii. Doi: http://dx.doi.org/10.1016/proceedings-000.

TRENTESAUX, D.; BORANGIU, T.; THOMAS, A. Emerging ICT concepts for smart, safe and sustainable industrial systems. *Computers in Industry*, v. 6, n. 4, 2016. p. 1-10.

VINCENT, C. C.; NARDELLI E. S.; NARDIN, L. R. Parametrics in Mass Customization. In: XIV Congresso Da Sociedade Iberoamericana De Gráfica DigitaL, SIGRADI 2010, Bogotá. *Anais...* Bogotá, Colombia: Universidad de Los Andes, 2010. p. 236-239.

WANG, S.; WAN, J.; ZHANG, D.; LI, D.; ZHANG, C. Towards smart factory for Industry 4.0: A self-organized multi-agent system with big data based feedback and coordination. *Computer Networks*, v. 101, 2015. p. 158-168.

(MUITO) MAIS CULTURA NA UFV CAMPUS FLORESTAL: O DESAFIO DE CONSOLIDAÇÃO E INCENTIVO ÀS PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS.

Thiago Mendonça[1]
Wanderson Ferreira de Souza[2]

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta um panorama dos aspectos culturais no contexto do Campus Florestal da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e, mais detalhadamente, a experiência adquirida pela instituição com o Projeto Coral UFV Florestal, iniciado em 2018. Desde a sua criação, no organograma institucional do Campus inclui uma Diretoria Geral e outras cinco instâncias, relacionadas e subordinadas a esta primeira: Diretoria Administrativa (DIA), Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC), Diretoria de Ensino (DIE), Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPQ) e Diretoria de Extensão e Cultura (DXT).

Instalado na região Metropolitana de Belo Horizonte, a UFV Campus Florestal constitui-se ao longo dos anos como uma das referências locais na área agrária, em parte pela origem da instituição, muito antes de se tornar Campus Universitário, ligado à formação de mão de obra para o campo.

Nesse sentido, além de cursos na área de Ciências Agrárias, como os cursos técnicos em Agropecuária e Alimentos, outros cursos foram sendo criados ao longo do tempo, como os cursos técnicos em Eletrônica, Eletrotécnica, Hospedagem e Informática, oferecidos concomitante ou após o Ensino Médio. A partir de 2006, foram criados os cursos de graduação em Administração, Agronomia, Ciência da Computação, Engenharia de Alimentos, Tecnologia em Gestão Ambiental e as Licenciaturas em Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Matemática e Química.

---

[1] Coordenador do Projeto de Extensão "Coral UFV Florestal" e Professor do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, na área de Ensino de Ciências e Biologia, Campus UFV Florestal.
[2] Diretor de Extensão e Cultura e Professor do Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas, na área de Elétrica, Campus UFV Florestal.

Esse aporte de novos cursos trouxe consigo um grande número de estudantes das mais diferentes cidades e regiões do estado de Minas Gerais e outros, como São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, dentre outros. A chegada de novos professores impulsionou o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, levando à criação de diversos projetos nas mais diferentes áreas do conhecimento e, ainda, à criação de cursos de Pós-Graduação na área de Administração, Meio Ambiente, Matemática e Química.

No âmbito da extensão, a DXT gerencia todos os projetos desenvolvidos pela comunidade acadêmica, estimulando: a produção e a socialização do conhecimento e de tecnologias por meio de atividades que promovam a difusão do conhecimento e o intercâmbio com as comunidades circunvizinhas; o estudo e o assessoramento de políticas públicas que estimulem a geração de renda, viabilizando uma relação que supere a dicotomia entre a universidade pública e a sociedade, sempre em consonância com o Plano Nacional de Extensão Universitária. Exemplos dessas iniciativas incluem o oferecimento de cursos voltados à produção animal e vegetal, além da produção rural. Apenas para se ter uma ideia, somente em 2018 foram ministrados 105 cursos de formação profissional e promoção social a partir do convênio estabelecido entre a Funarbe[3] e o FAEMG/Senar Minas[4].

Cabe citar, ainda, que a parceria com o Senar Minas ainda aparece na promoção da Semana do Produtor Rural, evento tradicional do Campus que em 2019 chegou à sua 50ª edição. Ofertando cursos e oficinas desde artesanato até inseminação artificial em bovinos, de cultivo de bonsai a embutidos e defumados, o evento ainda conta com apresentações culturais no período noturno, com shows e atrações para todas as idades, o que reforça o compromisso da UFV Campus Florestal com a valorização da cultura local e sua disseminação junto à população de Florestal e região.

Ainda no campo cultural, as **ações** da DXT visam aprimorar a política cultural, esportiva e de lazer do Campus, ampliando o apoio e a realização de atividades culturais oferecidas, por meio de oficinas, cursos, projetos e apresentações musicais, entre outras. Assim, toda e qualquer iniciativa cultural cujos proponentes solicitem apoio à DXT têm sido atendidas, o que inclui eventos acadêmicos a manifestações de grupos de alunos, em ocasiões específicas do ano.

Em 2011 , o Projeto Mais Cultura chegou ao Campus Florestal e trouxe consigo a melhoria na infraestrutura de diversos espaços, como, por exemplo, a instalação de equipamentos de som no anfiteatro do prédio dos Laboratórios de Ensino II, inaugurado em abril de 2019. Outros equipamentos, como caixas e mesas de som, microfones e instrumentos musicais, foram essenciais para a realização de diversas manifestações

---

[3] Fundação Arthur Bernardes.
[4] Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – Administração Regional de Minas Gerais.

culturais em espaços como o Palco Aberto do CTA[5], o qual se tornou ponto de encontro entre os estudantes dos ensinos médio, técnico, superior e mesmo de pós-graduação.

Este novo **território**, construído há cerca de dois anos, é formado por um palco de madeira com cerca de 12 metros quadrados, com fonte de energia elétrica e iluminação, de modo que a qualquer momento do dia os estudantes possam realizar atividades das mais diversas naturezas. Uma das que mais atrai os jovens é o chamado Intervalo Cultural, cuja paternidade é compartilhada entre o DCE[6], o PET Educação[7], a DAC, a DXT e outros coletivos do Campus, como o Grupo Nós de Diversidade e o NEAB Florestal[8]. Esses eventos ocorrem periodicamente às quintas-feiras, com programação cultural própria, toda pensada e organizada pelos estudantes das entidades mencionadas. A administração do Campus fornece os equipamentos, a segurança do local, que é isolado para evitar a passagem de veículos automotores, barracas de metal que são utilizadas para a realização da chamada Feirinha Universitária, na qual membros da comunidade acadêmica podem expor e comercializar produtos alimentícios e artesanais.

Um Intervalo Cultural pode ser mencionado como exemplo da relevância artístico-cultural dessa atividade: o realizado no contexto da II Semana da Diversidade – Aprender com o passado e celebrar o futuro, que promoveu discussões sobre temáticas relacionadas aos LGBTQ+, em maio de 2019. No referido dia, o Palco Aberto recebeu decoração temática e atrações artísticas a partir das 11 horas. Na parte da tarde, o PET Educação realizou o CINEPET, com a exibição e discussão mediada por convidada de um filme relacionado à temática do evento.

O **impacto** inicial gerado a partir da realização de cada uma dessas ações é sempre o engajamento e a participação de mais pessoas nas suas próximas edições, tanto na concepção e organização quanto como público. Muitos moradores de Florestal, que outrora apenas utilizavam as áreas do Campus para a realização de atividades físicas ou mesmo para participar dos projetos de ensino, pesquisa e extensão realizados pelos diversos cursos, passaram a frequentar e ocupar também esses novos espaços culturais, que estão permanentemente em processo de consolidação.

Um feliz momento se deu, ainda no contexto do Palco Aberto, com a apresentação da Orquestra Jovem *Vallourec* no contexto do Projeto Música nas Escolas, em novembro passado. Centenas de estudantes, servidores da UFV, além de muitas pessoas da comunidade acumularam-se sob as árvores para ouvir música clássica em uma quinta-feira à tarde.

---

[5] Mais conhecido por sua sigla, o CTA (Centro de Treinamento Agrícola) abriga a Diretoria de Assuntos Comunitários, à qual estão ligados os serviços de Bolsa, alimentação, alojamento estudantil, dentre outros setores.
[6] Diretório Central dos Estudantes.
[7] Programa de Educação Tutorial – Educação, voltado aos estudantes dos cursos de Licenciatura da UFV Campus Florestal: Ciências Biológicas, Educação Física, Física, Matemática e Química.
[8] Núcleo de Estudos Afro-brasileiros de Florestal.

Outras ações que podem ser destacadas incluem a realização da Semana da Consciência Negra, que ano após ano vem trazendo discussões pertinentes à diversidade étnico-racial para o Campus e, ainda, o Cedart, evento que congrega os estudantes da Cedaf em prol de apresentações artístico-culturais. Ambos os eventos contam com apoio institucional do início ao fim.

Entre os **princípios** que norteiam o trabalho da DXT estão a inclusão e a abrangência de todas as iniciativas culturais que forem possíveis de serem realizadas. Nesse sentido, muitas das ações misturam-se no campo cultural, de ensino, pesquisa e extensão, uma vez que o apoio solicitado intersecciona muitas das vezes mais de uma dessas esferas e, quase sempre, várias áreas do conhecimento, o que confere o grau **interdisciplinar** às ações realizadas. Todas elas, divulgadas pela equipe de jornalistas e estagiários do Serviço de Comunicação Institucional, que realizam a cobertura e divulgam para a comunidade as atividades realizadas por todo o Campus.

Um bom exemplo é o projeto que iniciou seus trabalhos em 2018, contando com o apoio do Projeto Mais Cultura e da DXT, intitulado Coral UFV Florestal, contou e continua contando com a participação de todas as classes, a citar estudantes, professores e técnico-administrativos, além de muitas pessoas sem vínculo formal com a universidade. Por ser o projeto e iniciativa com maior expressão cultural no Campus, destacamos abaixo o processo de construção, todo coletivo, pelo qual passou.

O CORAL UFV FLORESTAL

A música está presente na cultura ocidental desde os tempos mais remotos, constituindo forma de expressão e meio integrador entre diferentes povos, tribos e concepções de mundo.

É nesse sentido que a música ganha espaço quando as pessoas se reúnem para esse ou aquele fim. Uma viagem entre amigos ou uma excursão com a escola, uma missa ou show de rock, todos esses momentos são marcados, de alguma maneira, por algum tipo de manifestação musical da qual todos participam e cantam, coletivamente. Nos processos educativos e na produção cultural, externalizar é fundamental, o que mostra que as trocas, especialmente afetivas e de conhecimento, acabam revelando que o coral não é um grupo fechado, mas que educa e se permite educar.

O Projeto de Extensão que hoje recebe o nome de Coral UFV Florestal teve sua origem no início do ano de 2018, nascido da vontade de encontrar no Campus Florestal o que outras tantas unidades universitárias vivenciam em termos de Canto Coral e Cultura Musical. Ao buscar orientações sobre como dar início a um projeto dessa magnitude, a ideia encontrou eco na DXT, e com o apoio da servidora Glaucia Porto e do Diretor Wanderson

Souza, contatamos a musicista e fonoaudióloga Ana Bonfá, que já havia demonstrado interesse em estabelecer uma parceria com a UFV no campo da cultura. Ana possui uma Casa de Cultura em Florestal e trabalha com canto Coral e música há muitos anos.

Após uma conversa inicial em que explicamos que não teríamos recursos financeiros para manter o projeto, apenas equipamentos de som, espaço físico para os ensaios e apresentações, apoio da gestão do Campus e muita boa vontade, decidimos iniciá-lo assim mesmo. A proposta foi estruturada e o projeto registrado no RAEX[9] sob o número PRJ-099/2018, de modo que as inscrições pudessem ser feitas por qualquer pessoa com no mínimo quinze anos de idade, fosse estudante ou servidor da UFV ou morador da cidade ou da região, visando o atendimento do maior número de pessoas e configurando, de fato, uma ação extensionista.

A Assessoria de Comunicação do Campus, ligada à DXT, providenciou a confecção de um cartaz (Figura 1) e preparou uma nota divulgando o projeto e o início das inscrições. Mais de quarenta pessoas se inscreveram e cada nova voz interessada passou a fazer um teste vocal, para que pudesse compor um dos quatro naipes do Coral: as mulheres organizam-se em sopranos e contraltos e os homens em tenores e baixos, o que em outras palavras representa as vozes mais agudas e mais graves, respectivamente.

Durante o ano de 2018, os ensaios foram realizados duas vezes por semana, entre 16h30 e 18h, de modo a atender aos trabalhadores e aos estudantes do diurno e noturno. O Espaço Cultural Rui Saraiva, que pertence à UFV e fica estrategicamente situado entre o Centro da cidade e o Campus foi o espaço escolhido para a realização dos ensaios.
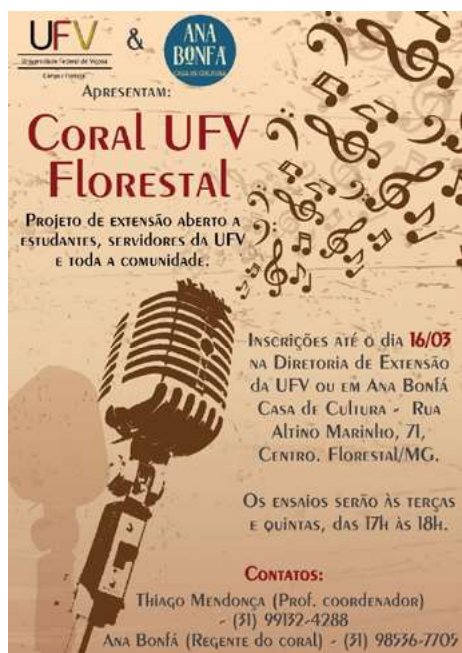
Figura 1: Primeiro cartaz de divulgação das inscrições para o Projeto de Extensão Coral UFV Florestal.

[9] Registro de Atividades de Extensão.

Durante os ensaios, cada participante recebia uma cópia de cada uma das músicas a serem ensaiadas, de modo que a organização das músicas em sequência e os estudos individuais, os quais os coralistas realizavam em casa ou nos momentos em que podiam era complementado por áudios gravados pela maestrina e enviados via grupo de mensagens em rede social. Esse apoio foi essencial para a aquisição de repertório e desenvolvimento da técnica vocal em cada participante. A autoestima de muitos aumentava a cada apresentação, que sempre contava com a presença de amigos e familiares, prestigiando e registrando os momentos.

Após algum tempo de ensaio, a coordenação do Coral buscou espaços para que se apresentasse, divulgando as ações do projeto e buscando atingir ainda mais o caráter extensionista. Para tanto, a primeira apresentação pública foi realizada na Igreja Matriz de Florestal, após a missa do Dia das Mães. Cerca de 35 coralistas apresentaram músicas de estilos e ritmos variados, recebendo muitos aplausos e elogios dos presentes. No início do mês de agosto, quando da cerimônia de Formatura dos estudantes de graduação do primeiro semestre do ano, o Coral emocionou formandos e familiares ao cantar a música “Mudaram as estações”, de Renato Russo.

Iniciando o segundo semestre de 2018, o repertório do Coral passa a ser preenchido por músicas natalinas, visto que a previsão inicial era encerrar as atividades do ano com uma Cantata de Natal. Mesmo com muitos contratempos, conseguimos realizar o evento “Cantando o Natal” (Figura 2) no dia cinco de dezembro, no próprio espaço dos ensaios, contanto com total apoio da DXT e Diretoria Geral da UFV Campus Florestal. O Espaço Cultural Rui Saraiva se transformou para receber no palco uma banda, dançarinos e bailarinos, um coral infantil e o próprio Coral, em uma linda festa de encerramento das atividades. Essa mesma apresentação foi reapresentada no *Partage Shopping* Betim, na terceira semana de dezembro (Figura 3).

O Coral também fez outras apresentações, como no evento “Prosa com Cappuccino”, no bairro Boa Vista, em Juatuba, também em dezembro.

Em 2019 o Coral recomeçou suas atividades em março, agora contando com uma bolsista, que realiza atividades de apoio ao projeto. A bolsista Nicole Chaves, que é estudante do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental e canta no Coral, iniciou os trabalhos em abril e vai até novembro deste ano, quando se encerra a vigência do Edital Procultura. Um dos desafios mais pungentes para este ano é o de encontrar patrocínio externo à UFV. Para tanto, os planos passam pela submissão de uma proposta à Lei de Incentivo à Cultura da Secretaria Especial da Cultura do Governo Federal, de modo a captar recursos com empresas e cidadãos interessados em patrocinar o Coral em prol de benefícios fiscais.

Figura 2: Cartaz da Cantata de Natal, Florestal, 2018.

Figura 3: Integrantes do Coral UFV Florestal, do coral e balé infantil no *Partage Shopping* Betim, em dezembro de 2018.

Nesse meio tempo, o Coral participou de dois momentos bastante importante para o Campus: a homenagem aos servidores aposentados entre 2018 e 2019 e a inauguração do Prédio de Laboratórios de Ensino (LEN), este último contando com a presença da administração superior da universidade.

Entre os objetivos do projeto, sempre estiveram previstas a integração das comunidades do município com a comunidade acadêmica e a ampliação da oferta de atividades culturais para o público da cidade e da região, tendo como pano de fundo o Canto Coral. Além disso, podemos citar que buscamos sempre a formação de público, ou seja, o desenvolvimento de estética e sensibilidade musical, tanto nos coralistas quanto no público espectador, muitos dos quais tiveram com o Coral UFV Florestal o seu primeiro contato com essa modalidade cultural e, ainda, a primeira oportunidade de ser protagonista em algo tido, muitas vezes, como inacessível a muitos.

Essa integração supracitada foi e continua sendo alcançada a cada ação desenvolvida pelo Coral. Os coralistas têm um imenso carinho pelo projeto e mostraram-se muito preocupados com a possibilidade de o projeto encerrar suas atividades ao final do primeiro ano. Embora tivéssemos um certo clima de insegurança, sempre trabalhamos para que tudo continuasse em 2019.

Outro aspecto interessante de ser mencionado é o quanto o processo de adesão ao projeto foi se intensificando ao longo de sua existência. Explicamos isso evidenciando que tivemos desistências ao longo do tempo, o que é natural em qualquer iniciativa dessa natureza, mas tivemos também muita comunhão entre os coralistas que permaneceram. Isso era evidente desde a ida para os ensaios, quando muitos ofereciam e tomavam carona com os colegas, nos estudos individuais que ocorriam, muitas vezes, em pequenos grupos, fortalecendo assim laços de amizade e fraternidade. Além disso, a Cantata de Natal é um bom exemplo de como os participantes do Coral o abraçaram de peito aberto: muitos dedicaram-se à organização e decoração do espaço, além da obtenção de patrocínio, por exemplo. Teve ainda um coralista que preparou um lanche para quem iria se apresentar, partindo das doações recebidas pelo grupo do patrocínio e assim por diante. Houve mesmo muita mão na massa, doação e compartilhamento de histórias e aprendizagens, não apenas musicais, mas de valores humanos e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do título deste texto, é possível destacar que a UFV Campus Florestal vem buscando ao longo dos anos incentivar a realização de toda sorte de atividades artístico-culturais, entre as quais se encontram os Intervalos Culturais e o Coral universitário, entre outras tantas ações, menores e maiores em tamanho e repercussão.

Os desafios são imensos, e a consolidação do Campus como polo cultural de Florestal e região só virá com a continuidade do trabalho da DXT e da Administração do Campus e Superior da UFV, de modo que os benefícios trazidos pelo Projeto Mais Cultura e outras iniciativas serão percebidas por muitos e muitos anos.

Florestal, o os servidores da UFV, os estudantes dos variados níveis de ensino têm sede de cultura e é para isso que vimos e continuaremos trabalhando: Vida longa e próspera à Cultura local e regional na UFV Campus Florestal!

MEMÓRIAS E IDENTIDADES DA UFV: AÇÃO CULTURAL DE SEUS MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIA.

Cristine Carole Muggler[1]

INTRODUÇÃO

Os museus e os centros de ciência são espaços fascinantes onde se descobre e se aprende, onde se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade e do pertencimento (Pinto, 2012). Museus são espaços de memória e de identidade que instigam o imaginário humano, por meio dos objetos e suas narrativas (Chagas, 2006). Da mesma forma, os centros de ciência, enquanto espaços dedicados à cultura do conhecimento científico e de sua construção (Friedman, 2010; Valente, 2005). Esses espaços nos transportam para outros tempos e ambientes, desvelando e produzindo saberes, que nos auxiliam a analisar a nossa própria realidade e a realidade de outros sujeitos (Marandino, 2009). São lugares em que imagens, ideias e sensações despertadas por exposições revelam memórias e identidades que fundam valores e referências essenciais para o ser humano, tanto individual como coletivamente (Oliveira, 2013; Chagas, 2012). No universo da cultura, os museus e os espaços de ciência assumem funções diversas e múltiplas. Ali, a mediação cultural da vida social pode recuperar a dimensão humana que se esvai no cotidiano, em uma sociedade desigual e excludente.

Nestes espaços, as ações culturais possibilitam interação social, exploração ativa e ricas experiências afetivas, culturais e cognitivas (Beetlestone, 1998) entre diferentes sujeitos. O agente, visitante ou espectador, não é passivo em sua relação com a instituição e, portanto, deve ser acolhido como sujeito participante, onde a ação educativa e comunicativa vai se dar pela parceria e negociação entre o público e a ação cultural ali realizada, em um ambiente de interação (Gouvêa et al., 2003). Esta relação se faz necessária na medida em que cada agente, visitante ou espectador, aprende e apreende de maneira diferente, e interpreta a informação através de um olhar diferenciado que se

[1] Professora Titular aposentada, Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef, Departamento de Solos, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. cmuggler@ufv.br

define por suas vivências cotidianas e experiências anteriores. Cada um tem um contexto pessoal que lhe é único.

No ambiente universitário, os museus e os espaços de ciência podem contribuir de forma consistente e engajada com a construção de uma ação cultural universitária, que oportuniza a realização do papel social da universidade, promovendo a inclusão e a qualidade de vida. Em cidades de porte médio e localizadas no interior, como é o caso de Viçosa, essa ação cultural é ainda mais relevante. Nesse sentido, a Universidade Federal de Viçosa (UFV) tem muito a contribuir, uma vez que é referência cultural, para além da educação e da ciência, na cidade e na região, carentes em espaços e ações culturais. Essa contribuição, entretanto, não se realiza plenamente, pela própria dificuldade do campo acadêmico de realizar a articulação entre educação e cultura. Historicamente, essa ação é relegada a segundo plano, decorrente de uma incompreensão da ação educativa como prática cultural e vice-versa. Buscando a superação dessas limitações, um dos grandes avanços, que se deu a partir de 2003, foi a integração do Plano Nacional de Cultura ao de Educação, onde as dimensões da cultura como expressão simbólica, como direito à cidadania e desenvolvimento econômico são parte integrante e integradora das ações de educação. A cultura, assumida como eixo construtor de nossa identidade é, junto com a educação, o espaço de realização da cidadania e da superação da exclusão social e da desigualdade.

Em busca de atenuar e superar o descolamento entre educação superior e cultura, uma ação conjunta do Ministério da Educação e do então Ministério da Cultura criou o Programa Mais Cultura nas Universidades, lançado em 2013. O programa buscou proporcionar meios para a realização de projetos e ações culturais de valorização, reconhecimento, promoção e preservação da diversidade cultural nas universidades, inclusive equipando e reestruturando espaços e ambientes de ensino e pesquisa já existentes, voltados para o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais. O Programa preconizava que estas ações deveriam ser consubstanciadas em Planos de Cultura, que articulam e promovem a interface entre educação, arte e cultura, garantindo a sua continuidade e permanência.

A UFV, com o seu imponente espaço, concreto e simbólico, é por si só um equipamento cultural, potente e diverso, na cidade. Esse aspecto já é favorável a uma ação cultural produzida na interação entre as comunidades locais e acadêmica. A interação com a comunidade possibilita a socialização mais efetiva dos espaços da UFV pela ampliação da sua utilização pela comunidade e na efetivação do diálogo universidade-sociedade. Nesse contexto, elaboramos o Projeto “ArtCulAção: Arte, Cultura e Ação na UFV”, no âmbito do Programa Mais Cultura nas Universidades. O projeto, concebido na perspectiva de um Plano de Cultura para a UFV, teve como objetivo promover de forma ampla a interculturalidade na universidade, assumindo que a educação vai se realizar no encontro

entre o novo conhecimento e aquele que o sujeito traz de suas vivências e experiências, enfim, de sua cultura.

Entre outros aspectos, o Plano de Cultura da UFV contempla a democratização do patrimônio universitário dos seus museus e espaços de ciência em Viçosa e na região, na forma de um circuito permanente de visitação e fruição desses espaços. No Plano de Cultura, o eixo Memória, Museus e Patrimônio Artístico-Cultural tratou de consolidar a estrutura física e de atendimento dos museus e espaços de ciência da UFV e de fortalecer a sua articulação no âmbito da Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV. O projeto se espelhou nas metas dos Planos Nacional de Educação (MEC, 2014) e de Cultura (MinC, 2010), onde a meta do aumento do número de pessoas que frequentam espaços culturais como museus, teatros, cinemas e outros espetáculos, busca incentivar a transformação da cultura em um direito de todos os cidadãos.

Este texto apresenta os museus e espaços de ciência da UFV, a história de sua Secretaria e os resultados de sua ação coletiva, ao mesmo tempo em que analisa a sua ação cultural e aspectos da memória e das identidades da UFV.

CONTEXTO LOCAL

Viçosa é uma cidade universitária com 80 mil habitantes e população flutuante em torno de 15 mil pessoas, constituída principalmente por estudantes da UFV. A UFV é reconhecida nacional e internacionalmente pela excelência de sua qualidade acadêmica e seu papel na produção e na socialização do conhecimento. E, como tal, tem considerável responsabilidade social, em especial no que se refere à comunidade na qual está inserida, na promoção da inclusão e na elevação da qualidade de vida da população. Esta contribuição tem se dado através de múltiplas e diversificadas interações da Universidade com a cidade, a qual cresceu muito a partir de 2003, em ações de extensão universitária ampliadas e renovadas, frutos de políticas públicas comprometidas com a democratização do conhecimento e com a inclusão social e combate à desigualdade.

São várias as atividades e os espaços da UFV que contribuem para essas interações, entre eles, os seus museus e espaços de ciência, importantes equipamentos culturais e científicos, que inexistem na cidade. A visitação em espaços da UFV já faz parte do cotidiano da população, com destaque para as visitas aos museus e aos espaços de ciências. Eles são abertos à visitação pública e promovem a ação cultural através da popularização e valorização da memória, da ciência, da educação, da cultura e da história institucional. São espaços que apresentam grande potencial como aparato sociocultural e científico, acessíveis e democráticos.

O Campus Viçosa da UFV, conta atualmente com 12 museus, espaços de ciência e áreas

protegidas, abertos à visitação pública. São espaços de ciência e cultura, que possuem acervo amplo e diversificado, exposições permanentes, itinerantes e temporárias, áreas de caminhadas e atividades ao ar livre e que realizam oficinas, minicursos e eventos culturais e de popularização da ciência. São espaços de descoberta e fruição, que ampliam e enriquecem as opções de lazer cultural da cidade e contribuem para uma maior qualidade de vida de indivíduos e comunidades.

OS MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIA DA UFV

Os museus e espaços de ciência da UFV são espaços abertos ao público, que apresentam exposições, promovem a arte e a história, divulgam a ciência e a sua produção na universidade, salvaguardando os seus acervos e áreas protegidas. No ano de 2020, a UFV contava com 12 espaços. O mais antigo é o Herbário VIC fundado em 1930 e o mais recente é o Museu da Comunicação, criado em 2013.

Entre as ações e projetos dos espaços, destacam-se aqueles voltados às escolas de educação básica, as oficinas temáticas, as exposições itinerantes e a formação profissional e cidadã de suas equipes. Ali, também são realizados cursos de capacitação de professores, oficinas temáticas para públicos diversos e projetos junto a escolas da educação básica.

Museu Histórico da UFV

O Museu Histórico da UFV (MSU) aborda as origens, o pioneirismo e a memória da construção da UFV desde a sua fundação como Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), em 1926. O museu foi inaugurado em agosto de 1986, durante as festividades do 60º aniversário de fundação da UFV. O MSU é vinculado à Divisão de Assuntos Culturais (DAC) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), e, desde 2013, está localizado na antiga casa de hóspedes da Universidade (Figura 1), construída em 1926, com função de residência do então Vice-Diretor João Carlos Bello Lisboa.

O MSU tem como missão reunir, preservar e difundir a memória institucional, apresentando diferentes perspectivas voltadas à disseminação de suas ações no âmbito da educação, servindo como apoio das atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFV. Seu espaço oferece uma exposição permanente composta por acervos cujas tipologias caracterizam a trajetória e a evolução da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) até a atual Universidade Federal de Viçosa: equipamentos agrícolas, equipamentos técnicos científicos, mobiliários, objetos domésticos e objetos religiosos, entre outros.

Pinacoteca da UFV

A Pinacoteca foi criada em fevereiro de 1973 como espaço para a realização de exposições e para o incentivo à fruição e à expressão artística. Ela é vinculada à Divisão de Assuntos Culturais (DAC) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PEC), e está sediada, desde 2013, na antiga casa de hóspedes da Universidade, junto ao Museu Histórico (Figura 1).

O seu acervo possui mais de 500 obras de diversos estilos de arte contemporânea brasileira, e é resultado de doações espontâneas de artistas, colecionadores e galeristas e de obras recebidas e distribuídas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

A Pinacoteca da UFV (PIN) recebe exposições de artistas de todo o Brasil. A ocupação da Pinacoteca da UFV é realizada por meio de chamada pública por edital anual de seleção de exposições, de modo a democratizar o uso do espaço e incentivar a produção artística diversificada.

Figura 1: Fachada do Museu Histórico e Pinacoteca da UFV
(Fotos: Arquivo MSU).

Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef

O Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef (MCTAD) é um espaço de descobertas e de aprendizagem sobre o que existe e acontece em nosso planeta. O museu é vinculado ao Departamento de Solos (DPS) da UFV, e está sediado na casa 31 da Vila Giannetti, antiga vila de professores no campus da UFV (Figura 2a). Ele foi aberto em 1993, com o objetivo de conservar e divulgar a coleção de rochas e minerais iniciada pelo professor Alexis Dorofeef, em 1935.

O MCTAD é organizado em torno de três eixos conceituais: O Sistema Terra: dinâmica e processos; Recursos minerais: uso econômico e impactos ambientais; e Solos: conhecer para conservar. O espaço conta com uma exposição de longa duração, sala multimídia, sala de acervo, área de reserva técnica e área de preparação e pintura com tintas à base de solos e de montagem de instalações artístico-pedagógicas. E, também, com um espaço

interativo, denominado Espaço Proibido não Tocar, que promove a abordagem integrada e vivencial de solos com os visitantes.

O museu realiza exposições temporárias e itinerantes, que podem ser solicitadas por instituições e municípios da região. A ação educativa do museu é realizada através do Programa de Educação em Solos e Meio Ambiente (PES) e do Movimento Conhecer e Gostar de Solos.

Figura 2: (a) Fachada do Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef com Museu de Zoologia João Moojen ao fundo

(Foto: Cristine Muggler).

(b) Sala da exposição permanente do Museu de Zoologia João Moojen

(Foto: Arquivo MZUFV).

Museu de Zoologia João Moojen

O Museu de Zoologia da Universidade Federal de Viçosa (MZUFV) foi iniciado em 1933, a partir de uma coleção de animais da fauna brasileira do professor João Moojen, cujo trabalho foi continuado pelo professor José Cândido de Melo Carvalho até 1946. Em 1993, com a ampliação de seu acervo e de sua visitação, o MZUFV foi instalado na casa 32 da Vila Giannetti (Figura 2a), quando recebeu a denominação de Museu de Zoologia João Moojen.

O MZUFV está vinculado ao Departamento de Biologia Animal da UFV, e atua em diferentes temas de pesquisas voltadas para as áreas de Zoologia e Meio Ambiente, como diagnósticos faunísticos em áreas naturais, planos de manejo e programas de avaliação e conservação de espécies ameaçadas, além de estudos acadêmicos de taxonomia, evolução, anatomia comparada e história natural de animais silvestres.

As coleções do MZUFV somam mais de vinte mil exemplares, entre peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos e fósseis e constituem um dos mais significativos acervos zoológicos de Minas Gerais e o mais representativo da Zona da Mata Mineira, tornando-se uma referência obrigatória para estudos de fauna no sudeste do Brasil.

A exposição permanente do Museu é composta por animais taxidermizados (Figura

2b) e peças zoológicas da fauna brasileira, em especial do estado de Minas Gerais. O espaço também conta com salas de reserva técnica, laboratórios, salas de aula, gabinetes de trabalho e um serpentário.

Museu da Comunicação

O Museu da Comunicação (MCM) é um espaço de memória, experimentação e contemporaneidade dedicado ao Jornalismo e à Comunicação. Ele foi criado em 2013, e é vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFV. Está situado na casa 39 da Vila Giannetti (Figura 3a).

O MCM incorpora tecnologias e concepções museológicas para abordar a temporalidade da comunicação humana, ao mesmo tempo em que resgata e valoriza o passado das práticas comunicativas da UFV e de Viçosa. Além de acervo histórico, físico e digital, o museu dispõe de computadores, vídeos produzidos por estudantes do Curso de Comunicação Social, uma ilha de edição e câmeras filmadoras.

O espaço conta com exposições de longa duração, onde se destacam o Espaço do Impresso, que reúne equipamentos da história da escrita jornalística, a Sala de Imagem, onde são encontrados equipamentos como televisores, máquinas fotográficas e a Sala do Som, que reúne gravadores, rádios, toca-fitas, coleções de CDs e vinis. O espaço também dispõe de um auditório onde são realizadas sessões de filmes.

Figura 3: (a) Fachada do Museu da Comunicação
(Foto: Arquivo MCM).
(b) Aspecto da exposição do Parque Interativo de Botânica
(Foto: Arquivo Semec).

Parque Interativo de Botânica

O Parque Interativo de Botânica (PIB), situado na casa 54 da Vila Giannetti (Figura 3b), foi aberto em 2015, e é vinculado à Unidade de Pesquisa e Conservação de *Bromeliaceae* (UPCB), do Departamento de Biologia Vegetal da UFV. A UPCB é um centro de estudos

e pesquisa científica para a conservação de bromélias (família *Bromeliaceae*) e dos ecossistemas onde vivem.O PIB ocupa uma área de cerca de 1.200 m², no qual há uma coleção de bromélias, uma área interativa com modelos vegetais gigantes, um túnel do tempo, ilustrativo dos primórdios da evolução da Terra e de seus vegetais, e um extenso jardim temático. No jardim temático estão representados seis ecossistemas brasileiros e suas bromélias: Caatinga, Campos de Altitude, Campos Rupestres, Cerrado, Mata Atlântica e Restinga. O jardim é composto por trilhas, onde o visitante pode vivenciar e conhecer um pouco da riqueza e da diversidade dos ecossistemas brasileiros.

Horto Botânico

O Horto Botânico (Figura 4a), vinculado ao Departamento de Biologia Vegetal da UFV, foi criado em 1938, com fins didáticos e de conservação da biodiversidade local aliada ao paisagismo. O espaço ocupa uma área de 9.556 m² no campus da UFV, junto à Vila Giannetti.

O espaço reúne uma coleção de plantas vivas, composta de espécies remanescentes da flora local e espécies oriundas de outras localidades da Mata Atlântica, de outros biomas e até mesmo de outros países (plantas exóticas).

O local conta com duas casas de vegetação, um orquidário e vários canteiros, onde são cultivadas as plantas. É uma área com elevada diversidade botânica, que oferece a oportunidade de abordar temas relacionados à biodiversidade, à interação da flora e fauna e ao uso das plantas, além de possibilitar o desfrute do ambiente.

Figura 4: (a) Aspecto do Horto Botânico com espelho d'água

(Foto: Arquivo Semec).

(b) Aspecto do acervo e instalações do Herbário VIC

(Foto: Arquivo Herbário VIC).

Herbário VIC

O Herbário da UFV (VIC) foi fundado na década de 1930, com o objetivo de abrigar o acervo botânico proveniente de coletas de plantas da região de Viçosa, em Minas

Gerais. Foi fundado com a colaboração da botânica méxico-americana Ynes Mexia. Ele é vinculado ao Departamento de Biologia Vegetal e está situado ao lado do Horto Botânico, no Campus da UFV (Figura 4b).

Atualmente, o acervo do Herbário VIC conta com 54.000 espécimes de fungos e plantas, provenientes de diversos ecossistemas do estado, e representa o terceiro maior acervo de Minas Gerais. Está registrado junto à Rede Brasileira de Herbários e junto ao *Index Herbariorum*.

O Herbário VIC oferece apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão, através da identificação de espécimes vegetais e da documentação de material botânico empregado em pesquisas; como fonte de informações sobre a ocorrência e distribuição geográfica das espécies e fonte de material e documentação de pesquisas realizadas em diversas áreas, além de visitas didáticas e científicas.

Sala Mendeleev

Criada em 2010, a Sala Mendeleev é um espaço de ciência da química, vinculado ao Departamento de Química da UFV. Está situada no Prédio das Licenciaturas, no Campus da UFV (Figura 5).

O espaço abriga uma Tabela Periódica dos Elementos com três metros de comprimento e dois metros de altura, compondo uma exposição permanente de substâncias elementares e compostos representativos de todos os elementos químicos estáveis, incluindo produtos e as suas aplicações práticas no cotidiano, além de outras curiosidades.

O espaço também apresenta a história do químico russo Dmitri Mendeleev, além de sala de manuseio e realização de experimentos químicos.

Figura 5: Tabela periódica dos elementos da Sala Mendeleev

(Foto: Cristine Muggler).

Casa Arthur Bernardes

A Casa Arthur Bernardes (CAB) é um museu casa (Figura 6), sediado no imóvel que pertenceu ao Ex-presidente da República Arthur da Silva Bernardes (1922-1926), responsável pela criação da UFV, localizada na praça central da cidade. A casa foi construída entre 1922 e 1926, em estilo eclético[2], estilo bastante comum nas construções mineiras até a década de 1930. Ela foi tombada pelo estado em 1989 (Decreto Estadual nº 29.399, de 21/04/1989), e a casa foi aberta ao público, como museu, em agosto de 1996, nas comemorações dos 70 anos da UFV.

Figura 6: Fachada da Casa Arthur Bernardes
(Foto: Arquivo CAB).

A exposição permanente é composta por objetos do acervo adquirido pela UFV e por doações feitas pela comunidade e por familiares do ex-presidente. O acervo inclui fotos da carreira política e da vida pessoal do ex-presidente viçosense, objetos pessoais, condecorações e mobiliário original que compunham a casa em Viçosa e a residência presidencial no Rio de Janeiro à época do mandato.

As visitas percorrem a casa e a vida de Arthur Bernardes. O espaço também é utilizado para a realização de eventos, tais como palestras, feiras literárias e mostras, como agente disseminador da cultura, arte e história de Viçosa.

---

[2] Estilo que retrata uma fase de transição da arquitetura, cujo período remete à metade do século XIX e que se prolonga até os primeiros anos do século seguinte. Tem como características principais a simetria dos espaços, a valorização da grandiosidade, a presença de colunas e outras peças ornamentais, o prestígio do luxo e de riqueza decorativa entre outros. Disponível em: https://laart.art.br/blog/arquitetura-ecletica/

Mata da Biologia

A Mata da Biologia é um fragmento de Mata Atlântica, com cerca de 75 hectares, localizada no campus da UFV, também conhecida como Recanto das Cigarras (Figura 7a). Nos séculos XVIII e XIX, a área foi usada para o cultivo de café e cana-de-açúcar. Com a criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) em 1926, o cultivo foi abandonado, e desde então a área se encontra em processo de regeneração natural, em estado intermediário de sucessão.

A Mata da Biologia é um espaço de promoção da percepção ambiental, que busca despertar nos visitantes o interesse pela temática socioambiental. A área possui trilhas nas quais podem ser desenvolvidas atividades interpretativas com diferentes temas e abordagens, desde ecologia e biologia animal e vegetal a vivências ambientais. A visita ao espaço é guiada pelo Grupo de Educação e Interpretação Ambiental Trilheiros do Sauá, um grupo de estudantes e professores da Biologia, que realizam as atividades na área. O grupo faz parcerias com escolas e grupos que queiram desenvolver projetos e atividades de campo em temas relacionados à Mata.

Mata do Paraíso

A Estação de Pesquisa, Treinamento e Educação Ambiental (EPTEA) Mata do Paraíso é um dos maiores fragmentos florestais remanescentes da região de Viçosa, com cerca de 200 hectares de Mata Atlântica em estado médio e avançado de regeneração. A Mata do Paraíso é vinculada ao Departamento de Engenharia Florestal da UFV, e está situada no km 7 da Rodovia MG-280, na localidade de Paraíso, em Viçosa (Figura 7b).

A área abriga espécies de fauna e flora ameaçadas de extinção, além de proteger as nascentes do Córrego Santa Catarina, afluente do Ribeirão São Bartolomeu, fonte de grande parte da água utilizada no abastecimento da cidade de Viçosa.

O espaço dispõe de trilhas interpretativas (Trilha da Gameleira, Trilha Caminho das Águas, Trilha dos Gigantes e Trilha do Aceiro) e de um Centro de Educação Ambiental, sendo utilizada também para a realização de aulas práticas e pesquisas científicas. As visitas ao espaço são mediadas pelo GEIA-MATA (Grupo de Educação e Interpretação Ambiental da Mata do Paraíso), formado por estudantes da UFV, que desenvolve ações de educação e interpretação ambiental.

Figura 7: (a) Rua de acesso à Mata da Biologia (Foto: Arquivo Semec). (b) Área recreativa da Mata do Paraíso
(Foto: Arquivo GEIA-MATA).

OS MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIA EM BUSCA DE SEU LUGAR NA UFV

A percepção da importância dos museus como equipamento cultural e científico passível de contribuir para a qualidade de vida da comunidade em que se insere, nos provocou a buscar a ação conjunta e integrada desses espaços na UFV, desde 1999. Passaporte cultural e visitas em conjunto nas Semanas do Fazendeiro, tradicional evento de extensão da UFV, que se realiza desde 1929, foram as primeiras iniciativas, que contaram com a participação de alguns dos espaços existentes à época.

A partir de 2003, os eventos e editais de museus e de popularização da ciência se multiplicaram no Brasil, e criaram mais oportunidades de interação local e de interlocução com outros museus, incluindo os museus universitários. Em 2003, foi criada a Semana Nacional de Museus e, em 2007, a Primavera de Museus. Em 2007, foi aprovada a primeira Política Nacional de Museus (Brasil, 2007), em 2009 foi instituído o Estatuto de Museus do Brasil, e, em 2010, foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). O IBRAM organiza o cadastro dos museus brasileiros e as políticas museológicas nacionais por meio da plataforma *museusbr* (http://museus.cultura.gov.br). A Política Nacional de Museus e o Programa Nacional de Popularização da Ciência e da Tecnologia, do então Ministério da Ciência e Tecnologia criaram um ambiente motivador para o florescimento e fortalecimento dos espaços museológicos e de divulgação da ciência no país e na UFV, reiterado e estimulado nas Semanas Nacionais de Museus, Semanas Nacionais de Ciência e Tecnologia (SNCT) e Primaveras de Museus. Esse conjunto de políticas públicas valorizaram os museus e criaram condições reais para o fortalecimento de suas ações, com uma incrível capilaridade em todo o país.

Enquanto UFV, em 2006, participamos do IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários, em Belo Horizonte, onde conhecemos a Rede de Museus da UFMG, e do 2º Fórum Nacional de Museus, em Ouro Preto, onde interagimos com o Sistema de

Museus de Ouro Preto. Isso nos inspirou a buscar e fortalecer a integração dos museus e centros de ciência da UFV. Assim, em 2007, a articulação local dos espaços da UFV foi efetivamente iniciada com a elaboração de uma proposta institucional para o edital de modernização de museus do Ministério da Cultura/IPHAN (Circuito de museus da UFV: ciência, cultura e cidadania para Viçosa e região). Embora não tenha logrado aprovação, a elaboração conjunta do projeto constituiu importante resultado, pois representou o início da ação integrada entre os museus, e foi a base para a consolidação anual do Circuito de Museus e Espaços de Ciência da UFV, que naquele momento contava com cinco espaços. A partir desse projeto, a interação e a articulação dos museus e espaços de ciência da UFV cresceram a cada ano, estimuladas pelas Semanas Nacionais de Museus e pelas Primaveras de Museus, onde eram realizadas atividades conjuntas, através da iniciativa e organização dos próprios espaços.

Na Primavera de Museus de 2012, estava patente a fragilidade da permanência das ações, decorrente da falta de apoio da UFV aos espaços, o que foi motivo de intenso debate durante o evento. O desafio do apoio aos Museus no âmbito da universidade é um dilema que tem suas raízes em uma espécie de "não lugar" dessas instituições na esfera federal. No Ministério da Educação não há linhas de financiamento para Museus, porque museus são assunto do Ministério da Cultura. E neste, não há apoio aos museus universitários porque as universidades estão vinculadas ao Ministério da Educação. Assim, o apoio aos museus e espaços de ciência universitários é uma decisão política que cabe à administração de cada universidade. Com base nesse entendimento, foi elaborada uma carta documento intitulada "Os museus e espaços de ciência da UFV pedem apoio e atenção". O documento constata que:

> "... as políticas públicas do país nunca estiveram tão abertas aos museus e ofereceram tanto apoio federal e estadual. Se Viçosa estiver pronta no devido tempo, a cidade poderá efetivamente se inserir nesse circuito como polo regional. Conceitual e metodologicamente, os espaços da UFV estão sintonizados com as novas e inovadoras políticas nacionais: estão comprometidos com uma gestão democrática e participativa, formam e empoderam multiplicadores (até mesmo fora das suas equipes), são unidades de investigação e interpretação, bem como ampliam o campo das possibilidades de construção identitária e de percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira."

No documento, foram solicitadas à UFV ações de apoio, suporte e valorização. Entre elas, a garantia de atendimento e condições mínimas de funcionamento, a criação de planos museológicos, a manutenção, a modernização e a acessibilidade de seus espaços, e a criação e formalização de uma instância que congregasse os espaços. A partir de então, o diálogo entre os espaços foi ampliado com o objetivo de identificar as demandas a serem atendidas por ações conjuntas, o que permitiu a implementação de diferentes iniciativas e o aprimoramento dos serviços prestados ao público.

Esse documento foi a base para a criação da Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV (Semec), que ocorreu em janeiro de 2015. No mesmo ano, já foi definida a sua identidade visual, indicadora de sua finalidade e representativa de sua composição, com um logotipo (Figura 8) composto por peças de um quebra-cabeça nas cores da UFV, que representam a articulação de seus museus e espaços de ciência.

Figura 8: Logotipo da Semec.

Em 2019, a SEMEC foi formalizada institucionalmente como órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, com a aprovação de seu regimento pelo Conselho Universitário da UFV. Neste, são considerados museus e espaços de ciência da UFV: museus, espaços e salas de ciência, centros de memória, e áreas protegidas, que oferecem atendimento ao público. Estes espaços, acessíveis ao público, conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins educativos, científicos e culturais, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, ambiental e tecnológico, tendo como finalidade a interação dos espaços através da cooperação e integração de ações na promoção de atividades e eventos de mobilização e comunicação com a comunidade acadêmica e local, não se estabelecendo apenas como espaços para a universidade, mas sim espaços que alcancem a sociedade.

A criação da Semec representou um importante avanço na valorização e potencialização das ações dos museus e espaços de ciência da UFV. Ela foi criada com oito espaços, e no ano seguinte já contava com 12, com o acréscimo de mais um espaço de ciência e três áreas de proteção ambiental. No momento, a Secretaria encontra-se consolidada no meio acadêmico e segue em processo de estruturação, buscando consolidar suas políticas de salvaguarda do patrimônio cultural, científico e tecnológico da UFV, que contribuem para compor a história e a memória da instituição e de suas ações voltadas para o ensino, a extensão e a pesquisa.

A SEMEC E O FORTALECIMENTO DE SUA AÇÃO EXTENSIONISTA E CULTURAL DA UFV

A criação da Semec e o seu reconhecimento institucional se traduziram na destinação de bolsas para estudantes que atuam nos espaços, uma bolsa para cada espaço, desde o ano de 2017. Uma bolsa, entretanto, não garante o atendimento dos espaços, que é complementado com bolsistas de projetos e voluntários.

No início de cada ano letivo, as equipes dos espaços participam de uma atividade conjunta, que consiste em um ou dois dias de visitas a todos os espaços. Essa atividade se consolidou como um precioso ambiente de formação, onde ocorre intensa troca de conhecimentos e reflexão sobre o trabalho desenvolvido pelas equipes nos vários espaços. Os resultados se traduzem no enriquecimento da formação dos estudantes e na ampliação da oferta desses equipamentos culturais às comunidades universitária e local.

A realização de atividades conjuntas vinculadas aos eventos das Semanas Nacionais contribuiu para ampliar a visitação aos museus e espaços de ciência da UFV desde então, como pode ser observado no Quadro 1. O quadro mostra o expressivo e contínuo aumento da visitação aos museus e espaços de ciência da UFV a partir da criação da Semec, em 2015. Mostra também a melhoria do registro de visitação anual dos espaços: em 2014, apenas oito espaços registravam a sua visitação. Em 2019, todos realizaram o registro, já um resultado do trabalho integrado e coletivo, que deixou clara a necessidade dessas informações para o fortalecimento da Semec junto à UFV.

Quadro 1: Número de visitantes dos Museus e Espaços de Ciência da UFV entre 2014 e 2019.

Fonte: Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV, * ano de criação da Semec, s/d: sem dados.

ESPAÇO	2014	2015*	2016	2017	2018	2019
Casa Arthur Bernardes	2.790	2.050	2.341	1.099	fechada	1.108
Herbário VIC	s/d	s/d	457	717	1.589	1.005
Horto Botânico	s/d	s/d	567	963	1071	1.281
Mata da Biologia	s/d	439	s/d	745	1015	1.200
Mata do Paraíso	s/d	s/d	848	875	750	1.100
Museu da Comunicação	400	550	1.200	453	388	819
Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef	2.000	3.116	2.399	3.756	2557	3.657
Museu de Zoologia João Moojen	600	1.020	s/d	3.172	1451	2.808
Museu Histórico e Pinacoteca	2.421	2.811	1.799	1.360	2043	2.310
Parque Interativo de Botânica	250	1.099	1.920	2.940	1882	1.132
Sala Mendeleev	1.766	1.527	2.182	2.751	2483	3.026
Tenda 90ª Semana do Fazendeiro	-	-	-	-	978	322
TOTAL	**10.227**	**12.612**	**13.713**	**18.825**	**16.207**	**19.708**

A realização de eventos anuais em conjunto como a Semana Nacional de Museus, o Circuito de Museus na Semana do Fazendeiro e a Primavera de Museus, além de eventos pontuais (90 anos da UFV, Semana de acolhimento de calouros, etc.) fortaleceu a articulação dos espaços, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2: Número de espaços da Semec participantes nos eventos.

Fonte: Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV, * ano de criação da Semec.

Evento	2014	2015*	2016	2017	2018	2019
Semana Nacional de Museus	-	8	12	12	12	12
Circuito de Museus na Semana do Fazendeiro da UFV	-	6	11	10	10	12
Primavera de Museus	-	6	s/d	9	12	12
Exposição “Você Sabia?”	-	-	-	11	12	-
Instalação Artísitico Pedagógico “Ciência, Cultura e Balbúrdia.	-	-	-	-	-	12

O Quadro 2 mostra o crescimento do envolvimento dos espaços nos eventos conjuntos, embora ainda existam dificuldades na integração e na percepção da importância da atuação em conjunto, por alguns espaços. Nessas ocasiões, os espaços abrem excepcionalmente aos fins de semana e nas férias, o que demanda um esforço adicional das equipes, que se apoia nas redes de solidariedade criadas entre as equipes dos espaços nas atividades de formação e execução conjuntas.

Além dos eventos, a produção conjunta de materiais, exposições e mídias de divulgação contribuiu para a integração dos espaços e o fortalecimento e visibilidade da Semec. Já no primeiro ano da secretaria foi criado o álbum de figurinhas “Descobrindo os museus e espaços de ciência da UFV” (Figura 9a), um material atrativo e envolvente que estimulasse os seus portadores a visitarem e conhecerem todos os espaços. Em 2017, foi concebida e desenvolvida a exposição itinerante “Você Sabia?” (Figura 9b), composta por um objeto representativo de cada espaço, com o objetivo de divulgar os museus e espaços de ciência por meio de chamadas interessantes e curiosas. Em 2019, foi publicado o Guia dos Museus e Espaços de Ciência da UFV Campus Viçosa (Figura 9c), com informações gerais acerca de cada espaço, tipos e duração de visitas e atividades, assim como formas de agendamento e possibilidades temáticas. O Guia tem o objetivo de oportunizar e apoiar escolas de educação básica e demais públicos na visitação aos museus e espaços de ciência da UFV. A produção do guia se deu no âmbito do Plano de Cultura da UFV.

Figura 9: Materiais e exposição produzidos pela Semec: (a) Álbum de figurinhas, (b) Exposição, (c) Guia de visitação.

A realização da ação cultural dos museus e espaços de ciência da UFV se dá na esfera da extensão universitária, e se apoia em três pilares: institucionalização, articulação entre espaços e apropriação pela comunidade. No primeiro, a criação da Secretaria de Museus e Espaços de Ciência da UFV (Semec) em 2015, foi o primeiro passo. A formalização da Semec e o apoio às condições de atendimento dos espaços, embora ainda limitadas, apontam a vontade política da UFV no sentido de realizar a interação social com a comunidade na qual se insere. Ainda assim, muito precisa ser feito, a começar da necessidade de se garantir integralmente bolsistas de atendimento, e deve seguir com a valorização acadêmica dos envolvidos e o apoio material às ações da Semec.

A articulação entre os espaços foi um dos maiores ganhos, ilustrada pela realização de atividades formativas e eventos conjuntos, planejados e avaliados em reuniões periódicas e rotineiras. Isso se traduz na ampliação da oferta desses equipamentos culturais às comunidades universitária e local. É importante ressaltar que há maior participação dos discentes do que dos docentes. Isso está relacionado à pouca valorização que a extensão recebe em relação às demais dimensões do fazer acadêmico, a pesquisa e o ensino. É uma distorção do sistema universitário federal, que pressupõe a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (artigo 207 da Constituição Brasileira), mas não a pratica. É também uma fragilidade da comunidade acadêmica que, em geral, não reconhece a extensão como a dimensão articuladora do ensino e da pesquisa no fazer acadêmico. Ao não reconhecer esse potencial da extensão universitária, a comunidade acadêmica limita o alcance e abrangência de suas ações.

Para os discentes, a modificação da percepção e compreensão do que é um museu ou espaço de ciência é um resultado muito significativo, que enriquece a sua formação pessoal e profissional. E que se concretiza na instrumentalização dos discentes em métodos e técnicas de educação científica e popular, embasadas em um (re)conhecimento consistente das possibilidades de uma ação cultural e educativa.

A apropriação da ação pela comunidade, o terceiro pilar, é o maior desafio, embora o crescimento de quase 50% da visitação aos espaços é um resultado relevante. Os eventos anuais se consolidaram como alternativa cultural para a comunidade acadêmica e, principalmente, para a comunidade local. Ainda assim, a visitação nos finais de semana em que os espaços abrem é baixa. Esse fato está relacionado à percepção por parte da população de que os museus são espaços social e culturalmente distantes que pouco ou nada têm a acrescentar em suas vidas. É fato que um número muito pequeno de pessoas visita algum centro de ciências ou museu a cada ano e, mais ainda no interior, onde esses equipamentos inexistem ou são poucos. Não temos o hábito e, mesmo, a oportunidade, de visitar museus. É uma cultura a ser criada e isso demanda condições que muitas vezes não reunimos. Nesse aspecto, a criação de materiais e mídias de divulgação contribuiu para o crescimento do número de visitantes, com destaque para escolas de educação básica de Viçosa e de cidades do entorno, grupos de estudantes de ensino superior da UFV e de outras instituições da região. O crescimento da utilização dos espaços da Semec pelas escolas de educação básica traz resultados animadores e contribui para o desenvolvimento do hábito de visitar museus e espaços de ciência.

A CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS E ESPAÇOS DE CIÊNCIA DA UFV NA REFLEXÃO DE SUA MEMÓRIA E IDENTIDADE(S)

O relato acerca dos museus e espaços de ciência abertos ao público na UFV nos leva a refletir sobre a memória e a identidade, ou mesmo identidades, da UFV. As memórias da UFV são fortemente vinculadas a agricultura, por esta ser, em si mesma, a essência da gênese da UFV.

A UFV foi instalada em Viçosa, na década de 1920, do século XX, como Escola Superior de Agricultura e Veterinária, e se desenvolveu no sentido de promover uma agricultura moderna, cuja concepção, em geral, tinha pouca relação com a sua região de inserção, onde predominava a agricultura familiar em ambiente de Mar de Morros, ambiente esse inapto à mecanização intensiva, um dos pilares daquela perspectiva de modernização do campo.

Assim, nos damos conta de que a UFV se instalou em Viçosa, em completa desconexão com a cidade e com a região, tanto nos seus fazeres e saberes, como nas pessoas que a protagonizaram. Ela se fundou com um corpo técnico estrangeiro, inclusive ao país, com vários estadunidenses. Obviamente a instalação da instituição na cidade trouxe benesses na geração de trabalho e renda, mas não mirou no desenvolvimento local, para além disso. A cidade e a universidade se desenvolveram separadamente, embora interdependentes.

A desconexão e a separação entre a UFV e a cidade se reflete ainda hoje, concreta e simbolicamente, em seu acesso principal e limite com a cidade, conhecido com Quatro

Pilastras. Estas pilastras trazem impressas em cada uma, quatro palavras, que descrevem o que a UFV faz e propõe, os objetivos que são almejados para os seus pupilos: estudar, saber, agir, vencer. Nas faces das pilastras voltadas para a cidade, as palavras estão grafadas em latim. As pilastras e o latim nos remetem à antiguidade clássica, ao período romano. O latim era a língua utilizada pelas elites intelectuais, naquela época ligadas à igreja, na comunicação da ciência e da religião, excluindo o povo, considerado ignorante, que não se comunicava em latim. No século XVII, Galileu confrontou esse princípio, quando, pela primeira vez, publicou as suas descobertas em italiano, a língua falada pelo povo, ao invés de latim. Por isso, Galileu é considerado o pai da divulgação científica, o religioso cientista que ousou desafiar o elitismo no domínio da produção e da difusão do conhecimento. Como se sabe, Galileu foi condenado ao silêncio pela inquisição, por esta e outras ousadias.

Muito tempo depois, no século XX, a UFV se instala em Viçosa e reproduz aquele padrão, se colocando à parte do povo de sua cidade. Como isso pode ser lido? A primeira percepção é de exclusão daqueles que estão do lado de fora: não se lê, não se entende, não é para vocês! Esses símbolos são, objetiva e subjetivamente, representativos do não pertencimento da UFV à cidade. Esse sentido de pertencimento vem, entretanto, sendo desenvolvido, em especial, a partir de 2003, com a criação e o fortalecimento de políticas de democratização e ampliação do acesso à universidade, onde a UFV passa a receber um número significativamente maior de estudantes da cidade e da região.

Há muito a se refletir sobre essa separação entre a UFV e a cidade de Viçosa, tanto para se entender o processo e suas raízes, como para se buscar a transformação dessa relação. Em seus mais de 90 anos, a UFV pouco olhou para si mesma e para o seu lugar de inserção. Os museus e espaços de ciência, em seus acervos e narrativas, reproduzem isso e têm, dessa forma, a tarefa de iniciar, incentivar e multiplicar a discussão da trajetória da interação da UFV com a cidade e promover a sua contínua reflexão e transformação. Enquanto espaços de memória e de difusão do conhecimento, os museus e espaços de ciência da UFV podem revisitar e reescrever a história, a partir do desvelamento das suas memórias e registros e, assim, estabelecer novas narrativas. De um lado, as histórias que foram escritas sob a perspectiva de poucos, necessitam ser revistas e recontadas, incluindo todos os atores dessa construção, não só os protagonistas. E isso pode ser feito com os acervos e registros existentes nos museus e espaços de ciência da UFV, para além dos arquivos históricos da instituição.

De outro lado, essa reescrita e esse compromisso social é construído e renovado a cada dia pela Semec e seus espaços, que se abrem e se colocam para o escrutínio de seus visitantes, a comunidade local. Os espaços se abrem e se expõem -literalmente- para que a população da cidade possa conhecer e contrapor objetos e narrativas, com

a sua própria história e a da cidade, possibilitando assim, a construção dos sentidos de pertencimento. Para além disso, os museus e espaços de ciência socializam a UFV com a cidade, através de sua ação museal, educativa e cultural. A sua ação educativa e de preservação e conservação da memória da UFV, constrói (e restaura) a(s) identidade(s) da UFV, agora ancoradas em uma efetiva interação com a cidade e a região, realizando o seu papel social. É a articulação dos espaços – juntos, somos mais fortes! – o que consolida e amplia a ação e o potencial desse equipamento cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, a partir de 2003, se constituíram novas perspectivas para as políticas públicas de cultura, através da ampliação do diálogo com a sociedade, ancoradas em uma visão democrática e ampla do entendimento do conceito de cultura (Rocha e Miranda, 2013). A cultura passou a ser assumida como direito do cidadão. Nessa perspectiva, se constitui em espaço de realização da cidadania, de superação da exclusão social e da desigualdade, seja pelo que representa para o reforço da autoestima e do sentimento de pertencimento do povo, seja pela geração direta de renda (Gil, 2003).

O direito à cultura vai se realizar na livre criação e expressão das visões de mundo, modos de vida, línguas, expressões simbólicas e manifestações estéticas das populações brasileiras (Brasil, 2009), onde cabe ao poder público estabelecer condições e prover meios para a sua realização. A responsabilidade de universalizar o acesso dos brasileiros à fruição e à produção cultural também cabe às das universidades públicas.

A UFV já possui a característica de ser uma instituição pioneira em atividades de extensão e cultura na região. A criação de condições para o acesso a equipamentos culturais e científicos como são os museus e espaços de ciência é uma ação extensionista que possibilita a realização efetiva do papel social da universidade, manifestados na democratização do conhecimento e na inclusão social. A inserção dos museus e espaços de ciência da UFV no Programa Mais Cultura buscou resgatar o seu potencial educacional e cultural, enquanto espaços que protegem, reúnem e expõem coleções científicas, que consistem em testemunhos da memória e do conhecimento os quais compõem a identidade e a existência social da UFV.

Os museus universitários ocupam um lugar e um não lugar: Um lugar, que é lugar de sentido, posto que estão em instituições que têm como missão acadêmica e educativa articular o ensino, a pesquisa e a extensão, que são territórios políticos em que se disputam as narrativas dos saberes e da produção do conhecimento. Isso caracteriza uma situação distinta e única no conjunto dos museus. Um não lugar, uma vez que têm dificuldades de serem reconhecidos e assumidos entre a educação e a cultura, o que os

fragiliza e dificulta a sua ação e consolidação. Nessa perspectiva, os museus universitários vivem em constante insegurança institucional, a mercê de administrações e, muitas vezes, personalizados e dependentes. Por isso, a articulação em redes ou sistemas e a sua consolidação são importantes e necessárias. Este tem sido o movimento da Semec.

A participação dos espaços da Semec no Plano de Cultura proposto para a UFV, fomentado pelo Programa Mais Cultura nas Universidades, ampliou e qualificou a sua ação e reflexão. A começar dos registros de atividades e de público que pouco eram feitos, e passaram a ser rotina em todos os espaços. Nesse quesito, o próximo passo é a caracterização do público visitante, que alguns espaços já o fazem, mas ainda não é uma prática corrente. Ela se seguiu na melhoria da estrutura e das condições físicas e da infraestrutura dos espaços, incluindo as condições de conservação e cuidados com as coleções e acervos. Ao mesmo tempo se avançou na construção participativa e dialógica de propostas e eventos em um coletivo composto por coordenadores, servidores, estagiários e voluntários dos espaços. Permanecem os desafios de consolidar as condições de atendimento dos espaços e promover o desenvolvimento de uma cultura de lazer cultural e científico entre a população.

A ação da Semec, no sentido de sua contribuição à realização do papel social da universidade junto à sua comunidade de inserção, se dá por uma *práxis* ampla e diversificada, relacionada à variedade dos espaços que a compõem. O Plano de Cultura da UFV contribuiu na melhoria da estrutura e condições de funcionamento dos espaços da Semec, e com isso fortaleceu a articulação desses espaços e a sua aproximação e apropriação pelas comunidades local e regional. A rotina de ação conjunta dos 12 espaços da Semec aliada a estratégias de mídia e divulgação fomentadas pelo Plano de Cultura da UFV, ampliaram a visibilidade dos museus e espaços de ciência da UFV e resultaram em um aumento significativo do público visitante. Dessa forma, aos poucos são superadas as limitações do acesso ao direito à cultura, a partir da contribuição de equipamentos culturais reais e potenciais, como podem ser os museus e espaços de ciência universitários.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece ao coletivo de sujeitos que realizam e participam das ações que constituem os museus e espaços de ciência da UFV, que foram e são sua fonte de inspiração e de compromisso no trabalho junto à Semec. Agradece à museóloga Chirle Aparecida Gomes, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV pela sua contribuição a esse texto com informações atualizadas sobre a Semec e seus espaços. Agradece a Andriza Andrade, articuladora do Programa Mais Cultura na UFV pela presença, presteza,

apoio e garra na condução do Programa, sempre com um sorriso e a palavra segura de que qualquer dúvida e problema seriam resolvidos: não imagino o Mais Cultura na UFV sem Andriza! Agradeço aos colegas do Comitê Gestor do Plano de Cultura da UFV pelos diálogos e partilhas na concepção e construção das ações coletivas. E, por fim, mas não menos importante, agradece ao povo brasileiro, que por meio dos Ministérios da Educação e da Cultura, apoiou financeiramente a Semec, no âmbito do projeto “ArtCulAção: Arte, Cultura e Ação na UFV – Programa Mais Cultura nas Universidades”.

REFERÊNCIAS

BEETLESTONE, J. G; JOHNSON, C.H; QUIN, M; WHITE, H. *The Science Center Movement: Contexts, practice, next challenges.* Public Understanding of Science, n. 7, 1998.

BRASIL, 2009. *Por que aprovar o Plano Nacional de Cultura.* Conceitos, participação e expectativas. Ministério da Cultura, 85p. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/pnc. Acesso em março de 2015.

CHAGAS, M. S. *Museus, memórias e movimentos sociais.* Cadernos de Sociomuseologia, (41) 41: 5-15, 2012. Disponível em: http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/2654

CHAGAS M. S. *Há uma gota de sangue em cada museu:* a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006. 135p.

FRIEDMAN, A. J. *The evolution of the science museum.* Physics Today (63)10, 45-51 2010, https://doi.org/10.1063/1.3502548

GIL, G. *Palestra do ministro da Cultura, Gilberto Gil, na Catedra Siglo XXI* – BID, WASHINGTON, EUA, 25 de setembro de 2003. Disponível em: http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2004/09/25/palestra-do-ministro-dacultura-gilberto-gil-na-catedra-siglo-xxi-bid/. Acesso em março de 2015.

GOUVÊA, G. MARANDINO, M., & LEAL, M. C. *Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência.* Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA G. *O museu como um instrumento de reflexão social.* MIDAS. 2013; 2:1-15. https://doi.org/10.4000/midas.222

ROCHA, E. S. e MIRANDA, E. de A. *A trajetória das políticas públicas de cultura no Brasil.* Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo, Rio de Janeiro, p. 1-22, 2013. Disponível em: http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2013/Trabalhos. Acesso em novembro de 2013.

MARANDINO M. 2009. *Museu como lugar de cidadania.* In: Museu e escola: educação formal e não-formal. Ministério da Educação. 36p.

VALENTE M. E. A. *O museu de ciência: espaço da história da ciência.* Ciência & Educação, 11:53-62. 2005. https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000100005

PINTO J. R. *O papel social dos museus e a mediação cultural:* conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal. Palíndromo, 7: 81-108, 2012.

LÚDICO, INFÂNCIA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS.

Esther Giacomini Silva[1]
Mariani Luzia da Silva Soares[2]

INTRODUÇÃO

O lúdico tende a ser definido tão somente como instrumento recreativo. Ainda que válido, tal procedimento minimiza a sua potencialidade enquanto eliciador de produção e expressão cultural. Esta circunstância induz a uma urgente tarefa de ressignificá-lo, subsidiando articulações diferenciadas com a educação escolar, a partir de um direcionamento do olhar investigativo para as unidades públicas de ensino e as práticas pedagógicas presentes. Pautada pelas contribuições de estudos que vêm apontando para a relevância do enfoque sobre a rotina das instituições de educação (BATISTA, 2004; BARBOSA, 2004; BARBOSA, 2006; OLIVEIRA et al., 2008), nota-se na literatura, recorrentemente, os desencontros entre o que é proposto pelas instituições e seus profissionais e as ações das crianças. Esses estudos destacam o potencial criativo de cultura e a imaginação que possibilita às crianças explorarem as situações que lhes são propiciadas, mas que são impedidas em uma rotina pouco flexível, ritualizada, onde a resistência e a tensão entre o vivido e o proposto emergem. Também é constatada que, em nossa sociedade, há profusão de discursos sobre a ludicidade, mas as práticas são limitadas. Intervir sobre esse quadro pressupõe "profissionais de educação com competências e condições estruturais para acompanhar, observar e dar suporte às atividades de produção de conhecimento das crianças, então definidas como seres ativos" (KISHIMOTO, 2005, p. 69-70) e o lúdico, um recurso interdisciplinar.

Para esse olhar mais abrangente, sobre as possibilidades do lúdico na infância, foram incorporadas as contribuições produzidas a partir das análises de experiências que partem das articulações possíveis do lúdico com a educação escolar (VALLE et al., 2000; CARVALHO e VIEIRA, 2005; BATTISTEL e ROSSATO, 2001). Nesse sentido a opção por

---

[1] Professora Doutora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Psicologia e Pedagogia. Atua na área de Psicologia e Educação Especial.
[2] Graduada de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), ex-bolsista PIBEX.

buscar uma maior articulação da Ludoteca da Universidade Federal de Viçosa (UFV) com o sistema público de ensino da microrregião de Viçosa/MG também foi subsidiada pelas análises das práticas educativas que tem lugar no dia a dia das unidades escolares. Para isso, serviram como fonte inicial, pesquisas sobre as condições apresentadas pela rede pública de ensino, em trabalhos monográficos por alunos do curso de Pedagogia (Graduação) e Educação (*Lato Sensu*) da UFV, vinculados ao Grupo de Políticas Públicas da UFV. Em comum, esses estudos apontam para um dos temas privilegiados no debate social sobre a educação da infância: a formação do profissional. A formação docente é uma questão recorrente tanto pelos ingressos no curso de Pedagogia (SANTOS; CARDOSO, 2015) quanto dos que exercem a profissão, motivo de ser eleita para um enfoque específico neste projeto que visa a subsidiar a elaboração e o aperfeiçoamento das propostas de intervenção social partindo de questões culturais aprendidas e vivenciadas no âmbito escolar. Ao ressignificar essas questões, pressupõe-se que o graduando precisa de reflexões sobre práticas e saberes lúdicos, para que em sua atuação essa articulação possa ocorrer. Se a reflexão de aspectos da realidade devem ser presentes na formação do graduando, por outro lado, é importante que o professor que atua com educandos dos anos iniciais e infantil também tenha essa compreensão e possa utilizar em sua prática pedagógica. Assim, o professor que está disposto a ampliar a sua percepção de mundo e prática pedagógica vislumbra em uma compreensão da ludicidade uma forma de ampliar o seu autoconhecimento, com suas limitações e possibilidades, e valorizar a importância de brinquedos e jogos (SANTOS, 1997) no âmbito de sua atuação com os seus educandos.

Ao se olhar a partir de uma perspectiva sistemática e dirigida por essas questões, para as práticas educativas que tomam o lúdico como tema, realizar atividades que contemplem as possibilidades do lúdico na educação da infância é uma forma de contribuir para a constante ampliação dos conhecimentos disponíveis, desvelando, ainda que preliminarmente, o quanto de senso comum está presente entre os sujeitos envolvidos com o universo educacional no qual a infância vem sendo incorporada. Tal empreendimento delineia-se como necessário, uma vez que pode listar os limites presentes e que são apontados pelos sujeitos, bem como sistematizar os potenciais que vislumbrados na relação lúdico e educação.

Na busca de mobilizar os professores para a relação lúdico e educação juntamente com as análises da experiência com as visitas dos estudantes à sede da Ludoteca (campus UFV), foi elaborado um projeto voltado especificamente para alcançar os profissionais da educação e os alunos no dia a dia das unidades de ensino: a Ludoteca Itinerante (OLIVEIRA et al., 2005 e 2008). Com a implementação do projeto ora apresentado, buscou-se ampliar as ações da Ludoteca, com a reflexão dos professores da educação infantil e anos iniciais sobre o lúdico, trabalhando com as questões sobre a diversidade cultural entre outras,

voltada a desmistificar os estereótipos arraigados nas várias manifestações vividas ou aprendidas no ambiente escolar. Como afirma Mendonça (2008), esta experiência do lúdico pelo professor favorece uma exploração criativa pelos seus alunos, repassando uma experiência que viveram. Ao mesmo tempo, contempla-se uma vivência lúdica para os seus alunos oportunizando experienciar brincadeiras que além da diversão promovem conhecimentos de assuntos que são parte de seu cotidiano. De modo complementar, essas ações serão uma experiência de aprendizado para os alunos da graduação, bem como auxiliará na produção de conhecimento do Grupo de Políticas Públicas da UFV e no grupo de pesquisa "Infância, lúdico e educação", na sua atuação na Ludoteca da UFV em atividades de extensão, ensino e pesquisa, fortalecendo, assim, a relação lúdico/educação. Essa articulação é composta de estudos de pesquisas sobre o tema lúdico e educação nas reuniões semanais de toda a equipe, bem como no acompanhamento dos trabalhos de conclusão de curso e de pesquisa.

LUDOTECA UFV

A Ludoteca/UFV funciona em uma casa na Vila Gianetti, campus de Viçosa. É um espaço com brinquedos, salas temáticas de artes e dramatização, além de área externa para brincadeiras variadas, onde as crianças podem desfrutar de vivências artístico-culturais, descoberta e exploração da ludicidade. Nesse espaço funcionam projetos vinculados aos Departamentos de Educação, Educação Física e apoiados pela Pró-Reitoria de Extensão/Divisão de Extensão da UFV. Para a realização das atividades, é necessário que a escola solicite à Ludoteca UFV um agendamento na sede ou itinerante.

A organização dessas atividades têm uma contextualização visando, de um lado, temas da cultura e educação, e com isso, abordando questões que envolvem pré-conceitos e ações discriminatórias historicamente construídas, como as questões da afrodescendência, deficiência entre outros. Por outro lado, com a presença do professor neste momento torna-se oportuna uma discussão sobre o lúdico e suas potencialidades no ensino em geral, e, de modo mais específico, para a discussão de temáticas que estão presentes tanto no ambiente familiar como escolar, como características físicas de protagonistas das histórias infantis, a composição familiar, questões estas problematizadas de forma superficial ou a partir de visões estereotipadas e opiniões preconceituosas. Nota-se que, embora se constitua um interesse dos professores atuar com a ludicidade, na prática, as oportunidades de vivenciá-la são específicas de um nível educacional, o infantil, ou então, como componente apenas recreativo sem maiores articulações com o ensino. Essa dificuldade dos professores presente no dia a dia da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental é corroborada por pesquisas que apontam a ocorrência

em parte, por uma carência de situações e estudos durante a formação das profissionais para exercer na sua prática educativa (BARBOSA, 2004) ou, uma valorização excessiva de atividades conteudistas e pouco lúdicas ficando estas, relegadas a uma ação esporádica e pouco valorizada no desenvolvimento da criança (KISHIMOTO, 2005). Essas concepções e práticas demonstram a carência de dimensões ampliadas da ludicidade na educação e que atendam às demandas por uma qualidade na educação da infância.

Frente a essas questões, o Projeto lúdico, infância e prática pedagógica: articulações possíveis, que está vinculado à Ludoteca UFV tem como proposição mobilizar os professores da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental de Viçosa e microrregião para as potencialidades do lúdico em suas práticas educativas nas discussões culturais realizadas com seu alunado. Entre os objetivos do Projeto estão: sistematização de subsídios aos professores sobre o conceito de ludicidade e sua articulação com a educação da infância; difusão das formas de expressão do lúdico com suas peculiaridades e usos nos espaços sociais; implementação de atividades lúdicas pelos professores voltadas para a divulgação deste Projeto junto aos alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental; entrega e demonstração do material com sugestões de atividades lúdicas aos professores para o desenvolvimento das questões temáticas sobre a diversidade nos vários contextos sociais.

AÇÕES DO PROJETO

As atividades desenvolvidas na Ludoteca UFV são ofertadas no decorrer do ano, mediante agendamento prévio feito pela escola de turmas com idades de 02 a 12 anos de idade.

No desenvolvimento deste Projeto, acerca do trabalho com a diversidade cultural, étnica, física e social nas práticas escolares a partir do lúdico, direcionado aos professores das redes escolares públicas de Viçosa e microrregião, as ações são desenvolvidas em dois momentos: um voltado para a realização de atividades com as crianças e outra, simultaneamente, com os professores desses alunos.

Na ação com os docentes é disponibilizado um material escrito (Figura 1) contendo o nome de uma história infantil relacionada a uma temática da diversidade cultural e outras. A partir da história são feitas discussões da bolsista com os professores (Figura 2) sobre as possibilidades de se trabalhar em vários formatos a construção de uma aula lúdica, como uma sequência didática, com a sugestão de atividades como: dinâmica de interpretação de história com os alunos, feito pelo professor; atividade artística com tinta, sucata, colagem, teatro e música; produção de texto coletivo oral ou escrito e as possibilidades de adaptação junto as pessoas com necessidades educacionais especiais;

variações de estilos na contação de histórias com apresentação de fotos e outros materiais. No decorrer do diálogo com o professor é enfatizada a importância de que o trabalho seja desenvolvido durante a semana com as crianças, em diversas atividades pedagógicas com o tema escolhido, como da diversidade étnica-cultural, por exemplo. Simultaneamente, os alunos destes professores são acompanhados nas brincadeiras e atividades artísticas por estagiários e bolsistas de outros projetos que integram a Ludoteca UFV[3].

Figura 1: Material escrito para os professores

Figura 2: Apresentação do material aos professores

Fonte: dados do projeto.

Tanto a atividade com os professores quanto com os alunos tem uma avaliação, sendo para os professores no formato de questionário. Além dos dados de sua formação, atuação docente, indicação de trabalho pedagógico na sua turma com a ludicidade e temas como diversidade étnica e social, pessoas deficientes, há questões sobre a apreciação do projeto, a saber: interesse em trabalhar as sugestões do projeto na escola, sugestões para o aperfeiçoamento do tema e interesse em participar de cursos sobre a diversidade cultural e social utilizando a abordagem lúdica. Estes dados permitem uma melhor adequação dos temas e busca de outros materiais complementares para outras oficinas. Com as crianças a forma de avaliação é oral, elas indicam o que mais gostaram; o que não gostaram; se desejam voltar à Ludoteca; sugestão de brincadeiras ou histórias. Os registros são anotados para posterior análise nas reuniões semanais de planejamento e avaliação das atividades, estudos teóricos pelos graduandos estagiários, bolsistas e professores que coordenam os projetos.

---

[3] Os projetos em desenvolvimento são: "Rompendo o silêncio escolar e redimensionando as relações étnicas na infância", coordenado pelas Profª Ms. Natalia Rigueira Fernandes e Profª Drª Leci Soares de Moura e Dias, ambas do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa; "Produzindo brinquedos educativos com recursos alternativos: promovendo experiências pedagógicas, lúdicas, culturais e artística", coordenado pela Profª Drª Silvana Cl audia dos Santos, Departamento de Educação UFV.

A avaliação dos estagiários e bolsistas que integram a equipe tem como critérios a assiduidade, pontualidade, cumprimento das funções sob sua responsabilidade, participação nas reuniões de equipe com críticas e sugestões que após análise são colocadas em prática as que tem relevância. Ainda, a participação de cada pessoa que integra a equipe será objeto de avaliação pelos demais membros do Projeto, no aspecto de participação, sugestões, indicação de novos materiais de leitura ou artísticos, oportunizando o aperfeiçoamento da integração das atividades à formação profissional de cada um.

Nesse sentido, as várias fases do projeto buscam articular sujeitos e objetivos, em que o lúdico por seu caráter multifacetado de compreensão e aplicação permite o desenvolvimento das pessoas por meio da experimentação de novos conhecimentos, síntese das ações integradas de ensino, pesquisa e extensão aqui exercidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta experiência formativa foi desenvolvida com os professores das escolas públicas de educação infantil e anos iniciais do Município de Viçosa e microrregião, como, Cajuri, Canaã, Coimbra, Ponte Nova, São Miguel do Anta, Teixeiras, que participaram das atividades na Ludoteca UFV e Ludoteca Itinerante, conforme quadro 1.

Quadro 1: Participantes do Projeto na Ludoteca UFV sede e itinerante

Fonte: Dados do projeto, 2018.

ANO	Professores de Educação Infantil e Anos Iniciais	Crianças de 2 a 12 anos	Escolas
2016	30	941	17
2017	34	1069	18
2018	16	1140	08

Nos anos de 2016 e 2017, conforme mostrado no quadro 1, houve um aumento de alunos e professores. No ano de 2018, o número de professores foi menor, porque só participaram das oficinas os que não haviam feito em outras visitas, uma vez que a escola e os professores costumam agendar visitas anuais à Ludoteca UFV. Outros resultados obtidos durante a realização do Projeto com os professores foram:

– motivação dos docentes no momento da realização das oficinas para trabalhar de forma lúdica com seus alunos questões sobre a diversidade, como a valorização da cultura negra, a partir de histórias infantis e atividades dentro de sala de aula; demonstração de interesse dos professores em implementar as atividades propostas em suas aulas;

– disseminação de conhecimento literário sobre questões variadas da diversidade

cultural e social, com a valorização das diversas manifestações da cultura, nas várias vertentes no espaço escolar;

– valorização do lúdico no espaço escolar pelos profissionais docentes que foi verificado pela busca de novos agendamentos dos professores na Ludoteca UFV e relatos de experiências com o material fornecido.

Foi observado que a disponibilização de material foi um importante recurso para subsidiar as primeiras investidas dos professores para uma implementação de uma aula lúdica com temas que eles consideram menos preparados para abordar com seus alunos, como estereótipos sociais sobre família, afrodescendência entre outros. Essa situação condiz com as dificuldades apontadas por Barbosa (2004) sobre as limitações das práticas educativas dos professores no âmbito de temas e emprego da ludicidade. Com o uso desse material também a ludicidade passou a ser valorizada e buscada com novos agendamentos de visita. Ao participaram das oficinas, os professores puderam ver o alcance das ações lúdicas com as crianças nas propostas de abordagem de temas culturais e, ao mesmo tempo, as crianças puderam experienciar outras visões culturais desmistificando os estereótipos da sociedade.

Quanto aos graduandos, notou-se a ampliação do seu universo de formação com as atividades do projeto por meio de leituras, reflexões, planejamento e execução das ações com alunos e professores. O composto de material de estudo, discussões reflexivas e atividades com a comunidade por meio de alunos e professores promovem uma educação como prática social integrativa, em que tanto o integrante da equipe (graduandos, professores coordenadores), quanto os participantes das ações (alunos e professores) desenvolvem seus conhecimentos nesta área. Os próprios componentes da equipe têm a oportunidade de enriquecer sua formação profissional com as vivências de situações diversificadas, raramente inseridas nos conteúdos disciplinares e, ao mesmo tempo, articular teoria e prática. Demanda essa necessária para a formação docente inicial e continuada (SANTOS; CARDOSO, 2015). Corroborando com essa busca, foram recebidos na Ludoteca UFV em 2018 licenciandos de outras faculdades de Viçosa e Região (30) interessados na proposta formativa desenvolvida com os professores da região.

Além das ações desenvolvidas no Projeto, a Ludoteca UFV também participa da Semana do Fazendeiro, o maior evento da UFV na área de Extensão, onde há oferta de cursos voltados ao setor agropecuário e exposição de produtores, mas também outros projetos são divulgados. Na Semana do Fazendeiro de 2018, a Ludoteca UFV realizou várias atividades lúdicas, sendo recebidas 450 crianças e, em 2019, foram recebidas 1.308 crianças. Outra ação que também se destaca é a realizada em comum com a Pinacoteca da UFV, como o Dia Mundial do Brincar, onde estiveram presentes 300 crianças em 2018 e 630 em 2019. Nesses eventos que ocorrem fora da sede da Ludoteca UFV, é possível

divulgar o trabalho realizado com as escolas, resultando no interesse de escolas de outros municípios em conhecer o espaço e as atividades.

O alcance de todas essas ações é de caráter formativo multiplicador, tanto para os professores, pois favorece que esses conhecimentos adquiridos tornem-se de fato presentes no seu fazer pedagógico, repercutindo na vida de cada participante nos vários ambientes que ele convive. Tal experiência é o dever que a Universidade deve possibilitar ao articular conhecimento, atitudes e reflexão na realidade vivida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As várias situações aqui referenciadas possibilitam ver a Universidade com um importante papel formativo tanto do seu graduando como do público a quem oferece essas atividades. Dessa forma, promove a reflexão das práticas educativas, suscitando outros temas emergentes das ações vividas para a pesquisa, fortalecendo o tripé ensino, pesquisa e extensão, consolidando uma formação diferenciada para os seus graduandos e ampliando experiências significativas às pessoas da comunidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força:* rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006. 240p.

BARBOSA, M. I. G. *Infância, espaço e tempo:* o cotidiano da educação infantil. Viçosa, 2004. 46 f. Monografia (Especialização em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2004.

BATISTA, R. A rotina no dia a dia da creche: entre o proposto e o vivido. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, *Anais* 24, 2004, Caxambu. Disponível em: http://www.anped.org.br/24/T0759014623249.doc. Acesso em: 03 out 2018.

BATTISTEL, A. L. H. T. e ROSSATO, V. M. C. LLUPED – Laboratório de Ludopedagogia. In: SANTOS, S. M. P (org.) *A ludicidade como ciência.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

CARDOSO, M. C. *Baú de memórias:* representações de ludicidade de professores de educação

infantil/Programa Pós-Graduação-Mestrado em Educação/FACED/UFBA. –2008.170 f.
CARVALHO, A. e VIEIRA, T. Laboratório do brincar. Curso, percurso, ações e reflexões sobre o brincar. In: *Brincar(es).* Carvalho, A.; Salles, F.; Guimarães, M.; Debortoli, J.A. (orgs.). Belo Horizonte: Editora UFMG; Pró-Reitoria de Extensão/UFMG, 2005.

SANTOS. F da S.; CARDOSO, M. C. *O lúdico e a formação docente na universidade.* Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_320_f762861fc8b7f4b4f2a833c0a48f138e.pdf Acesso: 15 ago. 2019.

KISHIMOTO, T. M. O brincar e a linguagem. In. Faria, A. L. G. de e Mello, S.A. (orgs.). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MENDONÇA, J. G. R. *Formação de professores:* a dimensão lúdica em questão. Disponível em: http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/55/48 Acesso em: 18 ago. 2019.

OLIVEIRA, M. R. P. et alii. Campus, campo, cidade ... itinerários de uma ludoteca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL EM ESTUDOS DA CRIANÇA, 1., 2008, Braga. *Anais...* Braga: Universidade do Minho, 2008b, p.1–15.

OLIVEIRA, M. R. P. et al. *Para além do campus:* a experiência da Ludoteca Itinerante da UFV. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v.3, n.2, jul-dez 2005.

SANTOS, Santa Marli Pires dos (org). *O lúdico na formação do educador.* Petrópolis: Vozes, 1997.

SANTOS, F. da S.; CARDOSO, M. C. *O lúdico e a formação docente na universidade.* 2015, p.1-11. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_320_f762861fc8b7f4b4f2a833c0a48f138e.pdf. Acesso em: 01 out 2018.

VALLE, M. C. C. et al. Programa Ludoteca UEL: uma experiência na criação de espaços lúdicos em diferentes contextos. In: SANTOS, S. M. P. (org.) *Brinquedoteca:* a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA** MINISTÉRIO DO **TURISMO**

editora catarse®